

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ - UECE
CENTRO DE HUMANIDADES
MESTRADO ACADÊMICO EM HISTÓRIA E CULTURAS –
MAHIS

JUCILANE DE SOUSA CARLOS

DO CHAPÉU DE PALHA AO BONÉ: A RELAÇÃO
RURAL-URBANO NO SÍTIO ESTRADA, IGUATU – CE
(1960 – 2000).

FORTALEZA
2011

JUCILANE DE SOUSA CARLOS

**DO CHAPÉU DE PALHA AO BONÉ: A RELAÇÃO RURAL-URBANO NO
SÍTIO ESTRADA, IGUATU – CE (1960 – 2000).**

Dissertação apresentada ao Programa de
Mestrado Acadêmico em História do
Centro de Humanidades da Universidade
Estadual do Ceará, como requisito
parcial para obtenção do grau de Mestre
em História.

Área de Concentração: História e
Culturas

Orientador: Profº Dr. Erick Assis de Araújo

FORTALEZA
2011

C284d

Carlos, Jucilane de Sousa

Do chapéu de palha ao boné: a relação rural-urbano no Sítio Estrada, Iguatu-CE (1960-2000) / Jucilane de Sousa Carlos. — Fortaleza, 2011.

126 p. ; il.

Orientador: Prof. Dr. Erick Assis de Araújo.

Dissertação (Mestrado Acadêmico em História e Culturas) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades.

Área de concentração: História e Culturas.

1. Rural e Urbano. 2. Cultura Material. 3. Espaço e Lugar. 4. Memória. 5. Hibridismo. I. Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades.

CDD: 981.31

JUCILANE DE SOUSA CARLOS

**DO CHAPÉU DE PALHA AO BONÉ: A RELAÇÃO RURAL-URBANO NO
SÍTIO ESTRADA, IGUATU – CE (1960 – 2000).**

Dissertação apresentada ao Programa de
Mestrado Acadêmico em História do
Centro de Humanidades da Universidade
Estadual do Ceará, como requisito
parcial à obtenção do grau de Mestre em
História.

Área de Concentração: História e
Culturas

Orientador: Profº Dr. Erick Assis de Araújo

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Profº Dr. Erick Assis de Araújo (Orientador)
Universidade Estadual do Ceará - UECE

Profª Dra. Zenilde Baima Amora
Universidade Estadual do Ceará - UECE

Profº Dr. Antonio de Pádua Santiago de Freitas
Universidade Estadual do Ceará - UECE

Ele, por ser o único Deus, sonhou
comigo e por ser Pai concretiza o sonho.
Ciloni Carlos de Sousa, mais que mãe,
minha heroína. Meu pai, irmãs e
sobrinhos.

AGRADECIMENTOS

Aos que souberam segurar na minha mão e contribuíram nessa árdua caminhada. Os obstáculos foram minimizados e hoje o passado adquiriu formas de presente!

A família por acreditar, incentivar e fortalecer minha escolha. Mamãe, Ciloni Carlos de Sousa, obrigada por entender que na educação há possibilidades de mudança social, pelas várias entrevistas e esclarecimentos de dúvidas, as vezes por telefone, sobre os comportamentos rurais. Papai, Francisco Juciel de Sousa, obrigada pelas lições de vida. Irmãs, Jucilene de Sousa Carlos e Silva e Jéssica Elisabeth de Sousa, obrigada pelo companheirismo e valorização da minha pessoa. Sobrinhos, Gerline Sousa Silva e Gabriel Inácio de Sousa e Silva, o sorriso e o abraço de vocês acalentaram por muitas vezes meu cansaço e a distância familiar.

Tia Zildeth e seu esposo, carinhosamente Tio “Loiro”, moradores do Sítio Estrada, mais que abrir as portas de vossa residência para minha permanência no Sítio nos dias de pesquisa, vocês abriram as portas de suas vidas. Filhos e noras que gentilmente compartilharam histórias. Vocês indicaram os rumos para caminhar dentro do Sítio, possibilitaram o elo com os entrevistados e me fizeram enxergar muitos dos detalhes do fazer rural, pois sentar no alpendre ou assar castanha de caju com tio Loiro, me fizeram perceber as minúcias de cada história, desvendar hábitos, entender escolhas e mais ainda respeitar e admirar os moradores desse espaço.

Homens e mulheres, idosos, adultos, jovens e crianças, moradores do Sítio Estrada, esse trabalho é de vocês! Parabéns pela garra e coragem de encarar os desafios da vida rural brasileira, o tempo árduo passou, que bom que as lembranças ficaram. Enquanto historiadora, as ferramentas utilizadas foram mínimas diante de toda a história de vida que o baú de vossas memórias me possibilitou conhecer. Agradeço a confiança em relatar suas histórias, me permitir entrar em sua privacidade e pela acolhida com café e bolo de milho servido durante as entrevistas. Fica aqui o registro impresso de vossas lutas e conquistas nas construções do fazer rural no Sítio Estrada.

Primos, como Michel Oliveira, em todos os momentos que solicitei dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Gerciano Freitas, pessoa que muitas vezes me deu seu tempo para discutir a pesquisa, além de ser mais um

incentivador dessa conquista. Gilmar Limeira articulou muitas oportunidades no Sítio Estrada. Obrigada!

A família Torres Freitas - Dijalma Batista de Freitas e Lucineide Penha Torres de Freitas, filhas Sarah Torres de Freitas e Bruna Torres de Freitas, pessoas que amavelmente abriram as portas de seu lar para minha permanência em Fortaleza. Dijalma e Neide, também professores e pesquisadores, seja Deus o multiplicador de vossos dias em paz e sucesso. Sarah e Bruna, saudades das tardes e noites jogando bola no condomínio.

A Escola Regular e Universidades – UVA, URCA e UECE, Instituições Públicas, que na qualidade de suas funções construíram essa cidadã e pesquisadora. Aos homens e mulheres outrora meus professores, desde o jardim da infância á academia, o exercício de vossa profissão é parte formadora da pessoa que tornei-me.

Aos Pesquisadores/Professores que acreditaram na pertinência dessa pesquisa, Profº Dr. Erick Assis de Araújo, Profª Dr. Silvia Márcia Alves Siqueira e Profª Zilda Maria Menezes Lima, banca examinadora deste projeto na seleção ao Mestrado em História Cultural – MAHIS/UECE.

Ao Profº Dr. Erick Assis de Araújo, mais que orientador, um encorajador à pesquisa, mais que um professor, um educador para a vida. As indicações, as advertências, conselhos, a forma como especificou as fontes e escrita possibilitaram este trabalho final. Sinceros agradecimentos!

Aos professores que compõem está banca de defesa, Dra. Zenilde Baima Amora, vossa presença e contribuição como leitora qualifica o trabalho. Dr. Antonio de Pádua Santiago de Freitas sua participação na caminhada dessa pesquisa ocupa espaço da qualificação à defesa. É devido a sua leitura esmiuçada, ainda na qualificação, que sugestões valiosas foram proporcionadas nas reformulações realizadas, assim como a objetividade harmoniosa da escrita foi desencadeada. Professores, vossa interferência acadêmica nessa pesquisa dignifica a produção historiográfica brasileira contemporânea, grata!

Aos professores deste Curso de Mestrado que através das aulas oportunizaram o amadurecimento das minhas análises. Ao Centro de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, financiadora deste curso.

Minha turma de colegas no mestrado, mais que uma turma, companheiros e companheiras de pesquisa, mais que colegas, como diz a canção: “amigos para sempre”.

Saudosa lembrança da continuidade de nossas aulas e construção da amizade pelos intervalos de almoço, fila do Restaurante Universitário - R.U., corredores da UECE, naquela “28” lotada, quando dos congressos e refeições no apartamento do Felipe. Ah, se o Bairro do Benfica falasse, ouviríamos o eco das vozes de Ana Flávia Goes Morais, (Flavinha, você foi usada pelos céus para prover meus dias, Deus te abençoe), Alex Alves de Oliveira, Karla Torquato dos Anjos Barros, Vilarin Barbosa Barros e Felipe da Cunha Lopes (pela lapidação do meu objeto de pesquisa, condução de leituras e escrita, os momentos que ouviram meus relatos, as sugestões e companheirismo que se espalharam aos dias atuais), Raquel Caminha Rocha, Camila Imaculada Silveira Lima, Letícia Lustosa Lima e Raimundo Alves de Araújo. Colegas de curso, amigos para a vida, contribuíram com minha estadia na capital e amenizaram a ausência da família. Queridos/as, muito obrigada!

Gardevânia Farias, amante da história igatuense. Encontramo-nos em sala de aula, você como minha aluna, mas nos ditames da pesquisa, você foi a professora. Cedeu livros, imagens e textos, você tem valor tremendo na construção desse trabalho. Estabeleceu acesso ao sr. Wilson Holanda Lima Verde para entrevistas. Sinto-me honrada em compartilhar o labor de pesquisadora com você. Obrigada e Parabéns!

Sr. Wilson Holanda Lima Verde, igatuense apaixonado por sua terra. Desde a graduação a aproximação me ofereceu conhecer aspectos da história desse município que ainda não foram impressos. Aqui, nessa pesquisa, as entrevistas que cedeu, trouxe vasto conhecimento, tirou dúvidas e arrematou características próprias de quem viveu a história. Meu reconhecimento por sua generosidade e dedicação eximia em publicar sobre os filhos e filhas dessa terra.

Inestimáveis colegas de trabalho cearenses e maranhenses, obrigada! Fernanda Helena Cutrim, pelos momentos que pude discutir minha escrita, os questionamentos levantados, os esclarecimentos e contribuições diretamente na escrita desse texto.

Tento não cair nas teias do esquecimento e estendo a você que generosamente viveu este sonho comigo, compartilhou risos e lágrimas, aventuras e desventuras!

Sinceros Reconhecimentos!

RESUMO

Esse trabalho realiza uma análise das relações entre o urbano e o rural, estudando dentro dessa relação as práticas do fazer rural no Sítio Estrada, Distrito de José de Alencar no Município de Iguatu – CE entre os anos de 1960 a 2000. A produção historiográfica sobre essas duas categorias permite conhecer, entre outras questões, as motivações para a rápida urbanização brasileira a partir da segunda metade do século XX. Tal processo gerou práticas, modificou espaços e trouxe técnicas. A partir da fala de moradores, análise de objetos da cultura material, exame de imagens, leitura de dados estatísticos e demais fontes foi possível investigar as implicações de uma prática rural imbricada no processo de urbanização mais amplo. É preciso considerar que mesmo dentro de um cenário micro esta abordagem desencadeou interações sociomateriais, socioeconômicas e socioespaciais. O fazer rural mostrou-se além das vivências com agricultura ou pecuária, as relações de homens e mulheres com o espaço urbano e que trouxeram alterações na percepção de tempo, sobre o uso de objetos, na execução de atividades, assim como na mobilidade espacial e informacional que romperam limites geográficos. Bem mais que diferenciações, o universo rural se articula com o urbano e a análise integrada de ambos demonstrou como pensar em complementações e estranhamentos. Ações sob o espaço geradoras de práticas híbridas para comer, beber, cozinhar, morar, rir, trabalhar, cultivar, estudar, vestir, namorar, casar, comprar e outros. Finalmente, moradores da área rural responderam o que é ser rural usando descrições além das possibilidades de recursos geográficos e econômicos, fazendo valer a produção deste conhecimento pela metáfora de uma teia, onde se entrecruzam vários saberes.

Palavras-chave: Rural e Urbano. Cultura Material. Espaço e Lugar. Memória. Hibridismo.

ABSTRACT

This work does an analysis of relations between urban and rural, this study compared the practices of the doing country of the Estrada farm, Jose de Alencar District of the Iguatu City – Ceará State – Brasil between the years 1960 to 2000. The historiographical production about these two categories allows us to know, among other things, the reasons for the rapid urbanization in Brazil from the second half of the twentieth century. This process has generated practices, has modified places and has brought techniques. Based in the speech of residents, analysis of objects of material culture, testing pictures, reading statistical data and other sources was possible to investigate the implications of a rural practice built into the broader urban process. It's necessary consider that even in the micro scenario this approach triggered socio materials interactions, socioeconomic and socio-spatial. The practice rural has proved beyond experiences with farming or ranching, the relations of men and women with the urban space and brought changes in the perception of time on the use of objects, in execution of the activities, as well as spatial mobility and informational broken geographical limits. Much more than differences, the universe is linked to the rural and urban and the integrated analysis of both showed how to think about additions and estrangements. Actions under the scope of practice generating hybrid to eat, drink, cook, live, laugh, work, cultivate, study, dressing, dating, marriage, buy, and others. Finally, residents of rural areas answered what is to be rural using descriptions beyond the possibilities of geographic and economic resources, enforcing the production of this knowledge through a web metaphor, where various knowledge intersect.

Keywords: Rural and Urban. Material Cultur. Space and Place. Memory. Hybrid.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	Sítio Estrada	52
FIGURA 2	Estação de trem de Iguatu em 1910	56
FIGURA 3	Sítio Estrada: Tanque para resfriamento do Leite	58
FIGURA 4	Sítio Estrada: Caminhão recolhendo o leite do tanque de Resfriamento	59
FIGURA 5	Sítio Estrada: Vaqueiro na moto conduzindo boiada	60
FIGURA 6	Pilão, um artigo de decoração	84
FIGURA 7	Pilão, apoio para subir em árvores ou poleiro para galinhas	85
FIGURA 8	Festa da Padroeira do Sítio Estrada	92

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1	Percentual da População Nacional e Estadual no seu total, na área urbana e área rural	67
GRÁFICO 2	Estados do Nordeste Brasileiro por Nascimento – 1991 – 2000	68
GRÁFICO 3	Distribuição da população iguatense no seu total, na zona urbana e zona rural	69
GRÁFICO 4	Distrito de José de Alencar – População Total, Urbana e Rural	70

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	10
LISTA DE GRÁFICOS	11
INTRODUÇÃO	13
1 ALGUNS PERCURSOS NAS REFLEXÕES ENTRE URBANO E RURAL	34
1.1 Da literatura aos sujeitos, o olhar sobre cidade, urbano, campo e rural	34
1.2 Caminhos da Relação entre Urbano e Rural	45
1.3 Movimentações entre Espaços, Práticas e o Fazer Rural	51
2 NAS TEIAS DA MEMÓRIA: O SÍTIO ESTRADA NA FALA DE SEUS MORADORES	65
2.1 A microhistória num balanço regional e local para urbano e rural	65
2.2 O Processo de Constituição da área rural: Os Sítios em Iguatu e suas relações com a área urbana.	77
2.3 Contribuições da Memória Oral na Percepção dos Usos de Espaços Urbanos e Práticas Urbanas nos Espaços Rurais	88
3 ESTRANHAMENTO E FASCÍNIO: O CONTEXTO SOCIAL RURAL HIBRIDADO	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	120

INTRODUÇÃO

Já faz algum tempo que ouvimos falar que o Brasil não é mais um país majoritariamente de realidade rural. Além do aspecto retórico, constatar e analisar esse dado através do olhar científico ao invés de somente confirmar algumas assertivas proporcionou também uma reflexão inquietante, onde os espaços do rural e do urbano não estão confinados em suas especificidades. Esta pesquisa estabelece reflexões sobre os fios que tecem os sentidos que concebem espaços e práticas rurais entre os anos 1960 a 2000. Fui atraída pela pertinência desse estudo a partir das relações dos moradores do espaço rural com o espaço urbano, analisando assim, modificações no fazer rural.

A organização do espaço urbano viveu no transcorrer desses anos intensificações. Segundo Milton Santos¹ temos por base o aspecto econômico que “conduz a uma reformulação do espaço em escala mundial”², que direta ou indiretamente provocou formatos a eventos em vários territórios que interliga ao nacional e as peculiaridades regionais.

Os reflexos urbanos estariam recaindo no espaço rural, mas de que forma teria penetrado e até que ponto poderia interferir no fazer rural? Esse é um dos questionamentos que levantamos. Para tal fim é preciso que seja por um instante visualizado o que é entendido por reformulação. Tomemos como foco inicial o espaço urbano nacional.

Os estudos de Milton Santos em *A Urbanização Brasileira* oferecem subsídios para compreendermos como o processo da urbanização se espalhou pelo território, adquirindo proporção variada para espaço regional e local. Façamos um retrospecto ao Brasil nos primórdios da ocupação territorial, durante três séculos e meio, em que a exploração dos recursos naturais deu-se através do trabalho direto do homem.

A propagação de técnica e mecanização de forma a definir espaços e modificar suas condições de uso vem nos cem anos que comporta desde metade do século XIX a metade do século XX. Ainda dentro desse último período e ultrapassando esses anos, a economia consegue desenvolvimento tal em vias de atender ao mercado consumidor em

¹ SANTO, Milton, **A Urbanização Brasileira** – 5. Ed., 2. reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

²SANTOS, 1993a, apud SANTOS, 2009. p. 48.

acelerada expansão, assim como a demanda externa. Por sua vez há rápida ampliação da indústria, como do sistema extensivo de créditos³.

A urbanização que conhecemos no último quartel de anos do século XX vem da junção desses dois momentos, com o “capitalismo maduro” e “possibilidade de uma difusão da modernização”⁴ despontando pela construção do *meio-técnico-científico-informacional*⁵, e dessa forma, remodelações são impostas quer no meio rural como no meio urbano. Outro fator que o autor associa como consequência dessa urbanização é a “fluidez do território”, pois “fatores de produção, o trabalho, os produtos, as mercadorias, o capital passam a ter grande mobilidade”⁶.

Ainda trataremos desse quadro até aqui descrito. Já o olhar empreendido por entre essas faces e fases, torna propício para vermos o funcionamento entre proximidades, distanciamentos e estranhamentos para urbano e rural, como espaços geográficos, espaços sociais, espaços culturais, enfim, os moradores da área rural e suas relações com a área urbana.

Parte dessa realidade é testemunhada em minha trajetória desde a infância. Nascer, crescer no Município de Iguatu e morar na sua área urbana trouxe a possibilidade de vivenciar nas duas últimas décadas do século passado como também na década atual, suas mudanças e permanências.

Meus pais são oriundos da área rural, ou sítios⁷, de Iguatu e foi na manutenção dos laços familiares com àqueles que moram nos Sítios, (tios, primos e avós) seja por sua vinda à cidade, ou, quando eu, meus pais e irmã íamos aos Sítios, que aumentou gradativamente as inquietações para usos e desusos de espaços e práticas nos Sítios.

³ Ibid., p. 38 e 39.

⁴ Ibid., p. 39.

⁵ Esse meio técnico-científico (melhor será chamá-lo de meio técnico-científico-informacional) é marcado pela presença da ciência e da técnica nos processos de remodelação do território essenciais às produções hegemônicas, que necessitam desse novo meio geográfico para sua realização. A informação, em todas as suas formas, é o motor fundamental do processo social e o território é, também, equipado para facilitar a sua circulação. Ibid., p. 38.

⁶ Ibid., p. 42.

⁷ Compreendem-se Sítios como as áreas rurais, ou zonas rurais de um Município conforme Decreto-Lei 311/38. Para um entendimento mais aprofundado ver LEMES, Carla da Costa; LEMES, Kátia; MATOS, Patrícia Francisca. **Urbano ou Rural? Uma Análise do Distrito de Ubatã – Orizona (GO).** XI EREGEO – Simpósio Regional de Geografia: A Geografia no Centro-Oeste Brasileiro: Passado, Presente e Futuro. UFG – Campus Jataí - GO – 04 a 07 de setembro de 2009.

Cresci vivenciando no sítio as rodas de conversas à noite nas calçadas iluminadas pelas lamparinas, quer fosse para debulhar feijão ou estar com os vizinhos. Comendo o que vinha da roça, ou do terreiro, ao invés de produtos industrializados. Quando das festas juninas um grupo era formado por quem tocava a sanfona, zabumba, triângulo e outros, assim as histórias das famílias e do lugar eram contadas. Os sentidos da vida diária norteados pelo tempo da roça com a agricultura sob as estações chuvosas do ano.

Correr por entre os terreiros que separavam as casas, diferentemente da cidade, que tinham nos muros a distância da vizinhança. Alguns terreiros separados por cerca de pau com arame farpado, mas a porteira dava acesso ao outro lado, ou então simplesmente suspendia o arame e a cerca era transposta.

Distribuição das casas de barro pelas rodagens, mas mesmo assim já se podiam ver na paisagem rural as casas de tijolos. Organização dos cômodos com os parques objetos que compunham o espaço doméstico, assunto que trataremos mais adiante. Contudo foi uma vivência que possibilitou acompanhar em parte a construção dos sentidos rural, mesmo que tenha sido nesse tempo limitado.

Já em outra conjuntura, mas ainda envolvendo minha particular relação com moradores da área rural, em parceria com a Secretária de Educação de Iguatu entre os anos de 2001 a 2003 desenvolvemos o Projeto Leitura Criativa para alunos de escolas nas zonas rurais de Iguatu, no ensino fundamental-I, com o objetivo de ampliar o acesso a leitura através da literatura infantil. Foi assim que nas falas, gestos, hábitos, utensílios pessoais, relatos de práticas das famílias, vivências diárias entre lazer, estudo e até mesmo no trabalho que a família das crianças exercia seja no Sítio ou na Cidade, fui ficando mais inquieta sobre os conflitos advindos das relações rurais com o espaço urbano.

O alinhar final para encadearmos uma pesquisa sob os sentidos formadores para rural, as práticas de seus moradores e quais influências e de quem recebiam, veio com a cena presenciada no centro urbano de Iguatu. A dificuldade de um casal idoso atravessar a rua precisando gritar em direção aos carros em movimento: - Por que todos correm? Os mesmos mandaram, aos gritos, que os carros parassem para que finalmente pudessem ir para o outro lado da rua.

Supomos que estes dois idosos sejam moradores de Sítio, fugindo aqui de qualquer forma estereotipada justificada pela cena, mas em virtude dos primeiros dias

de cada mês as ruas do centro urbano de Iguatu recebem de seus Sítios um grande fluxo de idosos, estes fazem uso do atendimento das agências bancárias para retirar o dinheiro de suas aposentadorias, além das compras de produtos alimentícios e outros serviços.

A cena foi motivo de risos para pessoas que pelo local passavam, focamos o que vimos a princípio com relativo estranhamento, mas num segundo momento buscamos nos colocar no lugar desse casal de idosos. Cogitamos que talvez os mesmos, não estivessem compreendendo o motivo que leva a rapidez dos motoristas nos veículos que naquele momento trafegavam. Pessoas que por mais que estejam mensalmente na cidade, para muitos até semanalmente, não é o tempo da cidade que estes têm incorporado em suas vidas, mas o tempo do fazer rural que é intrínseco e reflete nos espaços percorridos, sejam espaços rurais ou não.

Foi assim que trouxemos para o formato de pesquisa na graduação em História essa amálgama das relações rurais com o urbano. Reflexão que no primeiro passo foi genérica, passou pelos moldes da produção de um trabalho *lato senso*, mas ainda aqui muitas respostas não puderam ser conquistadas. Amadurecemos a problematização e investimos na pesquisa revisitando esse objeto de estudo agora no mestrado.

Uma maior delimitação espacial passou a ser fundamental, uma vez que são vários os sítios que compõem a área rural deste município, o que tornaria inviável a pesquisa com todos os moradores desse espaço. Entendemos que fechar o foco no Sítio Estrada seria mais viável, porque aqui estabelecemos maior fluxo de convivência, presenciamos parte das possíveis modificações do espaço rural, ouvimos muitos relatos da vivência rural cercada pela agricultura de subsistência, vimos com a possibilidade de maior poder de compra, seja a partir da aposentadoria ou de grande parte de seus moradores adquirindo emprego na cidade, como objetos industrializados comprados na cidade não só foram substituindo os que rústicamente mobilizavam a casa, mas também a influência destes na regulação do tempo diário dessas pessoas, dentre outras valorizações.

Entendemos ser pertinente problematizar o Sítio Estrada por entre um leque de questionamentos como: Há valorização de características urbanas no Sítio? Quais os valores para o rural hoje? O que esses sujeitos compreendem por urbano e rural? Quais as relações de tempo e espaço vividas por urbano e rural? Quais escolhas os moradores desse Sítio empregaram no espaço rural a partir do misto de suas relações com o espaço urbano?

Na certeza que outras interposições podem surgir durante a pesquisa deixamos lugar aberto às contribuições na busca de possíveis respostas. É no contato com as fontes que compreendemos o fazer rural para essas pessoas.

Uma ferramenta importante para o tratamento dessa questão é a História Oral. Percebe-se que sua utilização trará em parte os questionamentos e não a solução da problemática. Na análise de Verena Alberti essa relevância “está em permitir o estudo das formas como pessoas ou grupos efetuaram e elaboraram experiências, incluindo situações de aprendizado e decisões estratégicas”⁸. Tal perspectiva gera em relação ao passado amplo acesso a outras vertentes da construção social do conhecimento histórico, percepções que podem levar o historiador a rumos que mudem o foco de sua pesquisa.

O entrevistado conta seu passado, ainda que siga um roteiro pré-estabelecido pelo entrevistador, mas por vezes sua fala ganha asas e quer deixar fazer valer as experiências vividas. Problematicar as entrevistas, fontes orais, fica na prática do historiador, daí a importância em considerar as condições de sua produção como

[...] ficar atento ao fato de significados atribuídos a ações e escolhas do passado serem determinados por uma visão retrospectiva, que confere sentido às experiências no momento em que são narradas.⁹

Extraír essa diferenciação em meio a tantos detalhes relatados, acessar a memória, é utilizar metodologicamente as cooperações de memória e História Oral em nosso objeto.

São ligações úteis para manusear sensivelmente as entrevistas, percorrendo caminhos entre perguntas, respostas, silêncios, gargalhadas, rejeição ao gravador, maneira pela qual revela o que a História Oral trabalha, ou seja, “ênfase nos fenômenos e eventos que permitam, oferecer interpretações *qualitativas* de processos históricos”¹⁰.

⁸ALBERTI, Verena. **Fontes Oraís: Histórias dentro da História**. In: Pinsky, Carla (org.) Fontes Históricas. São Paulo, Contexto, 2005, p. 165.

⁹Ibid., p.170.

¹⁰AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de M. (org.) **Usos & Abusos da História Oral**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 16.

Valorizar as fontes da História Oral é entender como sujeitos sociais os moradores do Sítio Estrada, que além dos idosos os outros moradores tem suas relações na construção diária, é assim que aliada a observação de usos e práticas do espaço rural no hoje desprendemos nossa reflexão na

[...] confluência multidisciplinar; tal como uma encruzilhada de caminhos, a história oral é um ponto de contato e intercâmbio entre a história e as demais ciências sociais e do comportamento, especialmente com a antropologia, a sociologia e a psicologia. A novidade se manifesta não só na abertura temática e metodológica por parte dos historiadores, mas também na paulatina delimitação de uma tarefa histórica, tanto no que diz respeito ao objeto e ao sujeito de estudo, como às perspectivas e aos métodos de pesquisa. Nesse contexto mais amplo se situa a “revalorização” das fontes orais por parte dos historiadores.¹¹

Das três fases que compõem a utilização da História Oral, temos a preparação das entrevistas, sua realização e seu tratamento, assim a pesquisa utiliza a conveniência que num primeiro passo entrevista os moradores do Sítio Estrada que vivem aqui desde sua infância. Número reduzido, em vias de alguns não terem mais domínio sob sua memória para recordar suas vivências diárias, assim como perceber os momentos de conflito com o espaço urbano.

Das entrevistas aqui conseguidas, passamos a dar fomento a outros idosos do mesmo Sítio, pois ainda que estes tivessem chegado num período não tão recuado, mas também não tão recente, poderiam trazer relatos da fluidez por entre espaços e como os moradores receberam os migrantes de outros sítios. Não paramos para enveredar por quantidade de entrevistas, e sim por sua utilidade nos esclarecimentos dos objetivos traçados, até como refugo de não saturar a pesquisa.

As entrevistas todas foram pautadas na abertura do entrevistado contar sua história de vida no Sítio por entre morar, comer, festejar, trabalhar, rezar, dos momentos de lazer, formas de sociabilidade, organização do espaço doméstico, utilização do espaço público no Sítio e na Cidade, maneiras de realizar o deslocamento também entre os sítios e a cidade, aquisição de objetos da cidade, e a possível justificativa destes substituírem àqueles utilizados outrora. Insistimos, ponderando e respeitando seus limites, na descrição de espaços e práticas em seu fazer diário.

¹¹Ibid., p. 18 - 19.

Progredimos para as motivações que os impulsionava à manter relações de sociabilidade com os espaços urbanos, descrevessem o que veio da cidade para o sítio, quem trouxe e como chegou. As entrevistas foram feitas em suas casas e marcadas de acordo com o horário que lhes era conveniente.

Homens e mulheres, do mais letrado, como a escritora de cartas do sítio, ao que escreve apenas o nome completo ou aqueles que nem conseguem produzir o seu nome. O que trabalhava na roça, a que lida “apenas” com a cozinha, ao que por ser um dos motoristas dos carros que fazem linha à cidade, concedeu a entrevista quando estava no volante do carro, pois passar pelas rodagens fez aflorar a memória, que o sentar a varanda da casa trouxe à tona, mas timidamente.

Outro idoso entrevistado foi uma pessoa outrora funcionária de agência bancária em Iguatu, trabalhou com o crédito rural e acompanhou diretamente seu emprego pelos sítios deste município. Pode descrever a relação de organismos da cidade pelo sítio e sua atuação. Da memória também tirou como a cidade recebia os moradores de sítio e como estes a usavam, além das marcas importantes que a cidade adquiriu nessa época e que influência direta e indiretamente essas modificações exerceram sob o urbano nesse período.

Por vezes a renúncia em ceder a entrevista diante do gravador ligado foi vencida pela ansiedade expressa no olhar ao perceber a valorização de suas experiências na construção do espaço rural. Jogar com a memória sabendo que nela a “faculdade de relembrar exige um espírito desperto, a capacidade de não confundir a vida atual com a que passou, de reconhecer as lembranças e opô-las às imagens do agora”.¹²

Entrevistar essas pessoas permitiu que as mesmas vissem no objeto que propomos o estudo de suas vidas refletidas num espelho. Havia momentos que paravam para esquematizar suas respostas, ou encadear as histórias, esse trato é exercido em Ecléa Bosi quando diz que “Somos, de nossas recordações, apenas uma testemunha, que às vezes não crê em seus próprios olhos e faz apelo constante ao outro para que confirme a nossa visão”.¹³

As entrevistas finalizadas foram analisadas, delas retiradas os trechos que passaram a compor sessões como os hábitos rurais, percepção das mudanças de hábitos

¹² BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos** 12ª edição. São Paulo: Companhia das Letras. 2004. p. 81.

¹³ Ibid., p. 407.

e espaços no meio rural, as impressões sobre o espaço urbano pelos moradores do meio rural e as comparações entre sua geração e a dos mais novos sobre os usos do espaço rural. No decorrer da escrita as falas foram compondo o corpo do texto em que vezes às transcrevemos assim como foram expressas e em outros momentos as entrelaçamos na discussão.

Contar com depoimentos dos moradores mais jovens do Sítio trouxe o paralelo dos sentidos de rural criado entre gerações. Observar as práticas do agora sobre o espaço rural também foi empregado na análise. Contamos ainda como fonte as literaturas produzidas sobre o Sítio Estrada, mesmo que sem a expressa identificação do autor, estas são aludidas aos moradores daqui.

Olhar as fontes pelo trabalho de pesquisador é aceitar que as mesmas não trarão respostas para todas as perguntas, que tão pouco irão justificar o passado pelos questionamentos presentes. Não intencionamos visualizar o passado pelas falas dos entrevistados, mas se entendermos como cidade e campo coexistiram, será facilitado o deslocamento para as relações de urbano e rural.

A este fator urbano temos no campo o fim da hostilidade ao capital, possibilitando sua difusão. O campo passou a acolher o capital novo e difundi-lo rapidamente, mesmo que passe por “novas formas organizacionais, novas formas ocupacionais, rapidamente instaladas”.¹⁴ Diz-se então da cidade e do campo, onde a primeira

[...] torna-se o *locus* da regulação do que se faz no campo. É ela que assegura a nova cooperação imposta pela nova divisão do trabalho agrícola, porque obrigada a afeiçoar-se às exigências do campo, [...]. Como o campo se torna extremamente diferenciado pela multiplicidade de objetos geográficos que o formam, pelo fato de que esses objetos geográficos têm um conteúdo informacional cada vez mais distinto [...]¹⁵

É importante perceber o contexto brasileiro para tantas matizes entre cidade e campo, por isso vamos olhar agora para parte do panorama nacional. O Brasil em 1960 vivia num clima de disputa ideológica e partidária a partir de diferentes interesses econômicos, sociais e políticos que objetivavam de certa forma a hegemonia nacional,

¹⁴SANTOS, op. Cit., P. 43.

¹⁵Ibid., p. 56 e 57.

uma herança com elementos de anos anteriores. Um governo instável para tantas demandas que dentro do país, gerou diferentes impactos em vários setores da sociedade.

A atenção nacional voltou-se para o campo, mesmo com a indisposição da política populista, devido às “mudanças provocadas pela rápida industrialização, pela urbanização, pelo início da modernização conservadora da agricultura e pelo aumento do êxodo rural”¹⁶.

Há nesse espaço aumento do consumo de alimentos, valorização das terras, a agricultura atinge considerável avanço com sua mecanização, a legislação trabalhista é estendida aos moradores do campo, mas as condições de trabalho ganham condições mais rígidas e com “desumana submissão das populações camponesas”¹⁷.

Movimentos rurais afloraram pela nação, em busca de reforma agrária, sua sindicalização e associativismo, foram em alguns pontos do país instrumentalizados. Em 1963, o então presidente da república, João Goulart, sancionou a Lei do Estatuto do Trabalhador Rural, que estendeu “ao mundo rural a legislação trabalhista urbana (carteira profissional, jornada de trabalho, salário mínimo, repouso semanal e férias remuneradas)”¹⁸. Isso não significa que necessariamente os conflitos tenham finalizado.

Saindo do campo para as movimentações no cenário urbano, mas também nacional e sobre a envergadura política que conseguisse elencar a sociedade em maior abrangência, vamos ter mobilizações estudantis pela via da conscientização popular, efervescência das forças armadas, personalidades e partidos políticos que aspiravam à candidatura da presidência.

Caminho que de 1964 a 1984 enveredou por reformas que incluíram aliança “ao estreitamento dos vínculos do país com os Estados Unidos, com o bloco capitalista e com o capital internacional”¹⁹ foi o movimento armado que iniciou essa nova ordem de controle nacional.

Não nos cabe enveredar pelas tensões geradas no país através da ditadura militar ainda que seja no nível regional e local, na verdade, o que se pode destacar aqui é como

¹⁶BRUM, Argemiro J. **O Desenvolvimento Econômico Brasileiro**. – 20 ed. – Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1999. p. 280.

¹⁷Ibid., p. 280.

¹⁸Ibid., p. 281.

¹⁹Ibid., p. 301.

essa forma de governo provocou impactos e modificações na macro economia do país, tais como “criar condições adequadas à expansão do capital [...] fazer o capitalismo funcionar, restaurando a capacidade de investimento público e privado. A retomada do crescimento econômico aumentaria a demanda de mão-de-obra e atenuaria a pobreza”²⁰.

A política econômica adotada no país tentava unir crescimento acelerado da economia ao controle da inflação, por isso veremos que:

Ultrapassada a fase de estabilidade, o país estava preparando uma nova etapa de expansão econômica. O crescimento econômico acelerado passou a ser preocupação central. Seu carro-chefe, a expansão industrial, sobretudo a indústria de bens de consumo duráveis. Era uma opção que priorizava o consumo das camadas alta e média da sociedade e os setores industriais que produziam esses bens.²¹

Apesar de tanta euforia econômica não houve envolvimento em todo o país. Vamos ter no território “notável crescimento econômico e o avanço industrial, de um lado, e, de outro, o comprometimento da qualidade de vida da população”²².

É necessário validar três importantes pontos como parte do processo de desenvolvimento do país: a concentração de riqueza; de terras; e do poder; nota-se também as contradições entre planos de governo sentidas pela sociedade.

No entanto, com a aceleração do processo de industrialização, a partir dos anos de 1950, abriu-se a perspectiva de reversão dessa tendência concentradora. Criou-se a possibilidade real de construção de uma sociedade mais democrática, pelo alargamento das camadas médias e a progressiva interação social da maioria da população em situação de pobreza e de miséria. Tal possibilidade foi abortada a partir de 1964. A política econômica e de rendas implantada no país, de então em diante, não só impediu avanços nessa dimensão social como aprofundou a histórica característica concentradora.²³

²⁰Ibid., p. 316.

²¹Ibid., p. 322.

²²Ibid., p. 342.

²³BRUM, loc.cit.

Dentro da busca por ordenamento no país tivemos a partir da economia, os acordos internacionais entrando em cena com o interesse de canalizar investimentos, onde “por um lado, a empresa estrangeira trouxe capital externo, contribuiu para ampliar e modernizar o parque industrial brasileiro e proporcionou outras vantagens para o Brasil, em contrapartida, foi elevada a transferência de riqueza (remessas) para o exterior”²⁴. Característica concentradora no desenvolvimento do país²⁵ com reflexos sentidos no contexto rural, onde nos doze anos que seguem “de 1970 a 1982, vários milhões de famílias foram expulsos do campo no Brasil e empurrados para as cidades”²⁶.

Já em outras pesquisas sobre os elementos que constroem a urbanização brasileira, veremos que a divisão territorial do trabalho, consequentemente delimitou a funcionalidade do campo e os conteúdos rurais. A produção técnica pode ser considerada também *socioeconômica*, uma vez que esta é realizada de acordo com a vocação de produção regional.²⁷

Em se tratando da divisão territorial do trabalho, no caso do Nordeste brasileiro a forma que ocorre a divisão do trabalho é lenta, uma mesma cidade acumula funções em vez da especialização urbana. A rede urbana é complexa e “cada cidade e seu campo respondem por relações específicas, próprias às condições novas de realização de vida econômica e social [...]”²⁸.

Já recentemente, na chamada modernidade urbana posterior à Segunda Guerra Mundial, os elementos funcionais das áreas no país tem um revigoramento mesmo que em formas e níveis diferenciados. Para o Nordeste essa diferenciação é sentida devido sua estrutura fundiária ser contrária “à maior distribuição de renda, ao maior consumo e

²⁴Ibid., p. 343.

²⁵Cf. BRUM, 1999. Beneficiou a grande empresa em detrimento da média e da pequena; estimulou a fusão de empresas – industriais, comerciais e financeiras; favoreceu a concentração da propriedade da terra e viabilizou a grande e a média empresa rural em detrimento da pequena propriedade familiar; possibilitou mais rápida expansão econômica nos estados e nas regiões mais ricas, deixando os demais em segundo plano, em situação de retardatários; privilegiou a lucratividade do capital em detrimento dos ganhos do trabalho; possibilitou o aumento da renda dos mais ricos e penalizou os mais pobres, agravando as desigualdades sociais históricas.

²⁶Ibid., p. 349.

²⁷SANTOS, op. Cit., P. 43.

²⁸Ibid., p. 58.

à maior terceirização”²⁹, consequência para milhões de pessoas ficarem na pobreza e a urbanização não ser tão expressiva. A injeção de inovações materiais, técnicas, econômicas e sociais enfrentou resistência, desacelerando o “processo de urbanização”, em se comparando a outras áreas do país.

A exposição dos laços que ligam a urbanização à lógica que perpassa pelo espaço mundial, nacional e regional deixa-nos com a dificuldade de especificar quem ou o quê necessariamente pode ser chamado de cidade e campo, bem como de urbano e rural. Há indefinição dos limites morfológicos, funcionais, geográficos, simbólicos e de conteúdo. O que se constata é que esses espaços, cidade e campo não desaparecem enquanto “unidades espaciais distintas”, mas, são espaços percebidos por sua

[...] área de transição e contato entre esses espaços [...] que se caracterizam pelo compartilhamento, no mesmo território ou em micro parcelas territoriais justapostas e sobrepostas, de uso de solo, de práticas socioespaciais e de interesses políticos e econômicos associados ao mundo rural e ao urbano. Assim, não se trata aqui apenas das formas urbanas, mas sim das relações entre cidade e campo e dos interesses entre atores sociais que têm sua vida econômica e/ou política e/ou social ou, ainda, seu *habitat* associados a espaços urbanos rurais.³⁰

É um processo complexo, daí considerarmos que não é assimilado por uma única forma em todos os espaços geográficos. Entendemos ser singular sua composição como finalidade, já os efeitos são múltiplos na constituição de pluralidades de espaços e práticas.

As relações entre o todo e a parte estão inseridas num espaço que deverá considerar obrigatoriamente as dimensões históricas da ação humana em um determinado meio geográfico.

Não se trata apenas de traçar as fronteiras geográficas de uma região de seu relevo físico, mas de saber a relação que a parte estudada guarda com o conjunto ou a totalidade à qual pertence. Em outras palavras, o que o estudo regional ou local pode revelar sobre o país ou o mundo?³¹

²⁹Ibid., p. 69.

³⁰SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão, **A questão Cidade-Campo: perspectivas a partir da cidade.** In. SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão, WHITACKER, Arthur Magon, (organizadores) – 1.ed.—São Paulo: Expressão Popular, 2006. p. 121.

³¹GRAÇA FILHO, Afonso de Alencastro. **História, Região & Globalização.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. – (Coleção História &... Reflexões) p.17.

Estariam dessa forma as relações entre cidade e campo hipoteticamente contribuindo para relações *socioespaciais*, *socioeconômicas* e porque não acrescentar na discussão, relações sociomateriais sobre os espaços urbanos e rurais.

Empreendemos por sua vez o olhar de uma historiadora, trazendo os recursos da história social, os recursos que a microhistória permite serem usados, fazemos o cruzamento das fontes por sua trajetória social “falar mais sobre a cultura mais ampla e demonstrar os vínculos entre as pequenas comunidades e as tendências macro-históricas”³².

Traremos as abordagens levantadas por Afonso de Alencastro Graça Filho, sobre *História, Região e Globalização*. Tal análise será necessária a partir do momento que a “abordagem regional permite aos pesquisadores uma amostragem mais aprofundada de seus temas, em que se pretende um rigor maior pelo cotejamento de dados variados”³³. Por isso agora trataremos de seus benefícios à pesquisa.

Delimitar e justificar o espaço do objeto a ser pesquisado é necessário numa pesquisa, mas a partir de um recorte temporal aqui abordado, onde as fronteiras entre urbano e rural foram bastante tênues, essa tarefa se torna mais desafiadora ainda, pois as especificidades tendem a se diluir. Esse processo é constatado com o fenômeno da “transnacionalização cultural, que guia a globalização, torna a cultura ainda mais integrada às redes sociais mais amplas, em termos espaciais ou de sua identificação territorial.”³⁴ Fazer a relação de práticas culturais ao espaço geográfico traria implicações, porque mesmo o fenômeno coletivo vinculado às relações sociais, limitar o contorno do espaço físico ainda ficaria com algumas imprecisões.

Importante então para o historiador seria a referência para a distinção de grupo ou nação dentro da cultura globalizada. Demarcar tais contornos parte da “formação das identidades nacionais, sua unificação na construção das nações e estados”³⁵. Teríamos por sua vez que fazer no levantamento sobre fronteiras culturais mais que contemplar a teoria com um inventário das diferenças lingüísticas e originalidade de manifestações

³²Cf. BURKE, Peter. **História e Teoria Social**. tradução Klauss Brandini Gerhardt, Roneide Venâncio Majer. – São Paulo: Editora UNESP, 2002. p.66. Ver em *O microscópio social* discussão de trabalhos produzidos por historiadores sob o enfoque micro de análise para o macro.

³³GRAÇA FILHO, op. Cit., P. 49.

³⁴Ibid., p. 63.

³⁵GRAÇA FILHO, 2009, passim.

culturais coletivas, seria utilizado como na antropologia aspectos quanto a identidades culturais, relações sociais de grupo e sua história que coabitam um mesmo espaço geográfico.

Para conseguirmos sair do que estabelece esse “consenso” da esfera global, podemos analisar através de conexões entre fios regionais utilizando a simbologia do espaço, a concepção da história para as relações sociais, as características que levariam a compreensão da diferenciação entre grupos, constataríamos talvez a uma singularização local.

Uma estratégia metodológica para enfrentar esse desafio seria trazer a discussão sobre região com seus implicantes locais a partir do espaço e território, nas suas complexas vias de organização social.

O território não deixa de impor condições para a exploração dos recursos naturais e para a organização das pessoas que o habitam. As técnicas de exploração condicionam determinadas estruturas sociais e políticas. As vias de comunicação também são influenciadas pela geografia, e a urbanização depende delas. Portanto, a geografia distribui a população e os poderes sobre o espaço territorial.³⁶

Um estudo que traz as possibilidades atuais de pesquisar com as histórias locais, que “estão assumindo o primeiro plano e, da mesma forma, revelando as histórias locais das quais emergem os projetos globais com seu ímpeto universal”³⁷.

A microanálise não pode ser entendida como uma mera redução da escala de observação. O recorte biográfico ou prosopográfico de um grupo social deve ser utilizado com o intuito de correção às generalizações totalizadoras e, assim, trazer para a cena aspectos relegados pela macro-história, como as estratégias do cotidiano e suas possíveis motivações, tornando mais complexa a realidade histórica.³⁸

Alencastro faz uso de trabalhos como o de Revel, 1988, quando este destaca a relação entre níveis da realidade na microanálise, aqui a abordagem em plano macro e

³⁶Ibid., p. 51.

³⁷MIGNOLO, 2003, apud GRAÇA FILHO, 2009, p. 55.

³⁸Ibid., p. 57-58.

micro se interpenetram na construção de um conjunto onde cada parte necessita ser identificada e analisada, bem como as situações intermediárias.

Sabendo que na microhistória o estudo não fica atrelado ao reducionismo social, Chartier³⁹ ao afirmar sobre seu objeto diz que este fica entre as “racionalidades e estratégias”⁴⁰ que possibilita ver o funcionamento dos elementos sociais, como família e indivíduos.

Tal discussão é perpassada pelo fértil diálogo entre história e antropologia, onde esta última é referência “pelas práticas sociais e suas permanências no tempo, assim como sinônimo de estudos de campo e história oral”⁴¹. Não entraremos no apanhado de debates teóricos que a micro-história propõe, mas o que realmente nos interessa é sua riqueza de propostas metodológicas de análise.

“*Microstorie*” quer ser um experimento, uma proposta, uma verificação de materiais; uma mesclagem de dimensões, de personagens, de pontos de vista. É também, mas não necessariamente, a história dos pequenos e dos excluídos. É a história dos momentos, situações, pessoas que indagadas com o olhar analítico, em âmbito circunscrito, recuperam peso e cor. O exame dos contextos concretos na sua complexidade faz emergirem novas categorias interpretativas, novas tramas causais, novos terrenos de investigação⁴².

É relevante destacar que Henrique Espada Lima em *A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades* traçou debate teórico sobre a micro-história, seu conteúdo, formas de atuação e abrangência, além das parcerias com outras disciplinas. Segundo ele, a micro-história adquire semelhança à “história social” por ter o olhar voltado para articulação entre indivíduos e grupos. O autor chama atenção para as sociabilidades, o “protagonismo coletivo, [...], proposta microanalítica em especial, [...] atenta às interações, que interroga as inter-relações individuais como lugar privilegiado

³⁹CHARTIER, 1994, apud CARDOSO; VAIFAS, 1997. p. 147.

⁴⁰O objeto da micro-história, diz Chartier, não reside “nas estruturas e mecanismos que regem, fora de todo subjetivismo, as relações sociais, mas sim nas racionalidades e estratégias que põem em funcionamento as comunidades, as parentelas, as famílias, os indivíduos” Cf. CARDOSO, Ciro Flamarion, VAIFAS, Ronaldo. (orgs.) **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. – Rio de Janeiro: Elsevier, 1997. – 19ª Reimpressão. p. 147.

⁴¹ESPADA LIMA, Henrique. **A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades**. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 98.

⁴²THOMPSON, 1981, apud ESPADA LIMA, 2006, p.372. Grifo do autor.

de análise histórica”⁴³. Intervenções que advindas do “*paradigma indiciário*” dizem da “essência por trás de toda a aparente pluralidade”⁴⁴. Os indícios fogem do formal e fazem valer a experiência, integrando realidades e possibilidades, ainda que num olhar de relance a realidade seja opaca, “existem zonas privilegiadas – sinais, indícios” que deixam a interpretação ocorrer⁴⁵. História também do “vivido”, “cotidiano”, “subjetividades” e “narrativa”⁴⁶.

A “redução de escala, enquanto construção experimental do objeto de investigação poderia fazer ver, portanto, relações e sentidos que permanecem ocultos sob o olhar homogeneizador da “macro-história”⁴⁷. Articulação com eventos circunscritos, ou com “as delineações do contexto e sua coerência [...] revela aquelas contradições que só aparecem quando a escala de referência é alterada”⁴⁸.

É o pesquisador olhando pelo microscópio os paradigmas indiciários da construção social. Interesse definido pela compreensão da organização social como um “universo relacional” acentuado pelo “campo das relações interpessoais”⁴⁹.

Microscópio utilizado com o apoio de mais ferramentas discutidas por Appadurai⁵⁰, Ginzburg⁵¹ e Santos⁵². Estudar o universo rural não a partir das falas urbanas e sair do uso restrito de fontes escritas, reconhecendo em seus moradores os

⁴³Ibid., p. 383.

⁴⁴Ibid., p. 336.

⁴⁵Ibid., p. 340.

⁴⁶Ibid., p. 384.

⁴⁷Ibid., p. 369.

⁴⁸GINZBURG, 1990, apud ESPADA LIMA, 2006, p. 370.

⁴⁹Ibid., p. 121.

⁵⁰APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Tradução de Agatha Bacelar – Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense. (1ª reimpressão 2010)

⁵¹GINZBURG, Carlo. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

⁵² SANTOS, Milton, **Espaço e Método**. – 5. ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

agentes constituídores da composição das múltiplas linhas que elaboram no passar de anos a pluralidade dos sentidos aplicados ao fazer rural.

Moradores de área rural dentro de seu contexto aliados à redução na escala de análise trazem os macetes das relações estabelecidas com os objetos que compõem seu fazer diário. Seria uma parada, no sentido de dar atenção, aos sinais apresentados pela vivência entre pessoas e coisas, os objetos que as mesmas passaram a adquirir e significar dentro do fazer rural. O objeto ou coisas como outro viés de análise.

Tomamos num primeiro momento por referência Ulpiano T. Bezerra de Meneses⁵³ analisa as mudanças de objetos e coleções de cunho pessoal para o público e em que medida traria implicações à pesquisa na história.

A rememoração não contaria tão somente com “palavras”, mas pela compreensão do autor há uma expansão para o universo das “coisas”, mas em que medida as coisas poderiam construir, acumular e manter informações históricas, essa é uma interrogação que fazemos. A resposta vem quando entendemos que há “importância da narrativa e dos discursos sobre o objeto para se inferir o discurso do objeto”⁵⁴.

Tal discurso dos objetos tem estreita aproximação e permanente capacidade de transformação entre “morfologia, função, sentido, isolada, alternada ou cumulativamente”⁵⁵.

[...] os objetos materiais têm uma trajetória, uma biografia [...] para traçar e explicitar as biografias dos objetos é necessário examiná-los em ‘situação’, nas diversas modalidades e efeitos das apropriações de que foram parte. Não se trata de recompor um cenário material, mas de entender os artefatos na interação social.⁵⁶

⁵³MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **Memória e Cultura Material: Documentos Pessoais no Espaço Público**. vol. 11, nº 21 (1998): Arquivos Pessoais – Artigos: Memória e Cultura Material: documentos pessoais no espaço público. Revista Estudos Históricos. Disponível em: <www.bibliotecadigital.fgv.br/> Acesso em: 04/08/2011.

⁵⁴Ibid., p. 91.

⁵⁵Ibid., p. 92.

⁵⁶Ibid., p. 92.

Em que medida podemos inferir sobre a biografia de objetos, pois de que forma estaria a prática historiográfica sendo beneficiada por este viés de pesquisa? Compreendemos a partir desta discussão que a biografia das coisas não é construída isolada da biografia das pessoas nos objetos. A interação social é efeito da relação entre pessoas e as coisas que estas escolhem para compor seu meio, e entre usos e desusos os objetos adquirem, perdem e mudam seus sentidos.

Nesse mesmo texto o autor aprofunda sua leitura sobre objeto, sendo este como “objeto histórico” por sua vez contido em museus e enquanto “documento histórico” trazendo “suporte físico de informação histórica.”⁵⁷ Trouxemos esta particularidade do trabalho de Ulpiano mais como socialização de outra parte da sua pesquisa, porém não nos cabe tecer em riqueza de detalhes a relação com nossa escrita.

A abordagem feita tem valor devido à reflexão apontada para o que é dito por “Relíquias, semióforo, objetos históricos: seus compromissos são essencialmente com o presente, pois é no presente que eles são produzidos ou reproduzidos como categoria de objeto e é às necessidades do presente que eles respondem.”⁵⁸

Estariam, portanto, os objetos para a pesquisa em história no ângulo que denota o significado do tempo que tenha transcorrido. O objeto no presente responde por sua função social do passado, função social vinculada à importante presença do indivíduo no campo da cultura material. Essa dimensão teórica contribuiu na análise feita em torno da descrição e dos significados que os objetos domésticos estabelecem com a população pesquisada, foi justamente a partir dessa reflexão que pude pensar o arranjo espacial e estético perpassado nas moradias e objetos de feição pessoal, fruto dessa vivência dinâmica entre rural e urbano.

Já para Richard Bucaille e Jean-Marie Pesez⁵⁹, o núcleo da discussão está pautada, dentre outros, na busca por relacionar Cultura Material com: a tentativa de definição da História, História Econômica e Social, História das Técnicas e a dimensão cultural. Assim o que se discorre sobre:

⁵⁷Ibid., p. 93.

⁵⁸Ibid., p. 94.

⁵⁹BUCAILLE, Richard e PESEZ, Jean-Marie. **Cultura Material** In: Enciclopédia Einaudi, Lisboa, IN-CM, 1989, vol. 16 – *Homo – Domesticação – Cultura Material*, p. 11 – 47.

A cultura material pode ser definida antes de mais como a cultura do grosso da população. Quer isto dizer que é aquela que diz respeito à imensa maioria numérica da coletividade estudada; podem, evidentemente, fazer-se subdivisões dentro de tal maioria e distinguir, por exemplo, classes sociais, grupos rurais e urbanos, etc., mas não é isto o essencial: a cultura material, cultura do coletivo, contrapõe-se sobretudo à individualidade.⁶⁰

Não busca estudar o acontecimento, porém se inclina sobre as possibilidades do que na coletividade é estável e constante, a repetição dos fatos que recai em hábitos, tradições da cultura a ser observada. Daqui entende-se a importância causal dos fatos culturais, também parar e interpretar os limites materiais.

A atenção voltada para objetos concretos perpassa por três ciências⁶¹: Pré-História, Antropologia e História. O papel destas volta-se para os fenômenos socioculturais, ou seja, a cultura material. Fenômenos abstraídos quando o invento “corresponde a uma necessidade econômica ou social e quando encontra um terreno técnico favorável”⁶². Com o avançado processo de anexação do Sítio Estrada ao espaço urbano de Iguatu constatou-se que inúmeros inventos, técnicas e demais novidades foram sendo absorvidas por uma população rural que estranhou, se acostumou e se apropriou destes equipamentos. Contudo, importante lembrar que a sua aquisição não é automática e sim seletiva, como a percepção das áreas culturais e das relações estabelecidas precisam ser olhadas à luz espacial e temporal.

Na realidade, a cultura material corresponde a uma necessidade actual das ciências humanas. Tem o atractivo de reunir, oferecendo-lhes um esquema, estudos dispersos, até agora mal integrados e sem estatuto científico: as pesquisas sobre a vida quotidiana, por exemplo. Sem se identificar exactamente com a cultura material, a vida quotidiana decalca-a em grande parte, mas os estudos que lhe são dedicados conservam ainda em carácter marginal, mesmo anedótico. Nascida dos historiadores e sobretudo por eles utilizada, a noção de cultura material conserva, na história, toda a riqueza heurística. Pode ainda conquistar terreno, exigindo a atenção do investigador para os aspectos concretos da condição humana, para o homem, muitas vezes

⁶⁰Ibid., p. 13.

⁶¹à pré-história (que tem dela absoluta necessidade para todas as suas análises e que conhece, portanto, as culturas, primeiro através do material, para depois tentar chegar ao não-material contrapõe-se a antropologia que, tendo a sorte de analisar culturas vivas, se interessa, entre outras coisas, por aquelas delicadas construções que são os sistemas ideológicos e simbólicos pode, por isso permitir-se tratar os aspectos materiais apenas numa segunda análise, servindo-se, em caso de necessidade, de desenhos e descrições escritas dos objetos; a história, por fim, dispondo de textos, encontra-se numa posição intermédia entre as duas. Ibid., p.17.

⁶²Ibid., p. 32.

ignorado no jogo dos mecanismos econômicos ou nas subtilezas da classificação social.⁶³

Para efeitos de uso neste trabalho, o estudo da Cultura Material aplica-se em menor escala, permitindo compreender dentro do fazer rural no Sítio Estrada, as relações sociomateriais. Os contornos, formas de selecionar o que entra, o que sai e o que pode ser modificado. Perspectivas de se pensar a pesquisa a partir da relação social e material.

É assim que hora propomos a análise sobre o objeto em questão através de três vertentes. Denominamos cada uma por capítulo. O primeiro, *Alguns Percursos nas Reflexões entre Urbano e Rural*, faz exposições *Da literatura aos sujeitos, o olhar sobre cidade, urbano, campo e rural*, fala dos *Caminhos da Relação entre Urbano e Rural*, assim como apresenta as *Movimentações entre Espaços, Práticas e o Fazer Rural*.

Apresentamos ao leitor algumas escritas da Geografia produzidas sobre categorias chave que contribuem no manuseio das fontes. Paramos para olhar como no Brasil foi construído a ideia de cidade, seu funcionamento a partir de laços econômicos e sociais, que caminham ao longo de séculos de sua história, oferecendo particularidades regionais e locais. Um lugar de conflitos, mas também tem no campo o espaço que permite comunicação.

As relações entre urbano e rural, não são vistas por oposições, mas como complementaridades, ainda que por vezes ocorram distanciamentos entre seus moradores. Interessante perceber que esse quadro têm cores e formas diferenciadas quando visto na sua amplitude, a nível nacional, e que mesmo quando deslocado para a menor escala apresenta diferenciações. É aqui que o filtro dessa relação pela perspectiva da História ganha importância, pois a produção dessas diferenciações obedecem a um espaço e a um tempo situados.

Chegamos por sua vez ao entendimento para a construção das relações entre urbano e rural, onde as reflexões sobre espaços e práticas desmistificam o fazer rural, que ousamos de certa forma acrescentar, não estar o rural isolado do que a cidade vive em seu contexto, apenas este emprega outros sentidos de utilização.

⁶³Ibid., p. 39 e 40.

No segundo capítulo, *Nas teias da memória: O Sítio Estrada na fala de seus moradores*, utilizamos como estratégia de abordagem: *A microhistória num balanço regional e local para urbano e rural*, onde *O Processo de Constituição da área rural: Os Sítios em Iguatu e suas relações com a área urbana* nos permitem entender as *Contribuições da Memória Oral na Percepção dos Usos de Espaços Urbanos e Práticas Urbanas nos Espaços Rurais*.

A fala de quem mora no Sítio Estrada, que no transcorrer de anos entregou suor, juventude, força física, criou macetes para usar o espaço, ficou com marcas não só na face, mas além das rugas e os calos das mãos, conseguiu construir conhecimento. Na memória ficaram agrupadas as histórias de constituição rural local, sob as possíveis interferências urbanas.

Uma análise micro das modificações rurais desencadeadas no processo macro de urbanização sentida no conjunto das ações nacionais. Imagens, hábitos e práticas do rural vividas nos espaços urbanos. Memória que fala pelas técnicas da História Oral abrindo as cortinas de como são vividas práticas urbanas no sítio. Como o Sítio consegue trazer do urbano e viver no rural o que usualmente ficava fechado ao uso na cidade.

Finalizamos com o terceiro capítulo falando sobre *Estranhamento e fascínio: O contexto social rural hibridado*. É peça fundamental a análise de estranhamento, perspectiva e distância referendada por Carlos Ginzburg. O olhar dos moradores do Sítio Estrada sobre a cidade, o uso e desuso dos espaços urbanos, o que aproxima e o que distancia o morador do Sítio em relação à cidade, pois sua importância aloca-se em ver os sujeitos rurais vivendo tensamente nos espaços urbanos.

Tentamos fazer um arremate da pesquisa sob a perspectiva das influências dos elementos pertencentes aos processos híbridos como formadores de espaços, e é a partir do momento em que são considerados dessa forma que surge a possibilidade de modificação de espaços e práticas. Não estaríamos enveredando para a unificação da urbanização sobre o espaço nacional em vias do desaparecimento do espaço rural. São outros desenhos, formas, conteúdos, ritmos, objetivos, jeito de ser e fazer do rural. É também uma apropriação.

Nas considerações finais nos reportamos aos desfechos que a pesquisa recebeu, quer tenham sido planejados, julgados necessários ou porque a relação com o objeto, fontes, entrevistados ou literaturas impuseram.

ALGUNS PERCURSOS NAS REFLEXÕES ENTRE URBANO E RURAL

1.1 Da literatura aos sujeitos, o olhar sobre cidade, urbano, campo e rural.

A produção literária brasileira é carregada por trabalhos, seja na história, sociologia, geografia e outros, sobre as categorias de cidade, urbano, campo e rural. Percebemos um número maior sobre os períodos da colonização e império. Assim, ao fazer menção sobre a construção da ideia de cidade não vamos recuar tanto, mas rapidamente confrontar com o olhar a partir da segunda metade do século XIX⁶⁴.

A referência ao que Sandra Jatahy Pesavento expõe permite-nos entender, a partir, dos resultados de estudos inspirados na vertente do materialismo histórico, as transformações sobre cidade. Aqui, o direcionamento pela história econômico-social fez o entendimento sobre cidade, como o espaço vivo do processo de acumulação de capital e formação da força do trabalho, quer fosse pela saída da escravidão no país, como pelas contribuições dos imigrantes estrangeiros na constituição do mercado de trabalho livre.

A cidade funcionava pelo desenvolvimento das forças capitalistas, percebidas por dois ensejos: um como o mercado de trabalho para os maiores centros urbanos, punctionado pelas pessoas que afluíam da liberdade da escravidão, e o outro por forças mais amplas, como a modernização e a nova concepção da relação entre campo e cidade. Um lugar visto pela produção do capital, enfrentamento das classes sociais e oportunidade de visualizar o curso do processo de dominação e subordinação.

Algumas modificações sobre os fenômenos da cidade foram sensivelmente percebidas à luz do movimento da “História Cultural”. Pesavento nos alerta, já no transcorrer da década de 1990, que esses quatro elementos são perpassados pelo prisma da cultura. No estudo sobre a cidade nem só os agentes sociais e a realização do capital são privilegiados, mas, sobretudo é vista como “um problema e um objeto de reflexão, a partir das representações sociais que produz e que se objetivam em práticas sociais”⁶⁵.

⁶⁴PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Revista Brasileira de História**, vol. 27, nº 53. Julho de 2007. Pág. 13.

⁶⁵Ibid., pág.13.

A cidade não seria somente um *locus* das contradições entre capital e trabalho, mas ela seria em si um objeto de estudo.

Cabe entender a cidade através de “sensibilidades”⁶⁶, como lugar de “sociabilidade” que deixa marcas da modificação do espaço natural ao longo do tempo. É assim que chegamos ao final do século XX início desse século com a produção sobre a história cultural urbana além do olhar “econômico” e “social”. Olhar para a cidade em amálgama de relações, espaços e conflitos, conflui com as representações que ocorrem nesse espaço e sobre esse espaço⁶⁷. São as formas de percepção, identificação e atribuição dos significados de mundo.

No entendimento do sociológico Paulo César Xavier Pereira, a cidade é vista mais que sua concentração demográfica ou espaço de atividade não agrícola⁶⁸. Aceitar a afirmativa permite entendermos que no primeiro fator colocado não é sobre o maior número de habitantes que incidirá a complexidade social, assim como ao menor número necessariamente estará atrelado sua ausência. Para o segundo fator o quadro brasileiro mostra inúmeras cidades que sobrevivem de atividades de cunho rural, ou pelo menos abrigam trabalhadores rurais, então o que vemos em termos práticos para cidade atualmente é “a reestruturação produtiva, a multiplicação dos meios de transportes, a generalização da mobilidade residencial e profissional.”⁶⁹

Mas então como é reconhecido no Brasil atualmente o que classifica um território por cidade, ou município e até mesmo distrito?

⁶⁶A cidade é objeto da produção de imagens e discursos que se colocam no lugar da materialidade e do social e os representam. Assim, a cidade é um fenômeno que se revela pela percepção de emoções e sentimentos dados pelo *viver urbano e também* pela expressão de utopias, de esperanças, de desejos e medos, individuais e coletivos, que esse habitar em proximidades propicia. Ibid., p. 14.

⁶⁷É o imaginário urbano, como todo o imaginário, diz respeito a formas de percepção, identificação e atribuição de significados ao mundo, o que implica dizer que trata das representações construídas sobre a realidade – no caso a cidade. Ibid., p. 15.

⁶⁸No cômputo geral dos municípios brasileiros, por exemplo, vem aumentando o número de cidades que abrigam população agrícola e na década de 1980 estabilizou-se uma tendência de trabalhadores rurais residirem em cidades, numa proporção em torno de 18 e 20% do total desses trabalhadores. Cf. PEREIRA, Paulo César Xavier. **Cidade: sobre a importância de novos meios de falar e de pensar as cidades.** In BRESCIANI, Maria Stella. Palavras de Cidade. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001. pág. 267.

⁶⁹Ibid., p. 268.

Município é a menor unidade territorial brasileira com governo próprio, é formado pelo distrito-sede, onde acha-se localizada a cidade, que é a sede municipal e que leva o nome do município e, que corresponde à zona urbana municipal e; também, pelo território ao seu entorno, a zona rural municipal que pode ser dividida em distritos cuja maior povoação recebe, geralmente, o nome de vila.⁷⁰

Já sobre Distritos é válido entender que este é uma subdivisão do município, cuja sede é a “vila”. Contradição no fato da vila estar presente na zona rural do município, e sua população ser contada no censo como urbana. A sede do Distrito é considerada parte integrante da zona urbana, daí justifica-se parte das dificuldades atuais de fazer um quadro delimitado para conceituar tais categorias.⁷¹

Entender a cidade é reconhecer, além de espaços físicos os movimentos urbanos atrelados a sua funcionalidade, daí que em Ângela Maria Endlich “o alto nível de produção e produtividade, técnica e cultura são requisitos para a sociedade urbana”⁷². A mesma autora parafraseando Milton Santos descreve que ser urbano no Brasil está atrelado:

[...] a diferença da materialidade presente no território brasileiro que compõe o meio-técnico-científico; a lógica da industrialização, compreendida de maneira ampla, que leva a um aumento da produção – material e imaterial, bem como um aumento do consumo; construção das bases para uma verdadeira fluidez do território – desenvolvimento dos transportes e comunicações.⁷³

Em âmbito nacional as transformações ocorrem nos trilhos econômicos, sociais e territoriais, sua dinamicidade é tamanha que estas passam a ser apreendidas e em

⁷⁰Cf. LEMES; LEMES; MATOS, 2009. Ao citar Pinto apud Montes, 2005. Ainda segundo a obra: Hoje, com autonomia conquistada a partir da Constituição de 1988, considera-se como município no Brasil, o conjunto formado pela zona rural e pela zona urbana. Por sua vez, o IBGE, considera como rural a população e os domicílios que se encontra em toda área fora dos limites urbanos (incluindo os aglomerados rurais de extensão urbana, os povoados e os núcleos), e como urbanos as pessoas e os domicílios recenseados nas áreas urbanizadas ou não, correspondentes às cidades (sedes municipais), às vilas (sedes distritais) ou as áreas urbanas isoladas. MONTES, 2005 apud, LEMES; LEMES; MATOS, 2009, p. 818 e 819.

⁷¹Ibid., p. 820.

⁷²ENDLICH, Ângela Maria. **Perspectivas sobre o urbano e o rural**. In SPOSITO, M. Encarnação Beltrão, WHITACKER, Arthur Magon. **Cidade e Campo: relações e contradições entre urbano e rural**. 1ª Ed. São Paulo. Expressão Popular, 2006, pág. 25.

⁷³SANTOS, 1996. apud ENDLICH, 2006, p. 28.

paralelo empreendem outras formas e contornos aos espaços e hábitos de ser cidade e viver o urbano. Dizer, viver o urbano, é porque o mesmo rompe com os limites geográficos da cidade e recai na relação cidade-campo, sustentação adquirida pela divisão técnica, social e territorial do trabalho, somando “o uso do conceito urbano [...] para qualificar o espaço e/ou as relações que se processam num dado espaço, tendo como contraponto e complemento contraditório o rural”⁷⁴.

Adentrar a discussão que conceitue campo e rural é como vimos acima, não está separado do entendimento de cidade e urbano, quando por sua vez podemos concordar que “[...] o rural não é definido por oposição e sim na sua relação com as cidades.”⁷⁵

Refletir sobre campo deve fugir da busca por conceitos prontos e delimitados, porém com sinais onde o campo é “marcado mais pela extensão e dispersão, atende técnica e economicamente ao desempenho de outras atividades”⁷⁶. Enquanto para rural há a predominância de atividades voltadas à agropecuária.

Pensar o rural para Mara Lúcia Falconi da Hora Bernardelli a partir dos apontamentos de Abramovay seria considerar três fatores de peso forte: a estreita relação de seus moradores com a natureza, a relativa dispersão populacional com propensão a ajuda mútua e a dependência que o meio rural tem com o sistema urbano, principalmente na área econômica.

Pensando sobre a paisagem rural, sua aproximação está ligada aos “aspectos naturais como: existência de vegetação, cultivo de produtos alimentícios, criação de animais.”⁷⁷ Transformações que ocorrem num tempo mais lento que a dinâmica urbana, porém acabam encobrindo à primeira vista seus problemas entre um ar harmônico e até mesmo bucólico.

⁷⁴BERNARDELLI, Mara Lúcia Falconi da Hora. **Contribuições ao debate sobre o urbano e o rural**. In SPOSITO, M. Encarnação Beltrão, WHITACKER, Arthur Magon. **Cidade e Campo: relações e contradições entre urbano e rural**. 1ª Ed. São Paulo. Expressão Popular, 2006. pág. 33.

⁷⁵ABRAMOVAY, 2001. apud, BERNARDELLI, 2006, p. 34.

⁷⁶SPOSITO, op. Cit., P. 116.

⁷⁷BAGLI, Priscila. **Rural e urbano: harmonia e conflito na cadência da contradição**. In SPOSITO, M. Encarnação Beltrão, WHITACKER, Arthur Magon. **Cidade e Campo: relações e contradições entre urbano e rural**. 1ª Ed. São Paulo. Expressão Popular, 2006. pág. 103.

Diante de toda essa conjectura para o entendimento de cidade, campo, urbano e rural, é que olhamos para sua funcionalidade no Município de Iguatu⁷⁸, Estado do Ceará, no decorrer das últimas quatro décadas do século passado. A sede urbana de Iguatu é o que podemos chamar de cidade, pelo entendimento já exposto anteriormente.

Os Distritos componentes da área rural, numa dimensão ampla de funcionalidade atrelam-se ao campo, ainda que suas sedes, as vilas, sejam consideradas urbanas, denotando contradição entre aproximação. Aqui paramos especificamente no Sítio Estrada⁷⁹, como o espaço rural a ser questionado através de análises.

Dentro do quadro dinâmico, hora esmiuçado, nosso *locus* urbano e rural sobre cidade e campo no decorrer de tempo e espaço, diz de um espaço urbano funcionando com grande força, mas atrelado principalmente ao que estava sendo retirado do campo, entre agricultura e pecuária.

A utilização da obra de Átila de Menezes Lima em “A Geografia Histórica de Iguatu - CE: Uma Análise da Cultura Algodoeira de 1920 a 1980” nos permite a apreciação com acuidade sobre dados pormenorizados do processo de ocupação das terras iguatenses, as culturas econômicas que conseguiram destaque, as motivações geográficas e as consequências sociais.

O município de Iguatu na sua história de formação remonta ao período em que suas terras Ribeira do Quixelô pertenciam à Vila de Icó, apenas em 1720 muda para Sítio Telha.⁸⁰ As concessões de terras foram feitas para figuras provinciais de Pernambuco, Rio Grande do Norte e Icó. O processo da ocupação de terras localiza o contexto local dentro do macro, pois a expansão econômica européia concedeu sesmarias como forma de povoamento, além da estratégica aliança catequizadora cristã.

⁷⁸O Município de Iguatu, distante cerca de 380 a 400 km da capital Fortaleza, no Estado do Ceará, localiza-se na mesorregião centro-sul cearense, limita-se às cidades de Icó, Cedro, Orós, Jucás, Cariús, Quixelô e Acopiara - é composto por zonas urbanas e rurais. Em 2001 apresenta a última divisão territorial em oito distritos: Iguatu, Barreiras, Barro Alto, Baú, Gadelha, José de Alencar, Riacho Vermelho e Suassurana (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 2006).

⁷⁹O Sítio Estrada, pertencente ao Distrito de José de Alencar, no município de Iguatu, tem seu início como Sítio “Tabuleiro da Estrada”. “O nome Estrada originou-se por ser uma estrada (caminho) que ligava Sítio Cachoeira a Fazenda da Serra (hoje José de Alencar)”. A primeira casa do Sítio data de 1826 e pertenceu ao Major Antônio Alves Silva, quando em 1911 no local desta casa foi erguida a primeira Capela, dedicada a Padroeira do Sítio Estrada, Capela da Senhora dos Remédios. José de Alencar, Distrito que passa a ser extensão do Município de Iguatu em 20 de dezembro de 1938, por força do Dec-Lei nº 448. Cf. **História da Comunidade:** Sítio Estrada. Documento Escrito: Pesquisa sobre o Sítio Estrada. Autor Desconhecido. Quando da pesquisa conta-se 84 famílias morando no Sítio Estrada.

⁸⁰NOGUEIRA, 1962, apud LIMA, 2011, p.83.

Os carmelitas em 1696 já ocupavam a região jaguaribana na função de catequização dos índios Quixelôs, pertencentes à raça tapuia que fora aldeada por volta de 1719, fase que contou com a figura do Cel. Gregório Martins Chaves nomeado para administrador.

O autor expressa a possibilidade de controvérsias historiográficas sobre o processo de ocupação de Iguatu, porém há consenso sobre sua viabilidade para a ocupação de colonizadores através de sesmarias, terras propícias a pecuária, assim como espaço importante que levaria o povoamento a região centro sul da província.

A Vila de Icó era um interposto comercial gerado pela atividade algodoeira e pecuária, fato que a levou a despontar entre as maiores vilas em importância econômica do Ceará. Telha pertencente a esta Vila, viu desta relação o nascimento de sua função econômica e social, assim sua passagem para o cenário agro-exportador atravessou do séc. XVII ao XX.

O auge econômico de Icó permitiu que em paralelo, Telha vivesse a transição de sítio para povoação, é importante termos por referência que parte considerável de suas terras, pertenceu aos moradores de Icó. O volumoso pedido de concessão de sesmarias estava justificado pela necessidade da criação de gado e cavalo, o que a fez destacada na pecuária e possivelmente abastecedora de Icó. A economia ainda estava restrita a pecuária e agricultura de subsistência, como em maior parte da região cearense.

Aqui paramos para refletir sobre tais colocações segundo o mesmo autor, pois Icó e Telha presumem certa divisão social e territorial do trabalho. Na primeira moravam os donos das fazendas, enquanto que na segunda estavam os trabalhadores dessas fazendas, onde estes últimos não só trabalhavam cuidando de gado e cavalos, mas moravam e da agricultura tiravam sua subsistência.

Telha conseguia crescer diante de sua Vila, o aglomerado populacional equiparava-se, no “recenseamento de 1872, baseado no número de habitantes por paróquias, Icó apresentava 13.807 e Telha 12.714 habitantes.”⁸¹ Um importante centro administrativo fora o significado desta na região centro-sul cearense, trazendo para si a categoria de cidade em agosto de 1874.

A pesquisa apresenta um conjunto de elementos que esboçam a história iguatense dentro do contexto cearense, pois nesse período este último vivia a fase da

⁸¹ ANUÁRIO DO CEARÁ, 1955-1956, apud LIMA, 2011, p. 92.

produção e comercialização do algodão, enquanto que o primeiro através de figuras do cenário político local era alinhavado dentro da “divisão interna do trabalho, em que existiam as zonas produtoras e as zonas coletoras e acumuladoras das riquezas.”⁸²

O algodão passou a ser a principal atividade agrícola do Estado, fenômeno conhecido por “ouro branco”, fora preciso estruturar rodovias para escoamento da produção, uma vez que esta era feita ainda sobre o lombo de animais. Inicia-se o período de abertura de estradas e ampliação das linhas ferroviárias. Outra consequência imediata fora a mecanização do campo e a industrialização, o Estado cearense viu a introdução das primeiras indústrias têxteis e de produção de óleos. A cultura algodoeira no Ceará modificou o espaço e construiu nova ordem nas relações sociais.

Em termos de estrutura fundiária a “cultura do algodão era a do latifúndio-minifúndio”⁸³ coexistiram culturas de subsistências como, milho e feijão, e as relações de trabalho quase sempre foram estabelecidas por parcerias, meias e arrendamentos. Relações herdadas dos primórdios da pecuária e séculos depois puderam ser percebidas nas práticas do cultivo do algodão.

Iguatu passou então para o século XX e o forte apoio da estrada de ferro trazida para cá em 1910, trouxera variações não só quanto ao fluxo de pessoas, mas peculiaridades que dinamizaram esse município. Abordaremos com mais detalhes em outra parte do texto as discussões que decorrem sobre a estrada de ferro em Iguatu.

O autor consegue ao descrever o “desenvolvimento da atividade algodoeira em Iguatu durante o período de 1920 a aproximadamente o findar dos anos 70 e início dos anos 80 deste mesmo século”⁸⁴ perceber o paralelo destes recortes temporais e espaciais “com o momento de transição da economia brasileira de agro-exportadora para uma economia urbano-industrial.”⁸⁵ Iguatu a partir do algodão confirma sua

⁸²LIMA, Átila de Menezes. **A Geografia Histórica de Iguatu - CE: uma análise da cultura algodoeira de 1920 a 1980.** – Fortaleza, 2011. Orientadora: Prof^a Zenilde Baima Amora. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Geografia) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Ciências e Tecnologia. Área de Concentração: Análise Geoambiental e Ordenação do Território nas Regiões Semi-Áridas e Litorâneas. Disponível em < http://www.uece.br/mag/dmdocuments/atila_dissertacao.pdf> Acesso em: 03 out. 2011.p. 93.

⁸³OLIVEIRA, 1981, apud LIMA, 2011, p. 69.

⁸⁴Ibid., p. 101.

⁸⁵OLIVEIRA 2003, apud LIMA, 102.

relação com a industrialização e urbanização, implicações que não ficaram apenas na cidade, mas atingiram os espaços do campo.

Enfim, a pesquisa de Átila de Menezes contribui na compreensão da dinâmica econômica e social de Iguatu a partir do referencial da pujança da produção algodoeira entre 1920-80. Isso é relevante na medida em que mesmo utilizando-se de partes restritas desse trabalho, verifica-se o alcance de suas argumentações na compreensão da complexidade desses aspectos no tocante à organização de um pólo econômico da região centro-sul.

Já no trabalho de Alencar e Amora⁸⁶ é feita uma análise da pertinência do estudo dos “fluxos” e “mobilidade” quanto à produção espacial da cidade iguatense dentro de um contingente maior que é seu papel de centralidade.

Nesse artigo, os autores chamam atenção para a abertura do investimento industrial em Iguatu. As fábricas de beneficiamento do algodão são citadas, como a exemplo a Companhia Industrial de Algodão e Óleos - CIDAÓ que no ano de 1930 empregou “uma mão de obra composta por mais de 400 funcionários, favorecendo assim, maior circulação de dinheiro no comércio local.”⁸⁷ A economia iguatense viu sua diversificação favorecida pelo desenvolvimento de atividades comerciais, onde seu setor industrial fora a principal fonte. O fomento que a instalação da Escola Agrotécnica Federal, nos anos de 1950, trouxera foi quanto à qualificação de produtores agrícolas e pecuaristas da região.

Os anos que compuseram a década de 1970 viram as portas de muitas indústrias de beneficiamento serem fechadas. Contudo, essa não foi a motivação para a economia de Iguatu estagnar, pois sua diversificação contou com “atividades comerciais, que por sua vez eram fortificadas pela migração dos capitais regionais para os setores secundário, comercial e de serviços”⁸⁸, Iguatu mostrava sua complexidade econômica e afirmava-se como “terciária”.

⁸⁶ALENCAR, João Vitor Oliveira e AMORA, Zenilde Baima. **Dinâmicas Urbanas não Metropolitanas: Um Estudo de caso em Iguatu, Ceará.** Revista Homem, Espaço e Tempo. março de 2011. Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Centro de Ciências Humanas - CCH. Disponível em: <http://www.uvanet.br/rhet/artigos_marco_2011/dinamicas_ao_metropolitanas.pdf> Acesso em: 10 out 2011

⁸⁷Ibid., p. 35.

⁸⁸AMORA e COSTA, 2007 apud ALENCAR e AMORA, 2011, p. 36.

Assim, pode-se indagar: em que medida o setor terciário se expandiu em Iguatu? A pista que os autores lançam é pensar na idéia do fluxo, principalmente entendendo o consumo da população “apoiado nos valores e normas de reprodução do capital, expandiu-se de forma expressiva, tornando mais complexo os fixos e os fluxos na cidade de Iguatu, que vem reorganizando sua estrutura urbana e regional.”⁸⁹

Iguatu passou a exercer papel de centralidade em relação a outros municípios, nele são encontrados dentre outros, produtos como gêneros alimentícios e artigos de higiene, que segundo Zenilde Baima Amora e João Vitor Oliveira de Alencar, são os produtos que atingiram maior índice de procura e também contribuíram no fluxo de pessoas para o centro urbano iguatense, que foram contabilizadas pelos pesquisadores como originadas de pelo menos quatorze municípios, três distritos de município vizinho além dos distritos de Iguatu.

Estaria Iguatu exercendo maior importância para o consumo que produção. Sua estrutura entre fluxo e mobilidade lhe permitiu o papel de intermediar municípios circunvizinhos e respectivos distritos da região centro sul cearense, dentro da distribuição de bens e serviços.

A configuração espacial de Iguatu expressa hoje as cristalizações materiais no espaço ligado a produção, circulação, distribuição e consumo (campos, fábricas, vias de circulação, residências etc.), sucedido do funcionamento da atividade industrial do século XX pautada na cotonicultura e essa herança alicerça os processos que hoje configuram a centralidade dessa cidade. Iguatu configura-se eminentemente terciária, caracterizada pela concentração de bens e serviços que são ofertados à sua hinterlândia regional, gerando fluxos, amplificados pela rede urbana já implantada, que definem seu papel intermediário.⁹⁰

Finalizamos o paralelo com esses pesquisadores obtendo contribuições além da temporalidade que nos atemos, porém com riqueza peculiar para nossos registros, pois a saída de Iguatu do século XX tem marcas que remontam ao Sítio, enquanto distrito da Vila Icó, numa panorâmica de longa duração que contempla a construção de sua história com o nexo entre campo e cidade, rural e urbano, indústria e comércio na modificação de práticas e relações sociais e espaciais.

É preciso assim analisar a vivência dos sujeitos desse período no contexto do espaço que apresenta as relações e práticas sociais, entre urbano e rural. Em Memória

⁸⁹ ALENCAR e AMORA, 2011, p. 36.

⁹⁰ Ibid., p. 41 e 42.

dos Comerciantes de Iguatu, de Cláudia Leitão, é feita referência ao que une e separa urbano e rural, distinções e semelhanças, como no relato de um dos moradores:

Sou comerciante aqui em Iguatu desde 1962 e em 82, 83 adquiri uma área de terra para produzir algodão. Nessa época a agricultura do Iguatu estava mais voltada para a monocultura de algodão. [...] O Iguatu era uma região onde a arrecadação do ICMS na época batia praticamente todas as cidades do interior inclusive Juazeiro e Sobral por causa do algodão que era uma coisa fantástica. Essa época foi exatamente 70 até o início de 80. Quando eu comprei a área que fui plantar algodão já foi na fase final, na fase ouro do algodão. [...] E o comércio de lá pra cá, de certa forma, veio sofrendo muito pela falta desse proveito, exatamente porque ele representava praticamente 90% de toda a arrecadação, de todo o lucro que havia na região.⁹¹

Seja algodão, milho, feijão, arroz, ou pecuária, estas foram as ferramentas rurais, e porque não explorar o termo “agrícola”, peças vindas do campo, na movimentação da cidade, fazendo as vezes urbanas. A cidade de Iguatu tem o papel de gerir condições apropriadas para tais produções, como na venda de produtos que deem subsídios, moradia para alguns produtores ou ponto de encontro entre estes, a venda de produtos básicos de uso doméstico, dentre outros. Urbano que caminha entre curvas “ascendente” e “descendente” de sua principal atividade, o comércio.

Tivemos no Iguatu empresas como Anderson Clayton, trabalhava mais com algodão. Ele comprava o algodão, exportava para Fortaleza e de lá ia para a Inglaterra, Estados Unidos. E depois surgiram as outras empresas administradoras de algodão. No comércio, por exemplo, você tem uma curva ascendente e depois uma descendente. A ascendente vai até dezembro, aí janeiro começa a baixar um pouquinho, (fevereiro, março e abril). Então, como havia a produtividade do algodão, de maio em diante, quem produzia algodão já começa a receber recursos adiantadamente, pra descontar na época da entrega do algodão. *Eram contados os agricultores que não tinham um carro novo. A coisa era mesmo fantástica.* Teve uma época em que a gente trabalhou com rádio, também vendia móveis, eletro-domésticos, vendia cem rádios, colocava dois três rádios dentro de um saco. Era uma coisa fantástica.⁹²

Cidade que cria seus mecanismos urbanos para fazer circular o que vem do meio rural. Assim, com a cidade funcionando com o que advém do campo, podemos também parar para refletir sobre o inverso.

⁹¹LEITÃO, Cláudia. **Memória do Comércio**. Rio de Janeiro, Editora SENAC, 2001. - página 169 – 170. p. 208.

⁹²LEITÃO, loc. cit. Grifo nosso.

Cidade que funciona atrelada além do que o campo fornece. A cidade não para, mesmo sem os produtos agrícolas e pecuários. “O comércio do Iguatu, gira hoje em torno de que, (*sic.*) quem já deixou de trabalhar, que é o aposentado. O dinheiro que circula aqui no Iguatu, nas cidades da região, provém daquelas pessoas que se aposentaram.”⁹³

A autora percebe na fala do entrevistado o que faz a cidade funcionar. Essa modificação do que liga as engrenagens da cidade, percebidas pelo olhar de um de seus moradores conota a mais uma das etapas da relação urbana e rural. A atividade do algodão tem seus dias finais, mas a cidade continua recebendo do campo, porém através de outras vias:

Depois dessa fase do algodão, como empresário sempre me envolvi com entidades de classe e serviço fiscal. Nós criamos uma Associação de Criadores com o objetivo de motivar a pecuária como alternativa, já que o algodão tinha se acabado. E há mais décadas atrás aqui já criava gado, já se plantava feijão, milho, arroz. Essa fase do algodão que é o do meu conhecimento, quer dizer, é dos anos setenta para trás. [...] De lá pra cá, devido a falta do algodão, não tem mais aquela curva ascendente, hoje é uma curva estável, na horizontal. Aí tem vezes que baixa um pouquinho, depois volta, não há aquele crescimento. O que falta para nós aqui é um controle, um acompanhamento. Qualquer atividade você tem que estar preparado.⁹⁴

Estes são alguns usos dessa simbiose, nas relações estabelecidas entre os sujeitos que ocupam o urbano e rural, demonstrando assim, a viabilidade de sua coexistência. Por sua vez, aplicar uma forma ímpar no Brasil para campo e rural seria fechar os olhos para as características pertinentes às regiões que o compõe, e vamos mais além, seria unificar o que por natureza é diverso, ou seja, a cultura local de arrumação e ocupação do espaço feita pelo povo brasileiro ao longo de séculos de sua história.

O debate é mais profundo a partir do par cidade e campo, entre a coexistência do meio rural com tais demandas urbanas. Tais relações são encadeadas com o enfoque voltado para o uso do espaço, manipulado através de objetos concretos, gerando maior fluidez entre territórios, com a comunicação entre pessoas, confluindo por sua vez na construção de sentidos para a prática de espaços, em temporalidades e características diversas.

⁹³LEITÃO, loc. cit

⁹⁴LEITÃO, loc. cit

É por assim refletir nas construções sobre o que é cidade, urbano, campo e rural, que é necessário ampliar o enfoque para além de meramente conceituar, e sensivelmente perceber que o quadro é desenhado pelo entorno das relações entre cidade e campo, assim como urbano e rural.

1.2 Caminhos da Relação entre Urbano e Rural

Iniciamos a caminhada advertindo que não é possível aqui desvencilhar o uso de cidade e campo, onde na própria descrição que iremos discorrer por si só fará a explicação. Lembremos que “os conceitos de urbano e rural constituem-se em ferramentas fundamentais para se compreender cidade e campo”⁹⁵, porém não as únicas.

A reflexão ocorre iniciando com uma indagação. Uma das características associadas a campo, conforme já citado anteriormente, é seu atendimento técnico e econômico no desempenho de outras atividades, mas é importante ser levado em consideração que não há divisão técnica ou econômica que não seja divisão social do trabalho. Então qual técnica e atividades econômicas ocupam o meio rural? Há diferenciação ou todas têm a mesma construção? Podemos inferir ainda, como tudo ocorre e quais os papéis desempenhados pelos sujeitos sociais envolvidos? Além de quais os reflexos na vida diária dos moradores do campo e as possíveis modificações nas práticas rurais?

Através da concepção de relações entre urbano e rural, diante da diversidade regional que ocupa o Brasil, pode ser possível compreender mais que dicotomia, ir adiante, pensar em função do movimento da realidade, longe de um enquadramento único, mas atrelado a um conjunto de informações com diferentes dimensões, contexto histórico, espaços e práticas.

Nesse conjunto é importante lembrar que cidade não irá sobrepor o campo, assim como o urbano não sucumbirá as práticas rurais, são as relações que se transformam. É por assim dizer que:

⁹⁵SPOSITO, op. Cit., P. 116.

A nossa época se caracteriza pela constituição da sociedade urbana realizando-se num espaço mundial, articulado, mas profundamente hierarquizado, que não quer dizer que o campo deixe de existir, mas que ele se articula agora num outro plano ao conjunto do território, com outras particularidades. [...] o que não quer dizer que vivemos em todos os lugares a sociedade urbana - mas este é o caminho que toma o processo de reprodução hoje, construindo novos ramos da atividade, [...] novas relações entre áreas, novos conteúdos para as relações sociais, profundamente articuladas a expansão do mundo da mercadoria⁹⁶.

A análise do meio rural e meio urbano perpassa por suas particularidades, papéis que desempenham suas dinâmicas assim como suas complementaridades.⁹⁷ Chegar nesse ponto de reflexão implica em considerar outro fator pertinente dentro da relação urbano e rural, a existência de regiões agrícolas. “Hoje, as regiões agrícolas (e não rurais) contêm cidades; as regiões urbanas contêm atividades rurais”.⁹⁸ No estudo da obra de Milton Santos sobre as regiões urbanas, vemos que estas são aparelhadas pela inter-relação das atividades de fabricação ou terciárias, e que de certa forma as atividades agrícolas presentes mantêm relação. Nas regiões agrícolas sua unidade passa ser devido à inter-relação entre o que o autor chama de mundo rural e mundo urbano, em que este tem a cidade como representante, e a mesma abriga as atividades agrícolas circundantes e que de certa maneira nutre dependência com estas, mesmo que em graus diversos.

Presume-se que toda cidade assim como regiões urbanas, dentro do quadro geral urbano, direcionam de uma maneira ou de outra, interesse pelas atividades agrícolas. Já por sua vez nas regiões agrícolas, é o campo, principalmente, que dá o rumo dos passos econômicos e sociais no sistema urbano. Para as regiões urbanas são as atividades secundárias e terciárias que têm esse papel.

Ainda segundo Milton Santos essas cogitações são objeto de análise de forma generalizada. “Haveria, então, um *Brasil urbano* e um *Brasil agrícola*, em que o critério

⁹⁶CARLOS, 2004, apud SOBARZO, 2006, p.61.

⁹⁷ABRAMOVAY, 2000, destaca que há desvio no caminho de entendimento sobre urbano e rural, ao associar espaços rurais à ausência de serviços de cidadania e ao atraso, assim como ao implantar nesses espaços esses serviços, signifique, a urbanização no campo. Cf. Bernardelli, 2006, pág. 44.

⁹⁸SANTOS, op. Cit., P. 73.

de distinção seria devido muito mais ao tipo de relações realizadas sobre os respectivos subespaços. Não mais se trataria de um Brasil das cidades oposto a um Brasil rural.”⁹⁹

Estabelecer identificações sobre tais relações dos subespaços nos permitiu utilizar uma ferramenta proposta pela História da Cultura Material. O estudo dos objetos materiais interage com aspectos concretos dentro da vida humana. Não vamos parar e inclinar o olhar no objeto propriamente dito, mas refletir sobre “seus usos, as suas apropriações sociais, as técnicas envolvidas na sua manipulação, a sua importância econômica e a sua necessidade social e cultural”¹⁰⁰.

Dentro das especificidades para o Sítio Estrada estar no uso do rádio, carros, alimentação e objetos necessários ao seu preparo e armazenamento, a relação sociomaterial que compõe o entorno e conteúdo rural. Aplicação também, para objetos de natureza diversa por entre os diferentes Sítios. É interessante então compreendermos a dimensão da História da Cultura Material:

Desta forma, o historiador da cultura material não estará atento apenas aos tecidos e objetos da indumentária, mas também aos modos de vestir, às oscilações da moda, às suas variações conforme grupos sociais, às demarcações políticas que por vezes se colam a uma determinada roupa que os indivíduos de certas minorias podem ser obrigados a utilizar em sociedades que aproximam os critérios de “diferença” e da “desigualdade”. Com relação aos alimentos, o historiador buscará não um exaustivo inventário dos vários gêneros alimentícios, mas uma compreensão dos modos de consumo, dos regimes alimentares que predominam nos diversificados grupos sociais e profissionais, das expectativas simbólicas de cada alimento; das formas de armazenamento e intercâmbio, dos gêneros alimentícios. Da variedade de habitações, procurará extrair uma compreensão da vida familiar, das relações entre público e privado, da segregação social que pode ser estabelecida a partir de determinadas configurações de espaço, dos regimes imaginários que podem estar associados a certos padrões habitacionais, da correlação entre os vários tipos de bens imóveis e os grupos sociais a que pertencem os seus possuidores.¹⁰¹

Dentro do campo das observações do fazer rural diário, através do uso do rádio, a comunicação permitiu o acesso a outros contextos, histórias, notícias e informações que passaram a circular com mais rapidez, entre os lares. As rodas de conversas, seja nas calçadas, roça, em torno do pilão ou debulha de feijão, tem conteúdo do que foi

⁹⁹Ibid., p. 75.

¹⁰⁰BARROS, José D’Assunção. **O Campo da História: especialidades e abordagens**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. p. 30.

¹⁰¹Ibid., p. 30 e 31.

escutado no rádio. O rádio promove a entrada no Sítio, assim como o urbano, de práticas de outros espaços, quer sejam os mais próximos como os mais distantes, referência a transmissão do que se passa em nível, local, regional e nacional. Na fala do entrevistado, José Nilton Araújo é identificado a reação à chegada e uso do rádio no Sítio Estrada:

O primeiro rádio que chegou aqui foi o do finado Valdemar. Nós tava nas roça, trabalhando nas roça, quando falaro: - Valdemar comprou um rádio! - Um rádio? - Sim! Só via era o povo soltando as enxadas e correndo para cá, prá ver esse rádio. [...] rapaz, menino, os vei, também nunca tinha visto. Aqui em Valdemar quando o rádio começou a funcionar era uma fila que parecia que tinha morrido era o prefeito para vê o rádio falar. [...] era a piula, nera na força não, na energia, não.¹⁰²

Cultura Material que ao entrelaçar com o objeto pesquisado, traz do uso do rádio outro ângulo, papel diversificado na manutenção da relação entre espaço e prática urbana e rural. O rádio, como veículo de comunicação informava ao produtor rural sobre a liberação de seu crédito rural, informação que atingia até o Sítio mais distante da cidade:

Nós fazíamos reuniões nas propriedades fiscais, a carteira convidava através do serviço de auto falante, jornais regionais e o rádio que todo matuto ouve. O despertar das rádios, foi a maior revolução agrária do país, o rádio a pilha. Então, você chegava nos anos 60, no despertar dos anos 70, o matuto acompanhava o fiscal com o radiosinho a tira colo, o radiosinho a pilha dava as notícias todinhas. É tanto que eu estava na Serra da Donana, no dia do assassinato do Kennedy, um matuto chegou, eu também tinha um rádio, bem cedo eu já tinha ouvido todo o comentário [...] aí o matuto chegou e disse: - Doutor o que o senhor tá achando da morte de João Cândido? Aí tinha que explicar o nome correto, eles ficavam agradecidos e continuava no rádio, baixinho que era para não atrapalhar o que os outros estavam escutando. Na colheita do algodão, principalmente eles colhendo aqui os capulhos de algodão, botando no saco de pano, saco a tira colo, mas o radiosinho sempre cantando. Quando chegava o noticiário da terra logo de manhã, nenhum saía de casa, do café, antes de ouvir o noticiário da terra¹⁰³.

¹⁰²ARAÚJO, J. N. **José Nilton Araújo**: Morador do Sítio Estrada. Depoimento [mai 2009]. Entrevistadora: Jucilane de Sousa Carlos. 1 fita cassete (60min), pps, estéreo. Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa em razão do Mestrado Acadêmico em História Cultural - MAHIS/UECE. Sítio Estrada – Iguatu -CE, 2009.

¹⁰³VERDE, W. H. L. **Wilson Holanda Lima Verde**: Morador do Município de Iguatu [jul. 2007]. Entrevistadora: Jucilane de Sousa Carlos. 1 fita cassete (60min), pps, estéreo. Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa em razão do Mestrado Acadêmico em História Cultural - MAHIS/UECE. Iguatu - CE, 2007.

As formas de uso do rádio e o valor a este empregado, pelo morador de Sítio, retratam mecanismos de fomento ao elo cidade e campo. Práticas, costumes, vivências urbanas e outros estavam sendo difundidos, ainda que fosse a lida da roça, o rádio foi mais um instrumento necessário, além da foice, enxada e outros utensílios do meio rural.

Além da comunicação, outros componentes subsidiaram a relação cidade e campo, como campo e cidade. Trata-se de compreender a economia em rede, articulando-se com dinâmicas que foram historicamente se delineando nas relações sociais. Percebida entre tempo, sujeitos, acontecimentos históricos com amplas dimensões, implementações de políticas de governo mundial como nacional, com seus resultados em reduzido espaço, porém com efeito proporcional, Wilson Holanda Lima Verde faz a descrição,

O advento das novas legislações e consequentemente depois da II Guerra Mundial houve uma transformação universal dos direitos do homem, e com essa transformação universal dos direitos do homem, se estendeu também ao homem do campo o direito de viver. Então foi justamente no Brasil, de Getúlio Vargas para cá, que houve a grande melhora entre a integração do campo e da cidade, [...] foi a partir daí que tivemos esse avanço técnico-científico dentro da área trabalhista, da área social. [...] a relação devido organismos com o Banco do Brasil, Banco do Nordeste, a Caixa Econômica Federal e os Serviços da Secretaria de Agricultura, Ministério da Agricultura, Ministério do Planejamento, tem uma extensão maior, significa uma maior facilidade de entrosamento entre as necessidades do campo e o fomento dessas necessidades por parte dos elementos da cidade. Então o nosso matuto de hoje é praticamente o praciante de ontem. Ele chega aqui, sabe se dirigir ao banco, sabe onde se conduzir, o que é que vem pleitear, se é um empréstimo agrícola, um melhoramento agrícola, ou se é aquisição pecuária, desenvolvimento da pecuária leiteira, ou da pecuária de corte, tudo ele sabe distinguir. Porque, graças a implantação a partir de 1937 da Carteira de Crédito Agrícola Industrial do Banco do Brasil. (nota-se ser esta agência bancária a primeira com trabalho direto com o homem do campo). No governo de Getúlio Vargas se implantou a Carteira de Crédito Agrícola Industrial do Banco do Brasil, se criou o Banco da Borracha, hoje Banco da Amazônia, se criou o Banco do Nordeste do Brasil, a partir de 53, e se criou o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social. Foram estes os estabelecimentos responsáveis por esta integração econômica campo e cidade, cidade e campo.¹⁰⁴

A escola com seu processo de formação, quando presente no Sítio deixa a diferença entre as gerações. Um dos entrevistados e morador do Sítio Estrada consegue estabelecer a modificação entre seu tempo de ir para a escola, como era a escola, e o

¹⁰⁴Id. VERDE, W. H. L. Iguatu - CE, 2007.

tempo que seus filhos passaram por tal espaço. Ainda que José Nilton Araújo na sua prática de estudo, o tempo fosse dividido com o trabalho na roça, para a geração seguinte, o caminho da roça fora muitas vezes um percurso desconhecido, em favor da escola.

Nós estudava, mas era tudo difícil. Porque nós saía daqui, nós ia estudar, distância de 7 km. Hoje em dia quem transporta os alunos sou eu, pra cá. Nós ia a cavalo num animal pra ir de noite, estudar de noite. Papai pagava professor em casa por conta dele, pra ensinar nós em casa. As vezes passava dois, três meses, professor de fora ensinando nós! [...] Era muito pouco o professor [...] Era difícil! As professoras também era tudo atrasada, não sabia nem uma conta de somar, tinha delas. Era professora, mas de péssima qualidade. Diferente de hoje, do estudo de hoje! Podia chamar uma lista de subtração, mal somava. [...] Quando eu me casei, só era na roça só eu, só. Ninguém me ajudou na roça! Até começar a criar eles foi logo butando pra escola. Aí eu tinha vontade que eles aprendessem mesmo, eles nem sabe onde é uma roça.¹⁰⁵

Para a geração de filhos das pessoas entrevistadas, em sua grande maioria, a roça é um espaço que se passa nele ou por ele, o trabalho nela realizado, tem menor relevância em ser praticada. Seu José Nilton Araújo nos dar a deixa de percebermos desse valor atrelado a escola e o estudo nela apreendido, o trabalho.

Assim, da escola passamos para o trabalho. Os moradores do Sítio Estrada, a geração entrevistada atualmente está aposentada, sendo que sua relação com o trabalho agrícola perpassa mais pelo saudosismo da prática de outrora e um relativo complemento da renda familiar. Enquanto que para seus filhos, parte, reside e trabalha na cidade de Iguatu, outra parte mora no Sítio Estrada com trabalhos advindos da cidade, como a escola e o controle da distribuição da água a partir da empresa responsável que fica na cidade. Tem os que moram no Sítio, mas devido o trabalho na cidade, fazem o mesmo roteiro de ir para a cidade todos os dias da semana e retorno ao sítio no final de tarde, e finalmente uma pequena parte ligada aos trabalhos da agricultura, mas precisando completar a renda com serviços de pedreiro, auxiliar de construção, seja no sítio ou na cidade.

Caminhos de relações urbanas e rurais percorridos entre aparelhos de comunicação, elementos promotores da economia, espaços e práticas usualmente urbanos como a escola e o não trabalho na agricultura, entre outros. Mais que responder

¹⁰⁵Id. ARAÚJO, J. N. Sítio Estrada – Iguatu -CE, 2009.

as questões levantadas no início deste ponto, permanecemos com o foco nos acertos que arrematam a relação entre espaço urbano e espaço rural.

Reconhecer o que de urbano os moradores do Sítio Estrada permitiram entrar e os usos empregados. Seja urbano, rural e agrícola, são relações e não oposições que ocorrem, mesmo que olhemos a partir da cidade, ou a partir do campo.

Como numa grande colcha de retalhos, figura em que mesmo os fios com suas distinções, se cruzam numa relação tal, permitindo a construção do todo é através dos sujeitos sociais, pessoas que fazem uso da cidade e do campo, que deixam nas suas práticas de uso do espaço, que confluem nas relações urbanas, rurais e agrícolas, os ritmos dessa relação.

São nas formas empregadas entre espaços e práticas, na cidade e campo, que perceberemos o termômetro da relação entre urbano e rural. A complementaridade e contradição serão expostas na proporção que reconhecermos a ocorrência de apropriações, ou não.

1.3 Movimentações entre Espaços, Práticas e o Fazer Rural

Ao falarmos de caminhos por onde passam as relações entre urbano e rural é preciso perceber que estes são feitos entre espaços e práticas, através do modo de possuir e executar por seus sujeitos. Sujeitos que a partir das formas empenhadas nos usos e desusos fazem do espaço mais que um limite geográfico ou arquitetônico, além da posse de propriedades. “O espaço possui a propriedade de ser localizável através dos diferentes lugares, os quais são únicos”.¹⁰⁶

As ações dos ocupantes dos espaços, ora sejam regidas por emoções, ora interação entre pessoas e pessoas, assim como entre pessoas e objetos, fazendo assim do espaço a “localização física, uma peça de bem imóvel, e ao mesmo tempo uma liberdade existencial e uma expressão mental. O espaço é ao mesmo tempo o local geográfico da ação e a possibilidade social de engajar-se na ação.”¹⁰⁷

¹⁰⁶PAULO, Eduardo. **Espaço geográfico e território: conceitos-chave para a Geografia**. Atlas da Questão Agrária Brasileira. Disponível em: <http://www4.fct.unesp.br/nera/atlas/espaco_territorio.htm> Acessado em: 28 jul 2011.

¹⁰⁷GOTTDIENER, 1993 apud BRESCIANI, 2001. p. 283.

Propomos a discussão sobre dois elementos observados no Sítio Estrada, a utilização da cerca quer seja de arame farpado ou apenas varas de pau e o muro de alvenaria.



A distribuição espacial das casas com a implicação da distância uma das outras será abordada mais a frente no texto, o que queremos aqui é refletir sobre a pertinência das casas não serem muradas, as mesmas em sua minoria são apenas cercadas. Implicações que contribuem para a proximidade entre os moradores.

A função da cerca é limitar a propriedade, impedir que animais, galinhas, porcos e outros, fujam ou misturem-se com os animais do vizinho. Já o muro que é usado no Sítio Estrada é apenas no cemitério, ainda que este fique no centro do Sítio a guardar familiares e amigos que se foram, mostra que precisa de certa forma ficar a parte das casas, das relações diárias. Fato que à noite devido a pouca iluminação a frente do mesmo, impede que pessoas circulem desacompanhadas, assim as falas dos entrevistados revelam entre gargalhadas e muitas vezes até com receio.

Fazendo um jogo de análise percebemos como estas pessoas, homens e mulheres estabelecem seu canal de relações interpessoais, pois a cerca apenas limita espaço, mas não impede o alcance do olhar sobre o lugar, deixa a vista correr solta pela paisagem. Já o muro, cogitamos, ser este separador de relações, quem está dentro mais que numa busca por segurança, tem seu contato logo à primeira vista limitado por paredes.

A fala de Sinha descreve a sensação entre estar em casa no sítio e na cidade, onde nesta última em sua maioria são circundadas por muro, mesmo com a possibilidade de sentar à calçada, as casas vizinhas também estão dentro de seus muros, isolando pessoas e comprometendo sociabilidades. O “sair” que a entrevistada faz referência com certo pesar, diz da necessidade de ir ao centro comercial resolver algum assunto, e logo ao voltar é dentro de casa o único espaço a ser ocupado.

Porque é a casa da gente, eu me sento aí [no alpendre de sua casa que é envolta por cercas] e tô vendo todo mundo, e você sabe que em Iguatu a gente fica presa lá dentro de casa, o dia todinho. Sai, porque a gente tem que sair, mas é diferente. Eu me sento aqui no alpendre, chega um, chega outro, tá vendo, tá conversando, tá divertindo mais, dá pra se divertir.¹⁰⁸

Numa das casas que visitamos durante a coleta de entrevistas tivemos a oportunidade de ver por uma janela que fica na sala de jantar: a cerca que delimita o terreno do vizinho onde o mesmo por vezes cultiva milho, árvore frutífera ou quando deste momento, o gado fica preso e o próprio dono abastece de água o coxo, recipiente de madeira ou borracha usado para colocar água e alimento para animais: gado, porcos, ovelhas e outros. Tiramos várias fotos desse mesmo momento intencionalmente, e a cada foto íamos ampliando o foco, o quadro que segue revela como a energia elétrica cruza a rodagem e chega a todas as casas, antenas parabólicas nos telhados de quase todas as casas e postes para a iluminação das rodagens.

Uma janela que deixa o olhar atravessar os sentidos que estas pessoas pregam em seus dias, por entre elementos urbanos e rurais. Assim é que se pode entender, conforme Milton Santos, em *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*, que o espaço tem “organização específica [...] o espaço racionalizado é um espaço que pode

¹⁰⁸NETA, M. S. **Maria Sinhá Neta**: Moradora do Sítio Estrada. Depoimento [mai 2009]. Entrevistadora: Jucilane de Sousa Carlos. 1 fita cassete (60min), pps, estéreo. Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa em razão do Mestrado Acadêmico em História Cultural - MAHIS/UECE. Sítio Estrada – Iguatu -CE, 2009.

ser manipulado como uma coisa.”¹⁰⁹ O nível de técnica presente no espaço, o fará possuidor de circunstâncias envolvendo um trio: quem manipula a técnica, os objetos e o espaço social da ação. “As técnicas, em todos os seus domínios, existem como autorizações para o fazer. Os graus de intencionalidade dos objetos derivam daí”¹¹⁰

Esse fazer é proponente das práticas do espaço. São ações intrínsecas que tornam complexo a tentativa de separar ou delimitar as partes. Esse olhar geográfico de funcionamento do espaço apresenta como ferramenta importante a articulação entre técnica e relações sociais, em que “a cada período técnico corresponde uma mudança geral nas relações sociais.”¹¹¹ Ações e objetos não são separados, pois assim não teriam sentido, os objetos são significados nas ações humanas, que por sua vez faz o espaço social

Entender espaço fica mais claro quando saímos da abstração e partimos para o concreto, a fundamentação de Bernardelli nos possibilita olhar para a definição quer de rural como de urbano a partir de “uma dimensão geográfica por excelência: o espaço”¹¹². Chama-se de concreto o que é feito no e a partir do espaço, relações sociais, relações materiais, relações econômicas e outras que porventura venham à tona. Tratar as práticas urbanas e rurais, reconhecendo também seus valores substanciais, entre “mudanças”, “diversificação” e “modernização”.

São termos de uma perspectiva que parte “de múltiplas ordens, na introdução de inovações tecnológicas, nas formas e relações de produção, nas relações de trabalho, no desenvolvimento das forças produtivas, etc”¹¹³, elementos que possibilitam transformações históricas processuais na produção do espaço.

Considerar o espaço em suas práticas para assim vislumbrar onde se localiza o urbano e rural, também pode ser contemplado a partir do tipo de consumo feito.

¹⁰⁹FISCHER, 1980, apud SANTOS, 2009, p. 296.

¹¹⁰SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. – 4. Ed. 5. reimper. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009. – (Coleção Milton Santos; 1) p. 296.

¹¹¹Ibid., p. 299.

¹¹²A autora também descreve que a “divisão do trabalho é uma das principais categorias que permitiriam a definição do espaço” Cf. Maria Lúcia Falconi da Hora Bernardelli. **Contribuição ao debate sobre urbano e o rural**. In SPOSITO, M. Encarnação Beltrão, WHITACKER, Arthur Magon. Cidade e Campo: relações e contradições entre urbano e rural. 1ª Ed. São Paulo. Expressão Popular, 2006, pág. 46.

¹¹³BERNARDELLI, op. Cit., P. 46.

Outro fator que poderia ser considerado é o tipo de consumo que se faz em determinado espaço, porque seria importante na definição dos valores priorizados pelos habitantes e mesmo forneceria “pistas” de uma cultura, como conteúdo rural ou urbano mais marcado. Nesse caso, caberia estabelecer a relação com certo conjunto de representações dos habitantes, ajudando a precisar de se o “modo de pensar” encontra mais relações com o que se convencionou pensar como “urbano” ou se com o “rural.”¹¹⁴

Do consumo feito seja no espaço urbano como no rural, ainda é imperativo verificar um atrelamento dos consumos, em que ambos necessariamente sejam realizados de forma setORIZADA, ou seja, o que é consumido pelo urbano não entra no rural, assim como o inverso. Na realidade, o que ocorre são práticas que incorporam um novo fazer do espaço, outros usos de objetos, outros objetos nos usos do espaço. Urbano e rural sentidos em espaços além do que produzem, mas, no que consomem, sentem e vivem.

Das formas empreendidas no uso do espaço entendemos o lugar, num misto de relações sociais e materiais. “O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar liga-se indissociavelmente à produção da vida”¹¹⁵. São sujeitos se situando através de suas ações em espaço, são “cinco domínios de ação fundamentais das sociedades no espaço: habitar (abrigar, alojar), apropriar (possuir), explorar (produzir), trocar (comunicar) e organizar (gerir)”¹¹⁶. Chegamos à análise da questão do lugar, aqui os sujeitos estabelecem laços de proximidade ou distanciamento, o desfrutam e transformam, sendo tudo encadeado pelos sentidos aplicados ao espaço.

O lugar é um produto das relações humanas e entre o ser humano e a natureza, construído por relações sociais que realizam no plano vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são produzidos pela história e pela cultura de uma dada sociedade, constituindo identidade, uma vez que é nesse espaço que o homem se reconhece porque é o lugar da vida.¹¹⁷

¹¹⁴Ibid., p. 47 – 48.

¹¹⁵LEMES; LEMES; MATOS, op. Cit., P. 825.

¹¹⁶PAULO, Eduardo. **Espaço geográfico e território: conceitos-chave para a Geografia**. Atlas da Questão Agrária Brasileira. Disponível em: <http://www4.fct.unesp.br/nera/atlas/espaco_territorio.htm> Acessado em: 28 jul. 2011.

¹¹⁷MENDES, 2008, apud LEMES; LEMES; MATOS, 2009, p. 825.

Em se tratando do espaço urbano iguatense, a chegada da linha férrea fora sumariamente justificada por “uma decisão de lideranças políticas da cidade de Icó que no final do século XIX, era o maior entreposto comercial do Estado.”¹¹⁸ O mesmo período também viu outras indústrias chegarem à Iguatu, a partir das facilidades inerentes ao Trem, indústrias, principalmente de beneficiamento o arroz e do algodão.

O trem foi um instrumento com forte contribuição para modificações no espaço urbano, introdução de novos mecanismos da articulação da cidade, do espaço urbano e seus lugares de atuação, com a entrevista de Wilson Holanda Lima Verde teremos detalhes.

A influência da estrada de ferro, não só lá [referência a passagem da linha férrea em Alencar, sede do Distrito de José de Alencar, onde fica o Sítio Estrada] como o resto de todo o Ceará, foi uma coisa impressionante! Porque, antes, todo transporte daqui era feito em lombos de animais, antes da estrada de ferro. Graças ao Coronel Belizário Cícero Alexandrino, Intendente de Iguatu, no início do século XX, ele conseguiu desviar a estrada que ia passar no Icó, para passar em Iguatu, apesar dele ser filho do Icó. Então esse homem trouxe para cá, com isso, uma evolução extraordinária do comércio. Se dinamizou a agricultura e o comércio, se implantou a indústria na região. É tanto que a década de vinte é apontada como o primeiro grande ciclo do algodão em Iguatu.¹¹⁹



FIGURA: 02 - Estação de trem de Iguatu em 1910. FONTE: Honório Barbosa

¹¹⁸ MONTENEGRO, José Hilton Lima Verde. “A Estrada de Ferro de Iguatu” Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2010. p. 101.

¹¹⁹ VERDE, W. H. L. **Wilson Holanda Lima Verde**: Morador do Município de Iguatu [jul. 2007]. Entrevistadora: Jucilane de Sousa Carlos. 1 fita cassete (60min), pps, estéreo. Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa em razão do Mestrado Acadêmico em História Cultural - MAHIS/UECE. Iguatu - CE, 2007.

A crescente e acentuada demanda do comércio começa na construção da linha férrea, passa por sua inauguração, alicerça consequências no contexto social e econômico do município e ganha com o período de seis anos na demora de sua conclusão, especificamente o “ramal sul”¹²⁰, assim “Iguatu era o ponto final para quem vinha de Fortaleza e o ponto inicial para quem vinha do Cariri com destino a Fortaleza.”

121

A ferrovia como vê José Hilton Lima Verde Montenegro, impulsionou negócios, favoreceu o transporte de passageiros e de produtos agropecuários. Suas características principais, rapidez e agilidade, contribuíram nas condições singulares do funcionamento urbano de Iguatu, com novas formas e relações de produção, nas relações de trabalho e no desenvolvimento das forças produtivas.

No processo da diferenciação e construção foram necessários centenas de operários, relata-se a dificuldade na hospedagem de tantas pessoas divididas entre acampamentos, casas alugadas e nas poucas pensões que existiam. Por causa desse aglomerado de gente na cidade, o comércio foi aquecido por ter que suprir também as empresas responsáveis pela construção.

Dos primeiros anos de ferrovia, inaugurada em 05 de novembro de 1910, a população da cidade aumentou, devido às pessoas que o trem trazia, levava e as que decidia ficar. “Surgiram bodegas, lojas, pensões, cafés e, também, indústrias de beneficiamento de algodão, [...] de arroz, cerâmicas, olarias, etc.”¹²² Os produtos beneficiados o trem levava para Fortaleza para serem comercializados. Modificações no movimento urbano como a construção de hotéis, e a rua do comércio que teve sua extensão até a Praça Estação, unindo convivências.

Já no Sítio Estrada, elementos que entraram no entrelaçar de seu dia a dia, como o rádio, já falado anteriormente, e a televisão, faziam às vezes de acesso a comunicação e informação com o regional e nacional. O que se assiste, assim como o que se ouve, na fala de seus moradores tem força para dar outro tom na organização

¹²⁰Trecho da Linha Férrea inaugurado em 1926 na Cidade do Crato-Ce. Disponível em: <<http://fortalezanobre.blogspot.com/2010/08/parangaba-o-mais-antigo-povoado-do.html>> Acesso em: 09 nov. 2011.

¹²¹MOTENEGRO, op. Cit., P. 22.

¹²²Ibid., p. 19.

do espaço, a partir da percepção na modificação das relações pessoais, assim Josefa Irian Lavor expressa,

A gente sabe que mudou! Eu tenho cinquenta e cinco anos e a gente olhando para trás [aproximadamente desde o ano de 1954] e como foi a minha infância, como foi minha juventude, para as coisas de hoje! Tem o progresso que veio aí com tudo, que a gente acha muito bom e que também, a televisão que acabou aquele aconchego da família. [...] É como eu digo, a televisão tirou muito isso da gente, de você sair com um amigo e ficar conversando com amigo.¹²³

O esposo de Josefa Irian é criador de gado leiteiro, comercializa ainda, o leite para indústrias de laticínios presentes em Iguatu e cidades próximas, como Quixeramobim e Quixadá. O transporte do leite era feito no carro, que muitas vezes quebrava na estrada, esse trabalho de transportar acabou quando em 1998 e 1999 o mesmo construiu em seu terreno tanques de resfriamento do leite. Agora, o leite fica no Sítio Estrada, dentro do tanque, sendo resfriado junto com o leite que outros produtores cadastrados na indústria vêm deixar, e por sua vez é a própria indústria que vem em seu caminhão pegar o leite.



FIGURA: 03 – Sítio Estrada: Tanque para resfriamento do Leite.
FONTE: CARLOS, Jucilane de Sousa – 2011.

¹²³LAVOR, J. I. A. **Josefa Irian Araújo Lavor**: Moradora do Sítio Estrada. Depoimento [mai 2009]. Entrevistadora: Jucilane de Sousa Carlos. 1 fita cassete (60min), pps, estéreo. Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa em razão do Mestrado Acadêmico em História Cultural - MAHIS/UECE. Sítio Estrada – Iguatu -CE, 2009. Grifo nosso.



FIGURA: 04 - Sítio Estrada: Caminhão recolhendo o leite do tanque de resfriamento.
FONTE: CARLOS, Jucilane de Sousa - 2011.

O leite como produto que gera relação de trabalho e produção de outros alimentos, trouxe para a pesquisa sua contribuição nas modificações dos hábitos rurais percebidos a partir dessa interação com o urbano.

Rural que não abandona suas práticas, porém usa objetos originados do espaço urbano, Josefa Irian Lavor reconhece ao falar que “às vezes a gente acha até esquisito a pessoa tangendo gado ir de moto, bicicleta, mas, usa muito, mas ainda anda a cavalo, [...] é frequente, mesmo tangendo o gado de moto.” É a prática de aboiar investida com o fazer urbano.



FIGURA: 05 - Sítio Estrada: Vaqueiro na moto conduzindo boiada.
FONTE: CARLOS, Jucilane de Sousa – 2011.

O vaqueiro utiliza também a buzina da moto para conduzir o gado. As suas atividades não estão resumidas a cuidar do gado entre a ordenha mecânica e o curral, também cuida da roça e dos serviços domésticos, geralmente abastece com água os potes de barro ou tinas de alumínio. O transporte da água não é feito em motos, mas em animais, pois os açudes ficam distantes das casas. Sujeito que estende seu percurso ao centro urbano de Iguatu, aqui realiza tratamento médico, faz a feira e outros.

Além de descrever um perfil parcial do vaqueiro a atenção pode ser direcionada para outros sentidos: crédito facilitado para compra de moto e outros, comodidade no processo de “tirar o leite” que tem sua fase final já no tanque de resfriamento, lógicas urbanas de funcionamento entre agilidade e rapidez para a realização de grande número de atividades, contamos ainda com as rodagens construídas, gerando maior mobilidade no território.

Ainda sobre o uso de outros transportes motorizados presentes no Sítio Estrada, sabemos que anterior ao uso da bicicleta, moto e carro, o transporte de pessoas e cargas, era no lombo de animais. São informações retidas nas entrevistas, que além desse fato

não gerou empecilho para a comunicação entre os sujeitos da cidade e campo, sempre ocorreu de forma satisfatória apesar de realizar-se com menos frequência.

É através dos relatos de José Nilton Araújo que conhecemos as formas de acesso à cidade, suas motivações e o nível de comprometimento para realizar o traslado.

Foi muita mulher para ganhar nenê numa preguiçosa [rede suspensa por vara de madeira, onde dois ou mais homens carregavam pelo ombro] e até já ganhou nenê dentro de uma preguiçosa, para chegar no Alencar, só tinha carro no Alencar [...] não existia carro aqui [...] De 72 a 80 aqui todo mundo era na preguiçosa [...] Hoje é tudo em ambulância, é carro para todo canto. De primeiro não se via uma moto, não sabia o que era uma moto o povo aqui, tudo era bicicleta. Hoje não sabe quem é bicicleta, tudo é moto, não tem uma casa quase para não ter uma moto [...] E de primeiro só era bicicleta e só rodava no acero das rodagem que era tudo só carroçal mesmo, aqui não existia nada, era tudo no animal.

As oportunidades de comprar um carro também chegaram aos agricultores, percebe-se que nem sempre estes moravam nos sítios. Já nos sítios que tinham um ou outro morador em posse de carro oportunizou maior fluidez entre espaço urbano e rural. Aqui no Sítio Estrada é o senhor José Nilton Araújo um dos primeiros responsáveis a fazer o transporte de pessoas para a área urbana de Iguatu, com o uso de carro, ele consegue articular em riqueza de detalhes situações que não só envolveram os moradores do Sítio Estrada, mas de outros sítios que faziam uso da linha até a cidade. “Tá com 38 anos, mas ou menos já, que eu movimento com gente direto [...] Nessa redondeza todinha aqui só quem existia carro aqui, eu e Valdemar, só nós dois, e era frete direto[...]”¹²⁴

Note-se que na realização das entrevistas nesse Sítio, os relatos do Sr. Valdemar, em memória, são colocados a partir das falas dos entrevistados que conviveram com o mesmo, este conseguiu por sua vivência no Sítio ser referência. Sobre o termo a “redondeza todinha” diz do número aproximado de 27 Sítios que compõe o Distrito de José de Alencar, além da sede, Vila Alencar I. Uma divisão contata por mais um morador, Lourival Limeira. Sítios distantes, ligados por estradas carroçais e geralmente percorridos a pé, no lombo de animais ou na carroça, percebidos por seus moradores com o uso de carros e também bicicletas. O registro dos entrevistados ao longo do texto

¹²⁴ ARAÚJO, J. N. **José Nilton Araújo**: Morador do Sítio Estrada. Depoimento [mai 2009]. Entrevistadora: Jucilane de Sousa Carlos. 1 fita cassete (60min), pps, estéreo. Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa em razão do Mestrado Acadêmico em História Cultural - MAHIS/UECE. Sítio Estrada – Iguatu -CE, 2009.

é feito com autorização expressa dos mesmos, nos casos que obtivemos resposta negativa, respeitamos a idoneidade do indivíduo de forma que o teor de sua fala perpassa pelas entrelinhas de nossa escrita.

Ainda se usa, embora em menor escala a tração animal no transporte de pessoas ou bens, justificado por motivos como o pneu da bicicleta furado ou a economia do combustível da moto. Na grande maioria os animais vivem à solta pelas rodagens pastando e sem muito trabalho.

Do cantar do galo para levantar e ir para a roça, passou-se para olhar primeiro o relógio e depois o aparelho de celular a hora que o carro de linha para Iguatu vai passar à calçada de casa. Não ir para roça diariamente, não quer dizer que a prática tenha acabado, mas aos poucos foi deixando de ser a principal atividade desse recorte micro para campo e rural. Na entrevista com José Nilton Araújo percebemos como em parte é encarada a prática da agricultura,

[...] hoje, não tira mas nada, não! Arroz, ninguém chega lá na moageira pra falar dinheiro adiantado, ninguém arruma. Algodão não existe mais. Outro legume ninguém tira, acabou-se. Toda segurança do mundo hoje em dia se chama aposento e pronto, não tem outro meio não.¹²⁵

Quando o entrevistado coloca que está na aposentadoria a renda familiar, sua referência são às pessoas de sua geração, que outrora tinham nas mãos, a lida agrícola e daí colocavam dentro de casa o sustento. O sucesso na agricultura estava atrelado ao tempo áureo do arroz e algodão, período entre a década de vinte e os anos oitenta. Não dá para a agricultura de subsistência gerar os mesmos proventos de outrora, uma vez que a quantidade de trabalhadores passou a ser simbólica e outras técnicas são aplicadas nessa atividade em propriedades de produção agrícola em grande escala em outras regiões do país.

Ainda tratando sobre o contexto que envolve o “leite” no fazer rural numa relação com a alimentação dos moradores quer do Sítio Estrada como de outros Sítios, vamos ter a incorporação de novos produtos, e os mesmos, porém com outra roupagem. Dona Irian identifica que o acesso ao conhecimento de mundo e produtos oriundos da cidade é presente no Sítio. Exemplo que a farinha de mandioca permite observar, pois

¹²⁵Id. ARAÚJO, J. N. Sítio Estrada – Iguatu -CE, 2009.

esta deixou de ser consumida saindo ainda quentinha da casa de farinha, para chegar aos armários das cozinhas, vindas por sua vez do supermercado, já beneficiada e ensacada.

O leite é um alimento que todo mundo usava, pelo menos no Sítio. [...] Na minha casa mesmo, que a gente lida com leite, eu lido com trabalhador todo dia, todo dia eu tenho três, quatro homens e todo dia de manhã merenda, almoço, mas você não faz mais aquele lanche com leite. Porque um não toma leite, não come queijo, o cuscuz, essas coisas que as pessoas têm o costume do comer, não comem hoje. [...] Aquelas pessoas que antigamente viviam cem anos comendo o arroz, o feijão e a farinha, hoje você não usa mais. O que foi que melhorou, que o progresso trouxe: hoje todo mundo tem acesso aos legumes, as verduras e os enlatados, como eu falei. Todo mundo sabe o que é, hoje não precisa ninguém assim: ah, porque fulano mora no sítio não conhece as coisas.¹²⁶

Nas lembranças de uma entrevistada¹²⁷ as refeições eram compostas por *café* às 6h tomava apenas café; *almoço* às 9h comia, a exemplo, angu com leite, este feito de fubá de milho que vinha do pilão no terreiro; *jantar* às 12h podia ser feijão com pão de milho, pirão de peixe, mungunzá com fava, toucinho, orelha e pé de porco. Quando se matava um porco enchia aquela lata de querosene, quantidade referente à 17 litros, com carne de porco torrada e toda a gordura. Havia ainda a *ceia* às 17h antes do pôr-do-sol, quando atrasava, ceia à luz de lamparina, a comida era peixe de açude, feijão com pão de milho, e milho moído no moinho. Arroz e farinha eram novidade, a goma era só para preparar a papa das crianças, com leite de cabra criada no terreiro de casa, nem todo esse cardápio se aplicava à todos os moradores, porém em sua maioria. “Na alimentação era tudo natural, tirava tudo da terra, o leite assim que sai da vaca logo era ingerido”.

A comida era cozida em panelas de ferro e barro, estas compradas em Iguatu. Panelas e pratos de barro eram feitas por loceira, os pratos de barro, chamados de “alguidar” eram de tamanho tal, que até, cinco crianças comiam juntas e a louça às vezes era lavada dentro dele. Quem era mais esperto comia mais, o que gerava por vezes conflitos e choro, pois resultava que alguns comiam menos que os outros.

¹²⁶LAVOR, J. I. A. **Josefa Irian Araújo Lavor**: Moradora do Sítio Estrada. Depoimento [mai 2009]. Entrevistadora: Jucilane de Sousa Carlos. 1 fita cassete (60min), pps, estéreo. Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa em razão do Mestrado Acadêmico em História Cultural - MAHIS/UECE. Sítio Estrada – Iguatu -CE, 2009.

¹²⁷SOUSA, C. C. **Ciloni Carlos de Sousa**: Moradora do Município de Iguatu [mai. 2009]. Entrevistadora: Jucilane de Sousa Carlos. 1 fita cassete (60min), pps, estéreo. Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa em razão do Mestrado Acadêmico em História Cultural - MAHIS/UECE. Iguatu - CE, 2009.

As mudanças que foram ocorrendo, mais que alterar o cardápio, passaram a interferir nos horários das refeições. A percepção ocorre pelos próprios moradores, na mesma entrevista é vivo o conflito que paira no contexto rural. São as palavras de seu pai, que faz a análise: “O mundo não presta mais porque tudo mudou. O café é com uma mistura, o almoço sai tarde demais, a merenda fraca à tarde, e a janta passou p/ a noite, depois que escurece. Hoje em dia a gente passa fome, a janta não vai sair hoje, não!”

O consumismo pregado pelas relações socioeconômicas e sociomateriais do espaço urbano, chega ao campo e perpassa por lugares rurais dentro das mais sutis ações. As técnicas do fazer, reconhecidas como facilidades, comodismo e preguiça têm ligação ao uso de alimentos rápidos de serem preparados, principalmente os enlatados e congelados. Seria então o “fazer” urbano entrando nas cozinhas rurais, que dantes, era do braço humano que botava força na mão do pilão para ter o arroz e do manejo no moinho que saía o milho, vejamos,

Todo mundo tem acesso e eu acho é isso, e como veio às facilidades aí vem o comodismo, aquela preguiça mesmo de não fazer. [...] você vê hoje mesmo aqui um pai agricultor não quer que o filho vá para a roça. E quando a gente vê que tudo sai da roça, tudo sai daqui do Sítio. [...] É tão difícil hoje você plantar, quando você vem colocar uma roça, comprar um adubo, que você vem comprar o veneno, a mão-de-obra não tem, pois não querem mais trabalhar [na roça], porque não tem [a mesma rentabilidade que na época das grandes safras de algodão e arroz]. [Aí o que é mais fácil?] É muito mais fácil você comprar, às vezes sai muito mais em conta. [...] Acho que por isso gera, as pessoas irem desprezando os costumes, a tradição. De primeiro tinha àqueles engenhos, aquelas casas de farinha. Aqui não tinha não, mas perto tinha, mas hoje não tem mais.¹²⁸

O olhar da entrevistada não fica fixo apenas no reduto do Sítio Estrada, mas consegue percorrer outros espaços rurais, nessa engrenagem das relações de urbano e rural na modificação do espaço rural. E ter cruzado esse trecho de sua entrevista com a fala de outra entrevistada amarra o entendimento sobre o fazer rural quanto aos hábitos alimentares.

Percepção atrelada à cidade como lugar de possibilidades no acesso a bens e serviços, diferentemente do espaço rural, a partir das limitações da agricultura de subsistência. São muitos os indicativos de construção do espaço rural, nas formas de

¹²⁸LAVOR, J. I. A. **Josefa Irian Araújo Lavor**: Moradora do Sítio Estrada. Depoimento [mai 2009]. Entrevistadora: Jucilane de Sousa Carlos. 1 fita cassete (60min), pps, estéreo. Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa em razão do Mestrado Acadêmico em História Cultural - MAHIS/UECE. Sítio Estrada – Iguatu -CE, 2009.

fazer o lugar, com objetos, produtos e hábitos de outrora, mas agora com outro fazer empregado diante dos respingos urbanos.

É longe da diferenciação e separação de urbano e rural, que possivelmente poderemos olhar nas relações que seus sujeitos realizam entre espaços e práticas, como são estabelecidos os lugares. Mais que urbano se impondo no rural, mais que rural calando com as vezes do urbano, vemos a relação dos sujeitos de espaços rurais com/na área urbana de Iguatu. Histórias de espaços e práticas no fazer rural que se cruzam entre mudanças e permanências gerenciadas por seus ocupantes, ao longo de tempos e cadenciadas por amplas percepções.

NAS TEIAS DA MEMÓRIA: O SÍTIO ESTRADA NA FALA DE SEUS MORADORES

2.1 A microhistória num balanço regional e local para urbano e rural

O olhar micro para as movimentações sociais foge da concepção de uma história que minimiza os acontecimentos. É antes, estratégia para sair da superficialidade na análise, por uma forma de escrita histórica que busca singularidades na diversidade da história.¹²⁹

Aginaldo de Sousa Barbosa, em *“A propósito de um estatuto para a história local e regional: algumas reflexões”* explora o “tempo” e “espaço” entre descompasso e harmonia, através de seus desdobramentos nos diversos lugares.

Perceber o singular e o diverso na história requer ainda outra ferramenta importante: a forma de empreender o tempo sob o lugar, onde cada localidade tem sua especificidade, mas necessariamente os componentes serão idênticos em forma, quantidade e qualidade, mas ainda sim é um processo entrelaçado do regional até o nacional. Para a “História Local e Regional importa a apreensão do “tempo dos lugares”, o tempo realmente vivido por cada localidade, composto por uma amálgama de experiências distintas dos pólos hegemônicos num mesmo momento histórico”.¹³⁰ O

¹²⁹ BARBOSA, Aginaldo de Sousa. **Redescobrimo o Brasil: os desafios da História Local e Regional.** XII Semana de História da UNESP/Franca, em outubro de 1998. Disponível em: <http://www.franca.unesp.br/PROPOSITO_REGIONAL.pdf> Acesso em: 30 out.2011.

¹³⁰ Ibid., p. 4.

estudo do local apresentará o comportamento de um espaço com seus sujeitos, sobre uma temporalidade sem perder de vista o ângulo do processo histórico.

Assim, a definição do que é o local ou a região vale-se, criteriosamente, da observação das relações orgânicas que determinada espacialidade mantém com outra em diferentes momentos históricos. Desta maneira, a noção de espaço local ou regional é flexível e suas modificações derivam dos movimentos e do curso da história¹³¹.

Em Afonso de Alencastro Graça Filho, na obra usada nessa pesquisa, o mesmo faz uso de Giovanni Levi, ao estabelecer a diferença da micro-história de um simples estudo de caso. Aqui a coesão de grupo não é questionada e é designada por identidades predeterminadas, por exemplo, cita: a cultura popular, as mentalidades e as classes. Mas na outra,

As lutas pelo poder e os conflitos sociais são analisados como se os agregados de grupos envolvidos não possuíssem clivagens ou pertencessem a uma sociedade fragmentada e conflitante. A especificidade da ação de cada indivíduo num agrupamento humano não pode ser tomada como irrelevante quando tratamos de temas como consciência de classe, solidariedade de grupo ou limites da dominação de poder. A biografia se torna pertinente e necessária para nuançar as distinções e os conflitos internos a um grupo social analisado, revelando suas formas coercitivas e os limites de liberdade que operam dentro dessa rede de coesão.¹³²

A microhistória ganha maior relevância por possibilitar o estudo regional com outras bases. “Os estudos de dados seriados devem estar sempre munidos das informações sobre as divisões administrativas relativas à região selecionada ao longo do corte cronológico da pesquisa.”¹³³ Busca por diferenciar as adaptações e até mesmo os acréscimos que o contato com o diferente possibilita, assim como os distintos traços de permanência.

Numa panorâmica sobre a urbanização nacional entre os anos de 1940 a 1980, é verificado no ano de 1950 “uma tendência a aglomeração da população e da

¹³¹Ibid., p. 10.

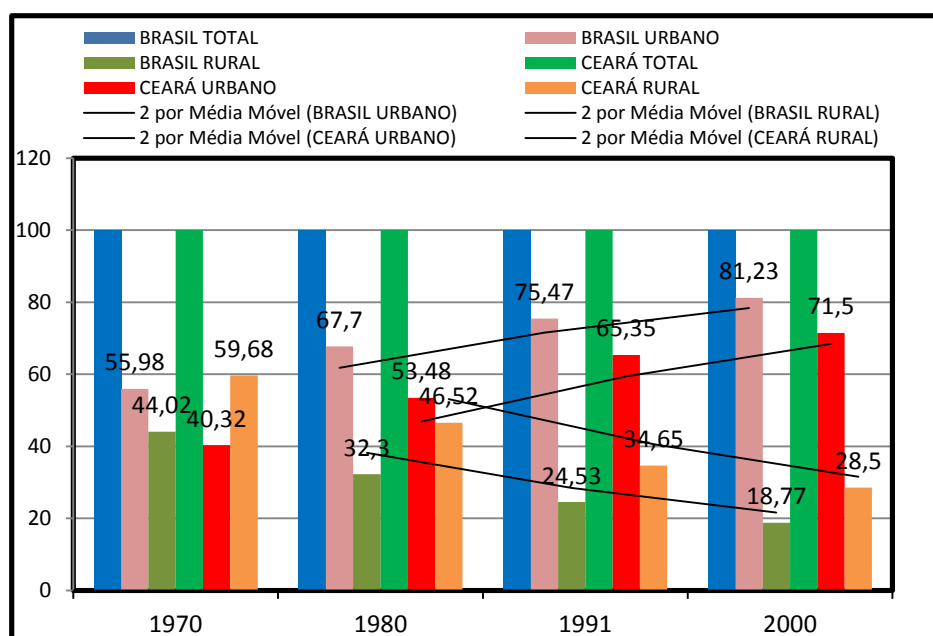
¹³²LEVI, 2002 apud GRAÇA FILHO, 2009, p. 61 e 62.

¹³³Ibid., p. 53.

urbanização.”¹³⁴ O autor observa que nesse processo os núcleos populacionais com 20 mil habitantes são considerados cidades médias para os anos 40 e 50, mas a partir dos anos 70 já seria aplicado o quantitativo de 100 mil habitantes em boa parte do território nacional.

A década de 70 é marcante no país, foram dez anos que em parte a população viveu o mais rápido processo de concentração de renda outrora ocorrido no país.¹³⁵ Anos que viram a população de sua área rural migrar rapidamente e numa elevada quantidade para diversas cidades, fenômeno que ficou conhecido por êxodo rural.

Gráfico 01: Percentual da População Nacional e Estadual no seu total, na área urbana e área rural.¹³⁶



O gráfico apresenta o percentual do nacional ao estado cearense. Percebemos dentro da população total de ambos o deslocamento da área rural para a urbana. Em relação a este estado a migração foi tímida na década de 70 e cresce consideravelmente a partir de 80.

Mudança de domicílio que desencadeou desigualdades sociais, estas aumentaram em relação à distribuição de renda e atingiu a camada popular do setor

¹³⁴SANTOS, op. Cit., P. 77.

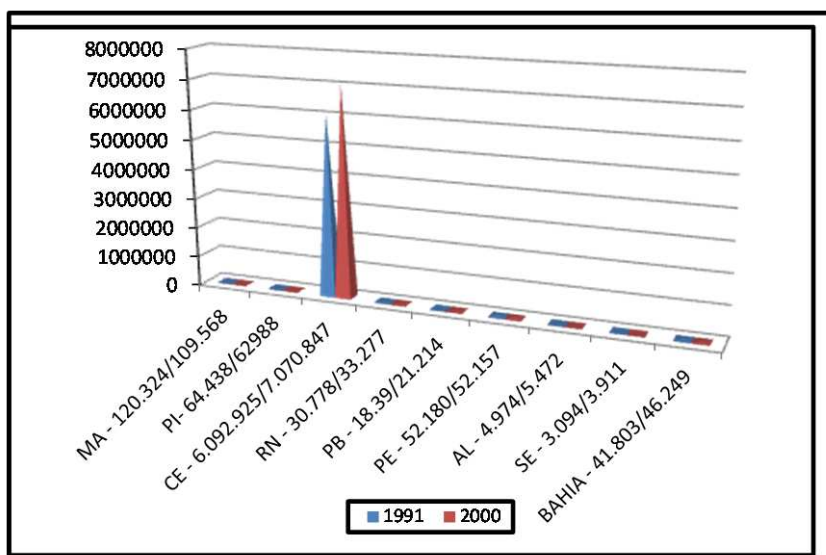
¹³⁵BRUM, op. Cit., P. 349.

¹³⁶ Instituto Brasileiro De Geografia e Estatística – IBGE. Sistema IBGE de Recuperação Automática – SIDRA. Censo Demográfico e Contagem da População. Disponível em: <www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=1288&z=cd&o=3&j=P> Acesso em: 18 ago 2011.

rural no país. Levas de pessoas que além da falta de preparação, a saída da sua terra foi “de forma abrupta e desordenada, sem escolaridade e sem qualificação profissional, a maioria desses excedentes rurais passou a congestionar as periferias urbanas, cercando as cidades de miséria, com todo o seu corolário de problemas.”¹³⁷

O Nordeste brasileiro viveu o fluxo migratório rural entre as décadas de 80 e 90 para as áreas urbanas, fruto de seu processo histórico com desigualdades na posse de terras, políticas públicas restritas, sistema de exploração, instabilidade nas relações de trabalho, contando ainda com as condições climáticas específicas.

Gráfico 02: Estados do Nordeste Brasileiro por Nascimento – 1991 – 2000.¹³⁸



Dentro do perfil descrito sobre o Nordeste, o Ceará pode ser equiparado. Conta com o implicante sobre o índice de nascimentos maior que os outros estados da região, com a contagem feita em 1991/2000.

[...] o povo cearense, em face das migrações, foi chamado de judeu brasileiro. A persistência do atual quadro de desigualdade e pobreza na zona rural do Ceará chama a atenção pelos indicadores políticos, econômicos, sociais e

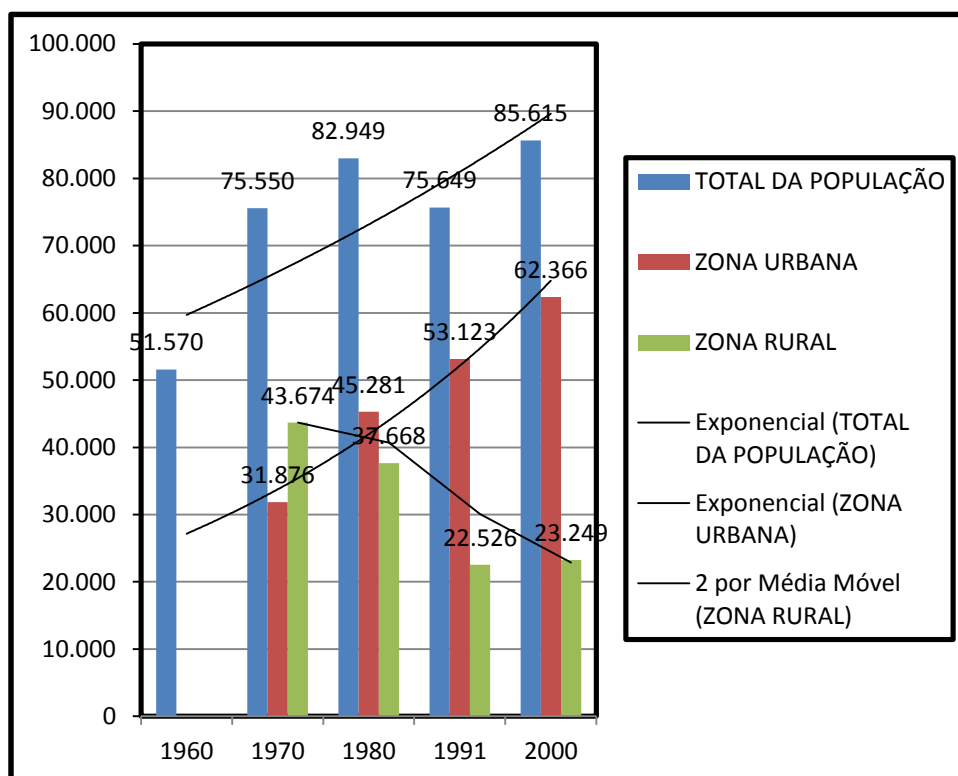
¹³⁷ BRUM, op. Cit., P. 349.

¹³⁸ Instituto Brasileiro De Geografia e Estatística – IBGE. Sistema IBGE de Recuperação Automática – SIDRA. Censo Demográfico e Contagem da População. Disponível em: <www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=1288&z=cd&o=3&j=P> Acesso em: 18 ago 2011.

ambientais, os quais mesmo apresentando ligeira melhora, conforme o Censo 2000, ainda se comparam com os de alguns países africanos e asiáticos.¹³⁹

As migrações da área rural para a área urbana acontecem da escala nacional a local, deixando marcas específicas pelo território. O levantamento do censo demográfico no município de Iguatu feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE traz os registros de 1960 a 2000.

Gráfico 03: Distribuição da população iguatense no seu total, na zona urbana e zona rural.¹⁴⁰



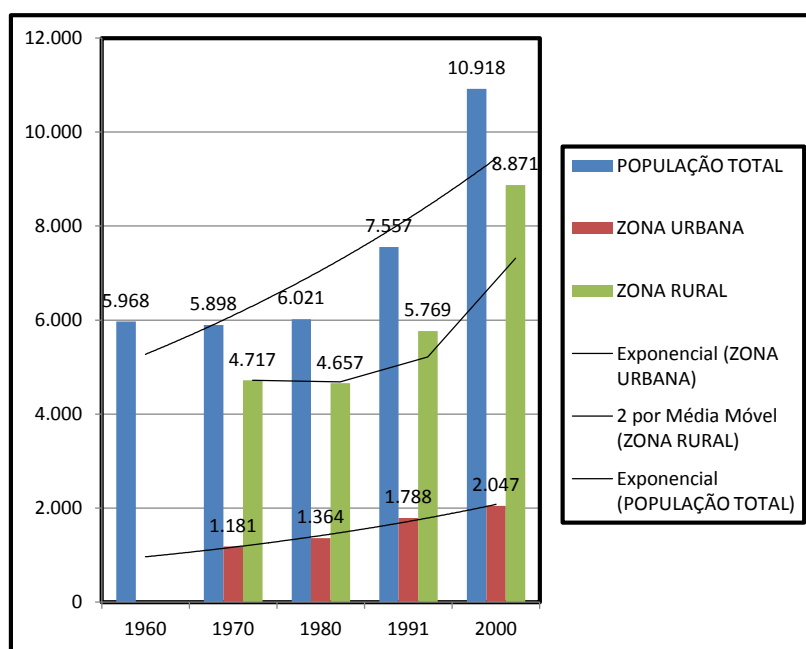
Sobre crescimento e decréscimo da população e as respectivas áreas de abrangência do gráfico acima, o crescimento da população na zona urbana é progressivo, mas só vai ter diferença significativa em relação à área rural nas duas últimas décadas em questão. Em contrapartida a população rural tem decréscimo nas três primeiras décadas nos dados acima apresentados, para já atingir no ano 2000 relativa igualdade à década que antecede.

¹³⁹ARAÚJO, Maria Helena de. **Desigualdade e Pobreza no Ceará: O Caso do Projeto São José** Fortaleza, 2006 – UFC. p.20. Disponível em <<http://www.prodema.ufc.br/dissertacoes/069.pdf>> Acesso em: 13 nov.2011.p. 20.

¹⁴⁰Cf. Instituto Brasileiro De Geografia e Estatística – IBGE. Resultado de Amostra do Censo Demográfico 2000 – Malha Municipal Digital do Brasil: situação em 2000. Rio de Janeiro: IBGE, 2004. Ver também IBGE: Ver: Censo Demográfico: 1960, 1970, 1980 e 1991.

Outro quadro demonstrativo se refere aos dados do Distrito de José de Alencar. Aqui a contagem feita pela mesma instituição, separa apenas população urbana da rural. Entenda-se população urbana no distrito como os moradores da área que mesmo estando no espaço rural, não é sítio, mas recebe a nomenclatura de vila e é considerada a sede do distrito, conforme discussão com a literatura já exposta no capítulo anterior.

Gráfico 04: Distrito de José de Alencar – População Total, Urbana e Rural.¹⁴¹



Na análise sobre o Distrito de José de Alencar, percebemos o efeito contrário. O crescimento populacional ocorre na zona rural, em ascendência constante e significativa diferença sob a sede do Distrito, considerada urbana. Já para os dados urbanos também há crescimento, porém tímido e muito inferior ao rural. Estariam os moradores deslocando-se mais para os sítios e a cidade, que a sede urbana de seu distrito? Detalhe

¹⁴¹SOUZA, M. O. **Michel Oliveira de Souza**. Funcionário do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Agência em Iguatu - CE. Depoimento [mai. 2009]. Entrevistadora: Jucilane de Sousa Carlos. 1 fita cassete (60min), pps, estéreo. Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa em razão do Mestrado Acadêmico em História Cultural - MAHIS/UECE. Iguatu - CE, 2009.

que na última década em análise a população rural conseguiu passar da casa dos 8.000 habitantes enquanto que a urbana ficou no indicador para 2.000.

O percurso do nacional ao local se constitui num desafio. É necessário considerar um recorte micro dentro das movimentações macro, vendo também a população brasileira nos números que indicam sua ocupação territorial para urbano e rural. Precisamos ter sempre em mente que números por si só, não expressam as tensões que os sujeitos desencadearam nas suas vivências, por trás há motivações para o deslocamento, permanência, sua interferência no local, assim como os possíveis retornos.

Entender a construção de núcleos populacionais em suas funções e atividades significa também ficar atento às suas transformações em centros regionais, percebidos na “expansão e a diversificação do consumo, a elevação dos níveis de renda e a difusão dos transportes modernos, junto a uma divisão do trabalho mais acentuada.” ¹⁴² No território podemos contar os núcleos menores com sua área mais atrasada, ainda sim, são desenvolvidas tais funções e atividades, mas, com as devidas proporções.

Para o último quartel do século aproximadamente, Milton Santos analisa como na articulação entre divisão do trabalho, as técnicas empreendidas para sua realização e a regulação da economia, corroboram para o enraizamento de novas formas de cooperação intra e inter regional. Urbanização que se afirma em cunho regional entre complementaridades, mas também se defronta “com diferenciações regionais e disparidades territoriais de outra natureza.” ¹⁴³

Fazer referência ao contexto nacional é fundamental para que a pesquisa amplie sua lente de análise até chegar às particularidades inerentes ao local. Daí que o Brasil pós-1964 reconhece ser imperativo sua entrada no quadro mundial da nova ordem econômica e suas necessidades internas enquanto Estado autoritário. A disseminação das ideologias “desenvolvimentistas dos anos 1950” e a posterior sobre “crescimento” e “Brasil potência”, legitimavam os gastos públicos com grandes empresas. Percurso que ao alcançar os anos 90, estabelece elementos que envolvem na “modernização” o principal motor de suas mudanças, consequentemente geram “distorções e reorganizações, variáveis segundo os lugares, mas interessando a todo o território”. ¹⁴⁴

¹⁴²ARAÚJO, op. Cit. P. 82.

¹⁴³Ibid., p. 49.

¹⁴⁴SANTOS, 2009, passim.

Construções que respingam sob espaços agrícolas como linhas divisórias em decorrência de um:

[...] mercado unificado, que interessa sobretudo às produções hegemônicas, leva à fragilidade das atividades agrícolas periféricas ou marginais, do ponto de vista do uso do capital e das tecnologias mais avançadas. Os estabelecimentos agrícolas que não puderam adotar as novas possibilidades técnicas, financeiras ou organizacionais tornaram-se mais vulneráveis às oscilações de preço, crédito e demanda [...] acrescente-se o fato de que a substituição rápida de atividades agrícolas, como ocorreu em boa arte do território brasileiro.¹⁴⁵

Tal divisão não é sinônimo de oposição, mas funcionamento com motivações diferenciadas e diversificadas entre espaços urbanos e rurais. Essa complexa urbanização implanta divergências pelas regiões brasileiras. Fato, que no Nordeste a numerosa quantidade de antigos povoamentos “assentados sobre estruturas sociais arcaicas, atua como freio às mudanças sociais econômicas, acarreta retardo da evolução técnica e material e desacelera o processo de urbanização.”¹⁴⁶

Além de abranger o nacional, regional e local, a lógica do processo de urbanização do território dinamiza seu funcionamento, permitindo peculiaridades à medida que é distribuído, quer em escala regional, como local. Seu ingresso em espaços rurais é feito a partir do que os moradores destes últimos escolhem quem entra, o que faz, onde e como deve ficar através de relações com espaços e práticas.

Longe de focar um único elemento, as motivações para as relações urbanas e rurais, apontam em vários sentidos, caracterizando-se assim por uma miscelânea de fatores. Neste sentido, temos assim o algodão, percorrendo seu caminho desde o cultivo, passando pelo beneficiamento, comercialização e exportação, a permissão de esmiuçar seu percurso pelo território, numa escala que vai do local ao global. Mais que uma resumida análise econômica, o que nos ocupa na análise é o entrecruzamento social e cultural nos espaços e práticas de seus ocupantes. A política comercial brasileira, em um grande período do século XX esteve fundamentada no modelo nacional e desenvolvimentista de substituição de importações. O referido modelo objetivava

¹⁴⁵Ibid., p. 115.

¹⁴⁶Ibid., p. 69.

promover o crescimento da produção e da industrialização nacional mediante imposição de barreiras aos produtos estrangeiros, através da elevação de tarifas alfandegárias.¹⁴⁷

Em fases que oscilam dos anos de 1950 a 2000, a primeira fica nos anos 1950/60, a segunda 1961/76 e finalmente 1977/2000. Tal cultura consegue consolidar-se em duas zonas algodoeiras no país: Centro-Sul e Nordeste, com produção distribuída praticamente em todos os meses do ano. Em fins dos anos 80, o Nordeste tem declínio na produção enquanto que o Centro-Oeste consegue ficar no ranking, com as vantagens do seu solo e a mecanização da cultura.

São lançadas ações políticas que contavam com a proteção do mercado interno e promoção da industrialização nacional, isso desde 1950, registrando-se a partir de 1974 exportações intimidadas em razão do abastecimento do mercado interno. Seu declínio total chega com a “praga do bicudo”, secas e políticas do governo nacional, mas as marcas ficam pelos espaços ocupados.

A cultura do algodão foi algo marcante na história do município de Iguatu. Fábricas de beneficiamento foram instaladas na cidade, para receber o que era cultivado no campo. Organismos davam assistência financeira e técnica desde o cultivo à industrialização, que somado a agilidade de escoar a produção, pois saía dos lombos de animais para os vagões do trem, ações vinculadas ao Banco do Brasil por meio da Carteira de Crédito Agrícola e Industrial,

[...] nós comparecíamos na propriedade [...] nos identificava, íamos conferir a área, [...] olhar os produtos introduzidos na terra, o algodão, o milho, o feijão. A lavoura era isolada com o laste, com o algodão herbáceo, e as lavouras consorciadas com as lavouras totalmente independentes. As vezes o cara plantava só milho, era financiado só milho. Então nós fazíamos um apanhado de todas essas áreas e se completava o laudo com outras informações, como criação do gado, o número de cabeça de gado, o sistema de exploração da terra, se por conta própria, se por regime de parceria, arrendamento. Ao mesmo tempo orientávamos na maneira da colheita, que nos montões de algodão verificava se era em casa o armazenamento, se juntava o arbóreo de fibra longa com o herbáceo que era de fibra curta, era para que eles não fossem prejudicados nas usinas, no ato da qualificação, se misturasse, a usina considerava a fibra menor que era para pagar o menor preço.

O Banco do Brasil financiava o produtor e financiava o industrializador, então o industrial, o Banco do Brasil dava o dinheiro para ele adquirir o algodão em rama, que era o algodão que vinha de lá, e o Banco financiava o produto pluma, já depois de beneficiado, que era para capitalizar o

¹⁴⁷Ver: CRUZ, Mércia Santos da; MOREIRA, Ivan Targino; MAIA, Sinézio Fernandes – **As Exportações Brasileiras de Algodão na Segunda Metade do Século XX**. Disponível em: < <http://www.sober.org.br/palestra/12/03O172.pdf> > Acesso em: 10 ago. 2011. p. 10.

comprador no sentido de que na região não faltasse o capital na dinamização dos produtos agropecuários.¹⁴⁸

Cidade e campo se articulavam através dos usos de seus moradores, verifica-se, portanto, a tendência comercial a partir do que os sítios produziam.

A instalação de fábricas na cidade foi em consonância ao cultivo do que vinha dos sítios, assim como o fornecimento de subsídios pela cidade que fomentaram a agricultura. Percebe-se que todo o século XX, apresenta a agricultura e comércio, como um par a bailar por um salão, que à medida que o ritmo da música fica complexo, ocuparam espaços deveras desconhecido de limitação geográfica para urbano e rural. Em Iguatu estes aspectos são percebidos a partir da,

[...] a década de vinte é apontada como o primeiro grande ciclo do algodão em Iguatu. Foi nessa década que chegou a primeira companhia de algodão e óleo, a CIDAO, 1921. E no mesmo momento era instalada em Iguatu a fábrica Santa Margarida do Coronel Correa Lima, a fábrica São José de Alfredo Lafaiete Teixeira, a fábrica de Otaviano Benevides [...] a fábrica Romeiro da viúva Romeiro e José de Melo, Dona Angélica Romeiro, a fábrica e Vicente Alves, a fábrica de Descaroçador de Algodão do Coronel José Ferreira Pinto de Mendonça. No início da década de trinta fecharam uma parte com a crise financeira de 1929, afetou aqui também, inclusive só subsistiu das usinas a CIDAO.¹⁴⁹

Continuando com os relatos de Wilson Holanda Lima Verde, nos anos 50 e início dos anos 60, das terras da Estrada, a Conceição e Várzea Grande em Óros saía grande quantidade de algodão. Especificamente, no Sítio Estrada as terras foram ocupadas por algodão das espécies arbórea e herbácea, o primeiro cultivado nas partes mais elevadas, as serras e os serrotes, por entre o cultivo do milho e feijão, enquanto o segundo ficava nas partes de baixio, constituídas de aluvionais, ou de terras construídas de ariscados, o cultivo se dava em laste, sendo este da seguinte forma,

O agricultor escolhe dentro da faixa de terra a ser cultivada uma parte para receber um tipo de semente ligeira, pois nascia quando das primeiras águas a molhar o solo seja por chuva ou irrigação, dava apenas uma safra e a plantação logo murchava e morria. Servia para suprir rapidamente a necessidade de alimentação das famílias. Já no restante das terras ficava a

¹⁴⁸ VERDE, W. H. L. **Wilson Holanda Lima Verde**: Morador do Município de Iguatu [jul. 2007]. Entrevistadora: Jucilane de Sousa Carlos. 1 fita cassete (60min), pps, estéreo. Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa em razão do Mestrado Acadêmico em História Cultural - MAHIS/UECE. Iguatu - CE, 2007.

¹⁴⁹ Id. VERDE, W. H. L. Iguatu - CE, 2007.

semente comum, que tinha um ciclo mais demorado entre germinação e colheita. Quando na época de colheita, a primeira de muitas outras safras era feita, pois ao irrigar a plantação outros grãos nasciam e o processo se repetia por vezes. Técnica usada principalmente no plantio do feijão e milho. Entende-se aqui, outra motivação para guardar as sementes, que além do consumo diário, era preciso para o cultivo em período mais à frente¹⁵⁰.

/

O cultivo mais significativo estava nas terras correspondentes ao Sítio Varzinha, nas terras de Matias Costa que recebiam por vezes cerca de 750 homens para trabalhar na colheita. O algodão foi considerado nesse período o maior empregador no Ceará.

Todas essas usinas faladas trabalhavam com o beneficiamento do algodão, descaroçava o algodão e preparava. A CIDAO já chegou aqui implantando outros ramos dentro da agroindústria, que foi a extração do óleo do algodão, e a extração do óleo da oiticica, do babaçu e da mamona. Quando foi na década de trinta, com alvorecer da revolução de trinta, a economia nacional começa a soerguer novamente e então chega aqui a indústria Anderson Clayton e Companhia Ltda, procedente do Paraná, capital inglês, introduz um sistema diferente, além da compra do algodão, ela tinha no seu quadro funcional um agrônomo que era um orientador de campo experimentais. Ele implantava em cada Distrito um campo experimental de algodão, para verificar e testar a área, quantas arrobas poderiam ser tiradas em tarefas ou equitares, Anderson Clayton fez isso. Ao despertar dos anos surgem novas usinas M. Alexandre e C&A, de Manoel Alexandre de Sousa, a usina de Maciel Pastor e C&A do Icó, que foi sucedida pela usina de Horácio Nogueira Fernandes e depois com base na aliança Pan-Americana para o Progresso do Governo Juscelino Kubitschek se inicia em Iguatu o financiamento de aquisição de máquinas e ampliação das usinas. Entra em funcionamento de Zequinha Coelho, José Saraiva Coelho, a Ceará Centro Sul de Manoel Matias Costa, de Deodato Cavalcante e Luiz Matos Cavalcante e também se amplia a Casa Machado que tinha duas dependências no Iguatu, que era dirigida pelo industrial e Otaviano Benevides e sr. Jorge Lopes de Araújo, enquanto que nessa Rua Santos Dumont com Gustavo Corrêa, verificava o funcionamento da Usina Vitória de propriedade de Gustavo Corrêa Lima, que na época, nos anos 40 era administrado por Fenelon Lima e Teófilo Rondon, depois Alfredo Alves.¹⁵¹

É da região de Alencar, incluindo o Sítio Estrada que saíram os maiores corretores de algodão do município, Solaro Ferreira Lima, dono do Sítio Barbatana, Celso Holanda Montenegro, residente em Alencar, e Eliseu Batista.

Para José Nilton Araújo o “pai da nação”, Solaro, aproximadamente em 1976 permitiu com o financiamento fornecer a roça, pois o cultivo iniciava com as primeiras

¹⁵⁰SOUSA, C. C. **Ciloni Carlos de Sousa:** Moradora do Município de Iguatu [mai. 2009]. Entrevistadora: Jucilane de Sousa Carlos. 1 fita cassete (60min), pps, estéreo. Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa em razão do Mestrado Acadêmico em História Cultural - MAHIS/UECE. Iguatu - CE, 2009.

¹⁵¹Id. VERDE, W. H. L. Iguatu - CE, 2007.

chuvas no mês de janeiro. A relação com o corretor expressava confiança no sucesso das colheitas assim como nos lucros gerados.

[...] caba podia fazer um negócio, num confiava nera no bolso dele não, era no bolso do finado Solaro, já era certo, ia só buscar. Quem tinha um crédito lá, pagava tudo direitinho, não faltava dinheiro para ele [...] Fiz muito negócio grande! Assim, fazia negócio já confiando no bolso, já chegava lá tava o dinheiro pronto. Se não tivesse hoje, tem amanhã. O caba [pessoa] resolvia!¹⁵²

Ações governamentais na proporção nacional que por sua vez se articularam com acontecimentos em escala global deslocaram o tempo histórico para o local. Continuando nas falas das entrevistas, percebemos os fios condutores dos arranjos nacionais, bem como suas voltas percorridas pelo território:

O advento das novas legislações e consequentemente depois da II Guerra Mundial houve uma transformação universal dos direitos do homem, e com essa transformação universal dos direitos do homem, se estendeu também ao homem do campo o direito de viver. Então foi justamente no Brasil, de Getúlio Vargas para cá, que houve a grande melhora entre a integração do campo e da cidade, [...] foi a partir daí que tivemos esse avanço técnico-científico dentro da área trabalhista, da área social. [...] a relação devido organismos com o Banco do Brasil, Banco do Nordeste, a Caixa Econômica Federal e os Serviços da Secretaria de Agricultura, Ministério da Agricultura, Ministério do Planejamento, tem uma extensão maior, significa uma maior facilidade de entrosamento entre as necessidades do campo e o fomento dessas necessidades por parte dos elementos da cidade. No governo de Getúlio Vargas se implantou a Carteira de Crédito Agrícola Industrial do Banco do Brasil, se criou o Banco da Borracha, hoje Banco da Amazônia, [...] e criou o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social. Foram estes os estabelecimentos responsáveis por esta integração econômica campo e cidade, cidade e campo.¹⁵³

Neste ponto da análise, percebe-se que a cidade viabilizou, até de forma incisiva, a produção na zona rural, o que de certa maneira veio a ser a força para o urbano funcionar, intensificou-se as relações econômicas entre espaços.

Assim, nem sempre é do mundo rural que advém apenas o produto da força de trabalho de seus moradores para o universo da cidade, mas nessa relação social e econômica gera-se também uma troca com elementos do urbano. Compreenda-se aqui a expressão “força do trabalho” como referência ao que exige a “agricultura obsoleta”

¹⁵² Id. ARAÚJO, J. N. Sítio Estrada – Iguatu -CE, 2009.

¹⁵³ Id. VERDE, W. H. L. Iguatu - CE, 2007.

pela ausência de instrumentos mecanizados para o pequeno proprietário, pois nesses espaços rurais, o cultivar precisava da ajuda dos braços dos filhos e de alguns trabalhadores. Outra característica era o cultivo pelo sistema de “meação”, a ressalva fica para as maiores propriedades em que os trabalhadores eram pagos.

Entender a organização dos elementos acima contribui para o ponto seguinte. Como o urbano é vivido pelos moradores da zona rural em suas práticas, gerando o fazer rural? Como as memórias destes filtram a experiência desse binômio rural-urbano?

2.2 O Processo de Constituição da área rural: Os Sítios em Iguatu e suas relações com a área urbana

No município de Iguatu a divisão da área urbana e da área rural foi fundamentada na função e atividade que cada espaço realizaria. Os espaços foram constituídos entre Lagoas e o Rio Jaguaribe, rio que na língua indígena significa “rio das onças”, mas é dentre as lagoas, particularmente “a Lagoa do Iguatu”, que se origina o nome da cidade. Em data de sesmaria do Comissário-Geral Lourenço Alves Feitosa, foi concedida ao Capitão-mor Salvador Alves da Silva, na data de 06 de junho de 1720, no documento a referência é “aLagoa do agoatu”.¹⁵⁴ Terras apossadas a partir do massacre de seus primeiros moradores, tribo indígena da raça tapuia, os quixelôs¹⁵⁵, aproximadamente em 1700 já estavam aldeados em São Mateus, as motivações passavam principalmente pela criação de gado e agricultura.

A ocupação das terras através de datas e sesmarias distribuiu pelo espaço geográfico os primeiros colonizadores nas proximidades das lagoas, sejam nas fazendas para a criação de gado, ou nos sítios, para o plantio de arroz, milho, feijão e fumo. Por ser a agricultura a prática que mais teve evidência nesse município, ainda hoje quando se refere à zona rural, o termo utilizado é “Sítio”. Os aspectos geográficos da área rural interferiram nos benefícios que seus ocupantes obtiveram,

[...] essas culturas em espaçamento irregulares, no entanto, nos oferecia uma rentabilidade superior aos outros Sítios, porque as terras de Iguatu são

¹⁵⁴NOGUEIRA, Alcântara. **Iguatu: Memória Sócio – Histórico – Econômica**. 2ª ed. Fortaleza- 1985. p.23.

¹⁵⁵Ibid., p. 21.

consideradas filé, em relação às demais terras dos municípios cearenses. Porque aqui nós temos os solos agrícolas mais profundos, com a água num lençol freático mais raso e uma fertilidade a se oferecer ao homem a toda hora. Dar-se nas terras, como dizia Pero Vás de Caminha, dar-se de tudo em nela se plantando.¹⁵⁶

É significativo observar a fala do entrevistado referindo-se a ocupação territorial. O primeiro dono da terra foi Lourenço Gonçalves de Moura, sua data de sesmaria partia do Riacho Carnaúba ao Riacho Barra da Serra nas imediações da Estrada, tocava com as terras de João Velho Montenegro, um dos povoadores da Serra de Alencar. Posterior chegou da Paraíba, Rio Grande do Norte e a Bahia, às terras da Estrada, a família Lavor através de Joaquim Alves de Lavor, Carola, Solaro e Ferreira, este último ficou conhecido por Ferreirão. Nessa contagem há Djanira de Lavor e os Lopes de José Lopes do Carrapicho que subiram da Barbatana em direção as terras de Solaro, terras adquiridas depois da segunda metade do século XIX.

Importante destacar como a terra fora utilizada por seus moradores para satisfazer suas necessidades. O fluxo do Sítio para a Cidade de serviços e pessoas gerou os significados do acesso das pessoas com a área urbana, através do que estas escreveram nas entrelinhas das suas vivências, em suas subjetividades.

O cultivo basicamente de milho, feijão e arroz recebia água das represas feitas por pequenos açudes de terra, alguns inclusive beneficiados pela carteira agrícola do Banco do Brasil. Já com a construção do Açude Óros e sua inauguração no ano 1960, quando as suas cheias passaram a ter grande significado sobre essas terras as áreas agriculturáveis de Quixelô e Alencar, conheceram seus limites. Atualmente, Quixelô é um dos municípios avizinados de Iguatu, entretanto nessa época era Distrito.

Na entrevista com Maria Dolores de Araújo, moradora do Sítio Estrada há 38 anos, anteriormente residia no Sítio vizinho, mas estudava na escola da Estrada, vindo morar aqui ao casar. Levantamos o questionamento sobre a forma de ocupação das terras neste Sítio. A mesma saiu nomeando algumas famílias, que já moravam no local e as práticas de uso da terra eram focadas no cultivo.

Trazendo a fala de Iracema Lavor de Araújo, moradora aqui há 80 anos, esta conta a partir das lembranças na infância, aproximadamente 1929, oito casas no Sítio Estrada. As famílias que povoaram vieram, a exemplo, do estado da Paraíba. As lembranças sobre a identificação de demais locais que contribuíram para esse

¹⁵⁶Id. VERDE, W. H. L. Iguatu - CE, 2007.

povoamento ficaram no esquecimento. Aqui é válido lembrar, conforme dito no capítulo anterior, que a primeira casa do Sítio data de 1826 e pertenceu ao Major Antônio Alves Silva.

Terras ocupadas pelo uso da agricultura que se configura de forma obsoleta, sem técnica, nem mecanização da lavoura, com dependência das chuvas e ocasionalmente, incentivada pelos preços e outros fatores. Praticada de forma rotineira, porém bem administrada, a exemplo, no Sítio Veados, sítio vizinho, era costume, de forma rigorosa, o cultivo sem qualquer orientação técnica, muitas vezes conservando as curvas de níveis do terreno, para evitar a erosão do terreno que era uma consequência do desmatamento desregrado que sempre existiu em todo o Estado do Ceará.

Entender o que envolve e constitui esse quadro local, entre condições climáticas, tipo de solo e cultura material, envolve escala maior entre técnica, espaço e comportamento. Em Fernand Braudel compreendemos na construção e uso espacial, que a técnica muito mais que passar por transformações rápidas, possui etapas desencadeadas lentamente, relacionando processos e utensílios.¹⁵⁷

Sair de tanta abstração é possível, pois o “social, o econômico, as mentalidades infligem ao desenvolvimento técnico as suas lentidões e os seus atrasos”.¹⁵⁸ Os comportamentos sociais gerados na interação indivíduo – objeto – técnica, precisam de tempo, não o tempo cronológico, mas o tempo social, pois o “invento que bate à porta tem de esperar anos e mesmo séculos antes de ser introduzido na vida real.”¹⁵⁹

Do esboço teórico acima a pesquisa percebe no contexto nacional a lógica de utilização do território dentro das relações sociomaterial e socioeconômica. Ao longo da escrita fatores desse contexto serão pormenorizados.

O que focamos aqui dentro da perspectiva local segundo as palavras de Wilson Holanda Lima Verde, é a predominância da pequena propriedade, em que o exíguo proprietário não podendo pagar numerosos trabalhadores, como prática comum, sustentava a agricultura com as forças próprias da casa. Na fala de moradores vemos a história ser narrada dentro das condições geográficas apontadas acima e a partir da construção esboçada no capítulo anterior. Encadeamos segundo a fala de entrevistados

¹⁵⁷BRAUDEL, 1967 apud, BUCAILLE; PESEZ, 1989, p. 23.

¹⁵⁸BUCAILLE, Richard e PESEZ Jean-Marie. Cultura Material. In: **Enciclopédia Einaudi**, Lisboa, IN-CM, 1989, vol.16 - Homo — Domesticação — Cultura Material, p.23. Disponível em: <http://jmir3.no.sapo.pt/Ebook2/Cultura.Material_Einaudi.pdf> Acesso em: 30 set.2011.

¹⁵⁹BRAUDEL, 1967 apud BUCAILLE; PESEZ, 1989, p. 23.

sobre a organização da família na distribuição das tarefas na casa ou na roça, diante de tempo e esforço físico que cada membro deveria ficar envolvido.

José Nilton Araújo - “lá em casa era 10 irmãos [...] um horror de homem [...] 6hs já tava batendo as enxadas pra ir para a roça, pra ir trabalhar”. Os homens ainda revezavam entre o pilão e o moinho ajudando a preparar o que precisava para a refeição daquele dia e do dia posterior. “8hs tinha que ter o almoço pronto, hoje chama merenda!”. A mulher/mãe ficava com as funções da cozinha para alimentar toda a família e os trabalhadores da roça, dentre outros fazeres domésticos.

Na fala de Maria Rodrigues de Lavor Silva, filha de agricultores, esta ficava com a função de ir deixar o almoço na roça para a família, pois ainda que fosse mulher não escapava da prática agrícola que envolvia toda a família, “pegava no pesado”, como por muitos é chamado o trabalho na roça, ainda que fosse debaixo de chuva.

O que chegava da roça, mesmo que muitas vezes de forma escassa, construiu hábitos ultrapassando a culinária diária e desenhou particularidades do fazer rural para suas festividades,

[...] arroz, pra gente comer, só mas dia de domingo, na semana não dava, [...] era só feijão com pão [pão feito de milho]. Cheguei um tempo que um caba quando tirava 10 sacos de arroz: vixi Maria fulano tá rico, tirou 10 saco de arroz! Aquilo pilava num pilão [...] aqui é pra guardar para festa no sábado. Sábado e domingo comia arroz [...] Hoje tem muita carne numa festa, ninguém fala em arroz [...] De primeiro não, a carne era mais fácil do quê o arroz. Naquele tempo matava um porco, ninguém vendia o fígado [...] Todo mundo criava, tudo era para comer. Mas a mais vantagem era o arroz! Tinha, mas era muito pouco o arroz. De primeiro a coisa era mais difícil.¹⁶⁰

O fato da agricultura ter gerado a renda familiar mais direcionada para a alimentação, possibilitou outras estratégias para a satisfação das demais necessidades dessas pessoas. Dona Maria faz referência à venda do algodão no centro urbano de Iguatu por seu pai, para a compra de sapatos e roupas para a família. Sobre os produtos que o sítio mandava para a venda na cidade, havia o algodão que vinha do cultivo, além do que as mãos dos moradores confeccionavam.

Necessariamente, o que vinha do sítio para abastecer as feiras na cidade era para consumo direto pelos moradores da cidade e na cidade. As feiras da cidade recebiam uma população flutuante da área urbana de Iguatu, municípios vizinhos, e moradores de todos os sítios que fazem a zona rural. Havia a comercialização de produtos e integração

¹⁶⁰Id. ARAÚJO, J. N. Sítio Estrada – Iguatu -CE, 2009.

de pessoas entre os sítios mais afastados, fato esse expresso pela variedade do que era trazido dos diversos sítios por seus moradores para a venda. Com a senhora

[...] cangalha [montaria de madeira], sela [montaria de couro], chapéu e vassoura feitos da palha de carnaúba, suador [almofadas compridas para proteger o lombo de cavalos ou burros da sela ou cangalha], redi [parte do arreio para animal que fica na cabeça, usado mais em cavalos ou burros], cambito [dois ganchos de madeira amarrados por cordas na cangalha, usado para carregar lenha], gibão [roupa de couro para vaqueiro], sandálias currulepe feitas de couro curtido com pneu, garrafadas [remédio a base de raízes e cachaça que depois de três dias enterrada eram utilizadas como medicamento para reumatismo], rendas, landuá [arco de pau com uma rede de linha usada na pescaria], tarrafas [rede de linha com pedaços de curtiça ou rolha para pescar], caçuá [cesta de cipó], sabão da terra feita com carne ou tripa de porco com potassa, fumo.¹⁶¹

O empenho em outras atividades para a produção de renda no sítio, fazia além da relação familiar, as vezes das relações sociais pelos sítios. Dona Helena Andrade de Lavor para ajudar a criar os onze filhos que teve no casamento, rachava o olho da carnaubeira para fazer trança e costurar o chapéu de palha, junto com outras mulheres, tal prática ajudava também no complemento da renda de outras famílias “eu criei uma menina, a caçula, foi fazendo chapéu, vendendo e comprando roupa pra ela.”

Os chapéus de palha confeccionados e vendidos no sítio em que mora, sítios vizinhos e na cidade, eram visto pela roda de mulheres que os faziam, estas não só do Sítio Estrada, como o lazer nas noites chuvosas, “coisa melhor que tem é poder fazer chapéu, mas hoje não tem mais tempo, só dá pra luta de casa”

Problematizamos o final dessa prática, primeiramente pelo que dona Helena refere-se ao “não tem mais tempo”. Levando em conta seu contexto familiar da época para o atual, a mesma se vê morando apenas com o esposo, que assim como ela recebe mensalmente um salário mínimo, referente à aposentadoria, e com três dos onze filhos, parte mora na capital cearense, enquanto que os outros residem no sítio, um lida diretamente com a roça, o segundo é vaqueiro e o terceiro trabalha na empresa da cidade responsável pelo abastecimento de água no sítio.

Há outros elementos, “Hoje o pessoal não quer mais chapéu, é só boné!”. Dona Helena viu como o produto da cidade chegou ao sítio e ocupou o espaço do “chapéu de palha” feito por suas mãos. Comprar é hábito comum, Helena Andrade de Lavor é mais uma das idosas e dos idosos que moram no Sítio Estrada e diariamente nos carros que

¹⁶¹Id. SOUSA, C. C. Iguatu - CE, 2009.

fazem linha entre a zona rural e a parte urbana, facilitam sua preferência pelo “gosto de comprar móvel”.

Entre comprar, que seja o chapéu de palha, confeccionado exclusivamente por mãos, para os produtos fabricados e comercializados na cidade, há diferenciação na dedicação de tempo e esforço físico. Além de Helena Andrade de Lavor ingressar nesse processo, sem perceber como entrou, o mesmo ocorre entre os demais moradores do Sítio, mesmo que entre sinuosos aspectos da relação entre pessoas, espaços, objetos e práticas.

Quando do levantamento de entrevistas, tivemos muitos momentos privilegiados com os moradores do Sítio Estrada, um deles é o diálogo que ocorre entre três moradores. Estes analisam hábitos usualmente urbanos que adentram ao Sítio, consideram a existência de uma sedução destes hábitos, assim como percebem que estes modificam suas rotinas no fazer rural. O senhor José Nilton Araújo iniciou um debate com uma provocação às mulheres que estavam no alpendre de uma casa no referido Sítio,

Por que quê as mulheres de hoje trabalham menos, tem menos filho pra criar e reclamam mais? Enquanto que antigamente as mulheres trabalhavam mais, era! Ia pra roça, pilava arroz, milho, lascava uma lenha pra fazer fogo pro mode cozinhar, às vezes até carregava água, tinham uma arruma de filho e não reclamava? ¹⁶²

A senhora Zildethe Carlos Limeira, dona da casa e que por sua vez estava a catar uma bacia com arroz no momento desse questionamento, respondeu: “Hoje não é como era antes. A mulher não trabalha na roça, mas trabalha na rua, quando chega ainda tem que fazer comida, lavar, limpar. Fazer uma arruma de coisa.”

Já dona Maria Rodrigues de Lavor Silva, a terceira pessoa que completava essa roda de interrogações sobre as mudanças de hábitos no Sítio Estrada, deu seu parecer: “Olhe esses calos aqui na minha mão são da mão do pilão, do cabo de uma enxada, de tudo eu fazia. Hoje se eu posso comprar, é claro que eu vou comprar. E pra quê ter tantos filhos assim! Tudo é mais difícil! É comprado!”

Seu José Nilton Araújo encerra sua fala com sua opinião sobre o assunto, que provocou a reflexão àquela tarde de entrevistas: “Só sei que hoje as mulheres reclamam

¹⁶²Id. ARAÚJO, J. N. Sítio Estrada – Iguatu -CE, 2009.

até se compra um arroz e quando vai fazer acha uma escolha dentro. Meu Deus! Sabe o que é lá trabalho, não! Uma escolha!”

A fala de Dona Iracema Lavor de Araújo trouxe o sentido sobre a expressão achar a escolha dentro do arroz. O que se percebe na totalidade dos moradores, o arroz para o consumo vinha da roça, o produto ficava em casa para alimentação diária, nada de vender, podia até ser emprestado ou trocado, mas o seu lugar certo era o paiol. A viabilidade de seu consumo era possível com o uso do pilão, pois era guardado na palha, até que moageiras foram instaladas em Iguatu, então, a partir daqui, o arroz era trazido para moer numa máquina. Logo depois foi instalada uma moageira no Sítio Estrada.

Depois de pilar no pilão a porção de arroz para o consumo imediato teria que retirar as escolhas, alguns grãos na palha que precisavam ser catados à mão. A forma de conservar o arroz ainda na palha e outros grãos, no paiol, foi descrito da forma seguinte,

Plantava arroz, feijão, milho, aí fazia aquele paiol pra guardar o milho. Pegava as vara, cruzava fazendo um quadro no chão, colocava as espigas de milho, uma em cima da outra, butava, *sic.* fogo em baixo do quadro e a fumaça subia pelo meio das espigas, aquela fumaça deixava as palhas pretas, mas durava era o ano todim, *sic.* sem a espiga criar gurgulho, *sic.* [Tipo de inseto que se instala nos grãos e inviabiliza o consumo humano] , sem criar bicho, chega quando a gente ia desbulhar, *sic.* a mão da gente ficava pretinha, pra fazer o pão de milho tinha que moer o milho, fazer aquela massa e depois ia pro fogo.¹⁶³

Além do paiol que guardava o milho, tem o que guardava o feijão, ainda que houvesse aquelas pessoas que o guardassem em lata de vinte ou dezoito litros, já havia o paiol que “guardava na areia. Era no tijolo aquele tanto. Colocava uma camada de areia, uma camada de feijão, uma camada de areia, uma camada de feijão. O feijão debulhado”.

O paiol ficava ainda segundo Dona Iracema “dentro de casa. Toda vida que ia tirar pra botar no fogo, tinha que ter a penera, *sic.* pra penerar, *sic.* aquele feijão logo ali dentro, pra areia ficar ali dentro toda vida. Conheci muito na casa de meu sogro”.

¹⁶³ARAÚJO, I. L. de. **Iracema Lavor de Araújo**: Moradora do Sítio Estrada. Depoimento [jul. 2009]. Entrevistadora: Jucilane de Sousa Carlos. 1 fita cassete (60min), pps, estéreo. Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa em razão do Mestrado Acadêmico em História Cultural - MAHIS/UECE. Sítio Estrada – Iguatu -CE, 2009.

Umas das possibilidades que pode ter gerado a substituição dessa forma de guardar o feijão pode ser “Porque o feijão faz é vender, guarda só o tantim de comer no correr do ano, arroz também”

O paiol em outras casas era mais um cômodo, Maria Lucena de Lima ao descrever a casa de seu irmão onde reside no Sítio Estrada, diz da cozinha de taipa que teve de ser derrubada e ocupou o espaço que dantes era do paiol de milho. Contudo o paiol do arroz ainda é mantido “tem ainda o paiol do arroz, que é aqui esse sótão. A gente chamava sótão onde botava o arroz, isso aqui era de botar o arroz aqui em cima”.

Paiol mantido não para guardar o arroz cultivado, pois este agora vem da feira da cidade já ensacado, mas como uma lembrança de um tempo passado, que envolve pessoas queridas e hoje ausentes. Válido perceber que a mudança da casa de taipa pra tijolo traz mais que diferença no material utilizado, pois partes da casa deixam de ser construídas, com o paiol para o arroz, não há necessidade deste cômodo para guardar o legume, pois este pode ficar acomodado num armário na cozinha, em um saco até de 10 kg. O arroz sem palha e o milho também já comprados de forma a preparar o alimento dispensam o uso do pilão de madeira, que hora ganha ornamentos para enfeitar a sala de estar de casas pelo sítio, ou em outras fica no terreiro como poleiro de galinhas.



FIGURA 06: Pilão, um artigo de decoração. FONTE: CARLOS, Jucilane de S.-2010.



FIGURA 07: Pilão, apoio para subir em árvore ou poleiro para as galinhas –
FONTE: CARLOS, Jucilane de Sousa. - 2009.

As motivações das relações dos moradores de sítio com a cidade foram adquirindo contornos e conteúdos, que no passar dos anos mostraram diversificações. Os formatos da agricultura em Iguatu e a relação do homem da cidade com o homem do campo, podem ser descritas com os moldes seguintes:

Quando da implantação dos primeiros terrenos agricultáveis da região, se dava apenas o início de uma agricultura de subsistência, então plantava o que se comer e vinha-se a cidade ao encontro da bodega, isso até o século XVIII. Do século XIX para cá foi se modificando e a convivência do homem do campo com o homem da cidade, já foi melhorando, que era quase uma tribo separada uma da outra, então foi aumentando o contato e as necessidades lá com o crescimento populacional foram aumentando.¹⁶⁴

As bodegas no Sítio davam acesso a produtos com mais facilidade que ir a cidade para adquiri-los, mas ainda assim existiram certos obstáculos até a mercadoria chegar às prateleiras rurais da Estrada.

Eu tinha meu comércio aqui e compadre Valdemar tinha! Cansemo, *sic*, de passar aquele riacho aqui perto da barragem com água cobrindo uma pessoa. Aquele saco de açúcar, muita gente transportava o açúcar era dois, três nas pontas dos dedos pra trevessar, *sic*, o açúcar, pra botar a carga do outro lado, porque se passasse com a carga de açúcar se desmanchava. Na nascente do leito uma vez o burro caiu dentro de um lameiro com água com a carga do

¹⁶⁴Id. VERDE, W. H. L. Iguatu - CE, 2007.

açúcar, com meia hora estava os dois sacos pendurados, não tinha mais nada de açúcar. Era sofrimento. Hoje vem em saco de plástico.¹⁶⁵

A modificação no tipo de embalagem dos produtos, a exemplo temos no saco de pano que passou a saco de plástico, assim como o complemento da alimentação que saía da bodega, passou a ter sua saída da feira. Há mudança no transportar das cargas, que não vindas mais em animais e sim nos carros de linha.

Foi um processo criador de espaços e práticas para a cidade também. Havia a parada para os animais, pois desde 1917 a prática de calçar as ruas mais comerciais da cidade retirava de circulação os animais, mesmo que ao poucos. Histórias como a do casebre da preta Joaquina Margarida, lugar onde ficava o animal arriado por aqueles que vinham dos sítios. Quando da realização da pesquisa nota-se que a cidade ainda dispõe do lugar da parada para quem vem dos sítios, porém não são mais os animais que ficam lá, mas os carros dos feirantes.

É devido a implementação da agricultura como da pecuária que a cidade possibilitou aos moradores de sítio acesso a diversos elementos necessários,

[...] matuto de hoje é praticamente o praciante de ontem. Ele chega aqui, sabe se dirigir ao banco, sabe onde se conduzir, o que é que vem pleitear, se é um empréstimo agrícola, um melhoramento agrícola, ou se é aquisição pecuária, desenvolvimento da pecuária leiteira, ou da pecuária de corte, tudo ele sabe distinguir.¹⁶⁶

Nessas idas e vindas à cidade as percepções sobre seu ritmo em comparação ao sítio, foram se aglutinando no passar dos anos pela complexidade das relações. Ao urbano é atrelado espaço com barulho, dispersão e agitação. Uso do tempo, na forma de contar os dias voltados ao pagamento de prestações no centro comercial. A concepção entre o que é difícil e fácil na vivência diária, através do esforço físico na agricultura que pode ser trocado e simplificado pelo acesso às necessidades através da compra. Há variação entre morar e estar na cidade, fazer uso do urbano em detrimento do rural, é sensível essa diferenciação pelos moradores, a partir de relações entre distanciamentos e proximidades empregadas no fazer rural.

¹⁶⁵Id. ARAÚJO, J. N. Sítio Estrada – Iguatu -CE, 2009.

¹⁶⁶Id. VERDE, W. H. L. Iguatu - CE, 2007.

[...] eu acho bom morar é aqui, porque a cidade morar pro caba, ou o caba pobre demais ou muito rico [...] Porque aqui tudo é fácil pra resolver as coisas, caba, tem uma vaca, tem um leite pra tirar, cria um bacurim [porco], cria uma galinhazinha, uma coisa. E na rua tudo é comprado. E outro aqui é mais calmo [...] as vezes deixa até um porta aberta, hoje tá até com medo do caba de deixar uma porta aberta, mas de primeiro ficava era as portas abertas e não tinha quem entrasse. Valdemar tinha um comercio grande, uma vez erraro, *sic*, o ferrolho da porta, não acertaro, passou a noite todinha a bodega aberta, ia lá e vinha cá, não entrou nem um gato dentro.¹⁶⁷

O poder de compra era limitado pelas motivações já expostas, assim a partir dos anos 70, mas nas palavras de Wilson Holanda Lima Verde, com o estatuto rural as pessoas idosas da zona rural passaram a ter direito a aposentadoria. Já José Nilton Araújo percebeu o que a possibilidade de compra proporcionou no espaço rural, “uma feira a mais só no tempo do algodão”, mas o cenário mudou,

Quando começou a comprar os móveis mesmo da pessoa, foi só quando o povo começou a se aposentar, começou a chegar uns moveizinhos, e pouco também. Aí quando aumentou o aposento do povo, aí não, em todo canto tem móvel, em toda casa velha tem mais móvel dentro do que a boniteza da casa. Tudo compra à prestação, de primeiro não tinha esse negócio de prestação, de primeiro não tinha prestação em canto nenhum, era muito difícil.¹⁶⁸

Da pequena a maior escala de possibilidades geradas pelo acesso à compra, romper com a distância da cidade ao sítio e as dificuldades do percurso, mais que móveis e outros objetos a preencherem os espaços quase que vazios das casas no sítio, são situações que para o rápido olhar não há sentido. Descortinamos nesse cenário a habilidade dessas relações que passaram a se infiltrar e alterar a divisão do tempo diário, organização das atribuições domésticas, entre outros, nos sítios, nos espaços rurais. É bem mais que urbano influenciando no rural, são sítios que se apropriam do saber fazer urbano.

O Sítio também é visto por seus moradores entre o conceito de difícil e fácil para acesso aos meios de morar, comer, trabalhar, vestir, divertir e outros. De suas memórias surgem os usos dos espaços, é aqui que são concebidas as práticas entre urbano e rural.

¹⁶⁷Id. ARAÚJO, J. N. Sítio Estrada – Iguatu -CE, 2009.

¹⁶⁸Id. ARAÚJO, J. N. Sítio Estrada – Iguatu -CE, 2009.

2.3. Contribuições da Memória Oral na Percepção dos Usos de Espaços Urbanos e Práticas Urbanas nos Espaços Rurais

Sentar na cadeira é balançar-se no alpendre da casa no sítio, espaço que faz a memória puxar por outros tempos e refletir como era a vida. A memória munida pelo que quer ser lembrado, tempo que não quer ser esquecido, relação entre indivíduo e seu meio físico e social pregado nas possibilidades de lembrar o que fora conservado.

A função da lembrança é conservar o passado do indivíduo na forma que é mais apropriada a ele. O material indiferente é descartado, o desagradável, alterado, o pouco claro ou confuso simplifica-se por uma delimitação nítida, o trivial é elevado à hierarquia do insólito; e no fim formou-se um quadro total, novo, sem o menor desejo consciente de falsificá-lo.¹⁶⁹

O indivíduo faz uso da sua memória no presente, mas esta se reporta ao passado vivido. Há um lapidar das situações de outrora, aqui é importante frisar que o passado é trazido à tona, “um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional.”¹⁷⁰ Uma atenção aplicada pela História Oral, a memória tem como atributo principal garantir a continuidade temporal, uma vez que o tempo é dinâmico e possuidor de rupturas, é a oportunidade de perceber a si e o outro.

Enquanto pesquisadora na busca por compreender como moradores de área rural convivem com espaço urbano, trabalhar com a memória destes através da História Oral trouxe um leque de discussões para o objeto.

O que vamos ter em mãos é o encontro de sujeitos com a história, vejamos “[...] a história oral, precisamente na medida em que se constitui num encontro com sujeitos da história, pode contribuir para reformular o eterno problema da pertinência social da história e também o do lugar e do papel do historiador na cidade [...]”¹⁷¹

A História Oral busca por oferecer análises qualitativas dos processos históricos, sua relação com outros pressupostos teóricos, valida a pesquisa com o uso de

¹⁶⁹ STERN, 1957 apud BOSI, 1994.

¹⁷⁰ FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína, “**Usos e Abusos da História Oral**” – 8. Ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 94.

¹⁷¹ Ibid., p. 10.

depoimentos colhidos sistematicamente. A produção de fontes orais passa por críticas internas e externas à luz de teorias e outras fontes que estabeleçam os laços necessários para a construção das possíveis respostas ao problema que se queira estudar.

O historiador com tal prática é mais que manipulador de gravador para registrar vozes, o depoimento é um contribuidor da pesquisa. A História Oral e Memória se encontram para subsidiar a análise histórica social.¹⁷²

A História Oral foi a ferramenta que trouxe a possibilidade de acessar a memória dos moradores do Sítio Estrada. Numa primeira vista podemos cogitar: olhar para traz do quê? As possíveis respostas podem está marcadas pelos elementos que adentraram ao sítio pelas mãos de seus moradores. Pessoas que percebem sua história e ritmo em circulação.

Os meios que difundem a informação rapidamente, mas anterior a sua presença nos lares do Sítio Estrada, tivemos as cartas que permitiam o encontro do parente ou amigos distantes. Maria Sinhá Neta a mais velha entre seus irmãos foi criada em casa para fazer a comida e cuidar dos irmãos mais novos. O estudo que teve foi no Sítio Estrada, já adulta, passou a ensinar na escola do sítio e tornou-se a escritora de cartas.

Os vizinhos a procuravam para escrever as cartas que eram enviadas para São Paulo, Crato e Iguatu. Sem precisar que o dono da carta dissesse a mensagem, as mesmas eram escritas e agradavam de tal maneira que a resposta também deveria ser escrita por “Madrinha Sinhá”. Até que outra via de comunicação para falar com àqueles mais distantes fosse instalada, o posto telefônico e depois substituído por telefone público em 1982.

Antes da chegada da energia elétrica, o motor de geladeira funcionava a gás butano, fábrica de moer arroz era no óleo diesel, e a iluminação da casa à noite era à base de lamparina. Sabemos com Helena Andrade Lavor que a energia elétrica chegou “no tempo de Virgílio Távora” para os sítios mais próximos. “Aí quem trouxe para cá foi Francimar Holanda de Lavor. Aí depois ficou assim, um lugar”.

Em outra entrevista vemos que a instalação da energia elétrica no Sítio Estrada, também, é realizada em dois momentos, mas com um acréscimo,

¹⁷² Sobre História Oral e Memória ver: BOSI, Ecléa. **“O Tempo Vivo da Memória: ensaios de psicologia social”**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **“História Oral: memória, tempo, identidades”** Belo Horizonte: Autêntica 2006. FREITAS, Sônia Maria de. **“História oral: possibilidades e Procedimentos”** – São Paulo: Humanitas/FFCH/USP. Imprensa Oficial do estado, 2002. MONTENEGRO, Antonio Torres, **“História Oral e Memória: a cultura popular”** – São Paulo: Contexto, 1992. – (Caminhos da história).

Tinha energia! A energia aqui foi em 70, eu acho. A energia aqui foi assim: primeiro veio uma rede, numa amizade [subtende-se aqui que haveria no Sítio Estrada um elo que viabilizou a instalação da energia elétrica] com uma das freiras lá do Crato, a irmã Jéssica, que era amiga da esposa do Governador do Estado [...] Virgílio Távora, dona Luíza Távora. [...] Jéssica era amiga de dona Luíza Távora e ela conseguiu essa energia. Era só uma parte da Estrada, [...]. Foi só até aqui. Depois é que foi se estendendo.¹⁷³

Um grupo escolar construído em 1960, mas até este ser concreto, as aulas aconteciam na casa dos moradores para os que podiam pagar a professora, e ainda tinha o fato que estas eram poucas pelo sítio. Quando não, era simplesmente subir ao lombo de jumento, cavalo, ou a pé que chegava à escola, como a experiência abaixo:

Nós estudava, mas era tudo difícil. Porque nós sai daqui, nós ia estudar, distância de 7 km. Hoje em dia quem transporta os alunos sou eu pra cá [referência a escola no Sítio Estrada.] Nós ia à cavalo, num animal para ir de noite, estudar de noite. Papai pagava professor em casa por conta dele, pra ensinar nós em casa. As vezes passava dois, três mês, professor de fora ensinando nós!¹⁷⁴

Nos açudes relativamente próximos das casas eram lavadas as trouxas de roupa por mulheres que as levavam na cabeça, assim como de lá traziam a água para uso em casa, nos baldes feitos de alumínio, e suspensos por varas nos lombos de jumentos ou nos ombros quer de homens como mulheres, por vezes trazidos em carroças, ou equilibrados por rúdia, tecido torcido e colocado sobre a cabeça para apoiar e equilibrar o balde com água. O lugar agora é assumido pelo poço já no próprio Sítio Estrada, bem depois da chegada da energia elétrica, conforme dona Helena Andrade de Lavor. Já em 1996¹⁷⁵, as torneiras ganham espaço pelas casas com o abastecimento de água através do Projeto São José, este objetivou diminuir a desigualdade e pobreza no estado do Ceará e está presente em 177 municípios cearenses.¹⁷⁶

¹⁷³Id. LAVOR, J. I. A. Sítio Estrada – Iguatu -CE, 2009.

¹⁷⁴Id. Sítio Estrada – Iguatu -CE, 2009.

¹⁷⁵ **História da Comunidade:** Sítio Estrada. Documento Escrito: Pesquisa sobre o Sítio Estrada. Autor Desconhecido.

¹⁷⁶ Cf. ARAÚJO, Maria Helena de, **Desigualdade e Pobreza no Ceará: O Caso do Projeto São José** Fortaleza, 2006 – UFC. p.20. Disponível em: <<http://www.prodema.ufc.br/dissertacoes/069.pdf>> Acesso em: 13 nov.2011.

A praça já é mais recente em relação à chegada desses outros elementos, mas dona Maria Sinhá Neta esclarece como a mesma é utilizada. Os mais jovens a frequentam, à noite há sempre um grupo sentado pelos bancos e crianças a correr, já os mais idosos passam por ela para ir à igreja que fica do outro lado, sentar no sentido de fazer o uso do lugar de sociabilidade é na calçada da casa.

A calçada é o lugar que a memória faz puxar pelas práticas da debilidade de feijão, rodas de homens, mulheres e crianças que se formavam, muitas vezes revezando. Os vizinhos se reuniam para debulhar o feijão numa casa e depois passavam para outra, as famílias se ajudavam. Calçada que agrupou à noite pessoas para ouvir programas do rádio, ainda que a casa que o possuísse ficasse a certa distância, o terreiro e rodagem ganhavam iluminação pela lamparina. Calçadas usadas não como espaço para deslocamento, mas para compartilhar histórias, receber o vento que ameniza o calor, descansar da lida diária e outros.

Caminho que durante o dia, rodagem como é chamada a estrada de terra, percorridos a pé e sem nenhuma preocupação em obedecer a regras de deslocamento de mão ou contra mão. Na cintura preso à calça era levado desde facas à arma de fogo, justificado como defesa contra algum animal que porventura surgisse, para essas pessoas tornou-se mais que um objeto, mas uma extensão de sua vestimenta. Das cercas de arame farpado com varas de pau, que separavam os terrenos, podia-se apenas levantar o arame e cruzar terras, nada de paredes a separar prédios com portões para entrar e sair.

Pessoas que reconhecem as rodagens através de árvores, curvas, pedras ou outra forma de referência aos acontecimentos, fatos cômicos ou acidentes ocorridos nos Sítios. Fato marcante porque para uma pessoa da cidade, tudo não passa da paisagem natural do espaço rural, enquanto que os moradores do Sítio têm viva a história que viveu, viu ou ouviu alguém contar. Interessante que essas pessoas transitam pelas rodagens e identificam nomes de sítios, as curvas que devem ser dadas ou evitadas, o caminho a ser seguido, e tudo sem o uso de nenhuma sinalização, não há necessidade de placas para conhecer, o conhecimento está memorizado pela vivência diante do fazer rural.

Reação com o meio espacial rural que conta ainda com paradas e descanso do calor do dia nas sombras das árvores. Rápido é para os pés que saíram de um sítio e chegam noutro pelas rodagens que se cruzam. O percurso a pé gerava formas de

sensibilidades específicas de quem olha as coisas a partir de outro ângulo e ritmo. Talvez aqui possa haver relação para compreendermos o nível de dificuldade de idosos e outras pessoas dos sítios, se deslocarem e atravessarem as ruas na cidade.

Na forma de ocupação do terreno pelas casas ainda persiste significativo espaço entre uma e outra. Assim, no reduto da casa podia criar animais, ter a horta ou algumas frutas. Distância que motivava gritos entre vizinhos para que um recado fosse entregue ou na carreira de uma criança o mesmo fosse chamado.



FIGURA 08: Festa da Padroeira do Sítio Estrada. FONTE: CARLOS, Jucilane de S. – 2009.

O fato das fotos serem de um período mais recente, só corrobora no que o olhar fotográfico buscou captar, a continuidade da ocupação do espaço rural.

Assim como na festa de sua padroeira, há caminhada pelo sítio, outra festa estabelecia percursos pelas rodagens rurais. Iracema Lavor de Araújo conta sobre o casamento que ao final da festa os noivos saiam para a vida de casado, cada um no cavalo ou jumento, com as roupas dentro de malas amarradas ao animal. Já havia caso que os noivos saiam do Sítio no animal com o baú amarrado contendo as roupas para o casório que seria em Alencar, sede do Distrito, ou no centro urbano de Iguatu.

A cozinha tem a geladeira para conservar os alimentos e fornecer a água gelada, mas o pote de barro não deixou de ser usado. Verduras, frutas e alguns animais, elementos da alimentação, aos poucos foram deixando de vir do terreiro de casa para chegar de carro direto da feira na cidade. O fogão a lenha sem perceber permitiu que o fogão a gás fizesse às vezes de cozer os alimentos, aparelhos elétricos, dos quais o ferro

de passar roupa, também desfaz o uso do fogão à lenha, Maria Rodrigues expressa sua percepção sobre a relação sociomaterial dentro de sua linguagem,

Hoje em dia todo mundo sabe, todo aparelho elétrico todo mundo sabe o que é, conhece. Tem um ferro a energia, de primeiro era a brasa, você tinha que pôr aquela lenha de aroeira no fogo, pra poder criar aquelas brasas, pra botar ali no ferro, pra poder engomar as roupa. Hoje eu tenho ferro elétrico, não é, mas à brasa. Ainda hoje existe aqueles ferro de ferro, quem é que vai engomar com aquilo, quem é que quer aquilo mais? De primeiro não, era Avé Maria! Vixi, *sic*, meu Deus! Nem todo mundo que tinha um ferrinho daquele.¹⁷⁷

A utilização do crédito que o comércio na área urbana ofereceu nas compras parceladas, adicionado aos veículos que fazem linha à cidade, caracterizam outras formas de entrada ao Sítio do que passou a ser utilizado por seus moradores.

Tudo compra a prestação, de primeiro não tinha esse negócio de prestação, de primeiro não tinha prestação em canto nenhum, era muito difícil. Nem um carro financiado um caba não comprava [...] Hoje tudo é fácil. O carro vai para Iguatu, o aposentado vai para Iguatu, por sinal chega com o carro cheio de móvel em casa. Fica pagando, diminui modo o aposento, mas de qualquer maneira dar certo pagar tudo.¹⁷⁸

A agricultura praticada para a subsistência das famílias, aos poucos foi perdendo espaço para o emprego na cidade, foi este quem passou a trazer para dentro de casa o suprimento, ainda no mesmo entrevistado vemos,

Porque hoje em dia a pessoa só quer futuramente só o emprego. Vê hoje em dia, a maior parte dos rapazes diz: vou arranjar um emprego pra mim e pronto. Pra roça não quer ir mais. Vai ter aqui, uma época aqui pra frente, que vai ter, o caba pode até ter um tostão no bolso, mas não tem o que ele comprar, porque ninguém não faz na roça.[...] Só ainda vai ter um povinho que faz as coisa na roça, os mais velhos, os mais novo não.¹⁷⁹

¹⁷⁷ SILVA, M. R. de L. **Maria Rodrigues de Lavor Silva**: Moradora do Sítio Estrada. Depoimento [mai 2009]. Entrevistadora: Jucilane de Sousa Carlos. 1 fita cassete (60min), pps, estéreo. Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa em razão do Mestrado Acadêmico em História Cultural - MAHIS/UECE. Sítio Estrada – Iguatu -CE, 2009.

¹⁷⁸ Id. ARAÚJO, J. N. Sítio Estrada – Iguatu -CE, 2009.

¹⁷⁹ Id. ARAÚJO, J. N. Sítio Estrada – Iguatu - CE, 2009.

Os moradores do Sítio Estrada por possibilitarem o acesso às suas histórias de vida contribuíram na compreensão da estrutura de linhas, porque não dizer sinuosas, que costuram outros sentidos para o fazer rural.

Memórias de vidas, homens e mulheres do espaço rural, que mesmo com uma distância relativa do macro, dos grandes centros urbanos, aplicaram por meio de suas relações com o urbano, contando com a devida proporção para a esfera local, práticas variantes sobre estar no Sítio, o viver rural e o usufruir urbano, tais práticas concomitantes de grande aumento e afirmação urbana num período da história nacional.

Memória que falou porque se apercebeu dos macetes para viver entre urbano e rural, como num jogo, mas sem vencedores, porque não houve perdedores, e sim diferenciações nas arrumações de espaços a partir do que cada um pode oferecer segundo o querer de seus ocupantes.

ESTRANHAMENTO E FASCÍNIO: O CONTEXTO SOCIAL RURAL HIBRIDADO

A compreensão do contexto urbano, olhando para alguns dos seus muitos elementos que conseguem deslocar-se, desde o foco nacional ao local foi necessária para se ater ao que as relações entre pessoas, espaço e práticas desempenharam.

Usar as teorias empregadas para cidade, campo, urbano e rural caem como luva para que por um momento possamos contemplar seus sentidos separadamente, e já em seguida fazer a junção. Nada de usá-las isoladamente, pois seus sentidos vêm das ações de pessoas, como num verdadeiro cenário de atuação, em que entram as suas práticas diárias de arranjos políticos, econômicos, naturais e culturais, numa verdadeira confluência por entre ambos.

Assim buscar no jeito de ser e fazer de sujeitos moradores de área rural, sem deter o olhar em gestos ou falas estereotipadas, mas escolhendo um caminho em que suas falas desbloqueiem conceitos como: moderno, atrasado, progresso, identidade e até mesmo, consigamos fugir da oposição para urbano e rural. É na memória das mentes que vivem em espaço rural, mas sem deixar de ocupar o espaço urbano que também

paramos para visualizar o que a teoria já diz sobre as categorias inicialmente colocadas nesse ponto.

Os entrevistados rememoram de seu contexto os sentidos de suas práticas, conseguem parar e dizer o que é cidade, campo, urbano e rural para o Sítio Estrada. Olham para suas vidas por inteiro, envolvendo família, amigos, vizinhos, conhecidos e até estranhos, e extraem o que em Bosi, entendemos como o testemunho mais eloquente para as pessoas lembrarem que é a narrativa da própria vida, numa visita a sua memória.

Muito mais que fazer das entrevistas relatos secos da chegada ao sítio de serviços como a escola, de instrumentos de comunicação entre rádio, televisão e telefone, objetos como liquidificador, ferro de passar roupa, fogão a gás e outros, e sim tentando por sua vez através destes estabelecer reflexão, em que onde

uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reaparição.¹⁸⁰

São muitos os sítios que constituem a assim chamada zona rural no município de Iguatu, reconhecemos por sua vez, que a arrumação do contexto rural sob a ótica da relação de seus moradores com a área urbana pode ter adquirido especificidades, bem próprias em cada um dos sítios, talvez algumas até repetidas. Por ser o Sítio Estrada o lugar que paramos e refletimos sobre o conceito de sítio, ou conforme o trocadilho que já ficou claro nas intenções dessa escrita, o rural nas suas relações com o urbano, convém ser sensível à aquisição de bens e serviços nas relações com o espaço e na realização das ações diária, em lances de subjetividade como na sua ausência.

Em Arjun Appadurai, quando trata sobre *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural* entendemos na generalização de seus objetivos, uma nova perspectiva para a circulação de mercadorias, que assim como as pessoas, também se apresentam envolvidas pela vida social. As mercadorias, ao contrário da visão marxista, têm como relevância o estudo de sua trajetória. O pesquisador estaria investido em especular sobre a construção mercantil na vida social de qualquer “coisa”, como designa o autor.

¹⁸⁰BOSI, op. Cit., P. 81.

[...] como a situação em que sua trocabilidade (*passada, presente ou futura*) por alguma outra coisa constitui seu traço social relevante. Ademais, a situação mercantil, assim definida, pode ser decomposta em: (1) a fase mercantil da vida social de qualquer coisa; (2) a candidatura de qualquer coisa ao estado de mercadoria; (3) o contexto mercantil em que qualquer coisa pode ser alocada. Cada um destes aspectos da “mercantilidade” exige alguma explicação.¹⁸¹

São coisas ou como o autor também as nomeia, objetos, ambos ainda contam com a interação das pessoas, poderíamos a partir dessa junção compreender o contexto social, em que as formas individuais de uso das coisas aplicam valores. Valores de utilidade modificados em anos pelos sentidos adquiridos. Sentidos guardados na memória das pessoas presas a esses laços.

Ao coletarmos as entrevistas de arrumação do interior das casas do Sítio Estrada assim como se exercitarmos a memória diante da vivência com este espaço, teremos: na sala de fora umas poucas cadeiras de madeira com banco feito de couro de vaca, nas paredes fotos de santos católicos, retratos da família e os armadores de ferro onde ficavam suspensas as redes para dormir à noite, armadores que se espalhavam pelas paredes por toda a casa, mas nas casas de taipa os armadores eram as pontas das varas saindo da parede; no quarto podia se contar malas para guardas as roupas, camas, mas não em todas as casas; na cozinha ficavam mesa com cadeiras, umas prateleiras de madeira para guardar panelas, estas em sua maioria eram de barro, pratos quase sempre de porcelana e outros pertences, os potes para água de beber e para água de uso na cozinha, fogão à lenha construído com tijolo e barro, a pia de lavar louça era numa bacia de cabaça suspensa numa armação de madeira e corda, esta simulando uma mesa, esponja feita de galão de pesca ou da bucha vegetal. Os tapetes à porta de entrada e saída de casa eram feitos de tiras de sobras de tecido com saco de arroz.

Ao deslocar a atenção para o terreiro, o quadro pode ser descrito pelo traçado das hortas, árvores frutíferas, objetos como o pilão de madeira e o moinho de ferro, e animais como a galinha, patos, porcos e outros, em alguns casos o curral, amarrava-se o animal, jumento ou cavalo, este usado para deslocamento pelo sítio, entre os sítios vizinhos ou para a cidade. Já na frente da casa quando a visita chegava ao lombo de animal, era lá que ele ficava amarrado por uma corda numa estaca de madeira, a calçada era o espaço de sociabilidade, como em outra parte do texto já foi descrito.

¹⁸¹ APPADURAI, op. Cit., P. 27 – grifo do autor.

Temos então olhos que conseguem ver do tempo vivido ao que é presenciado, e assim estabelecer comparações nos comportamentos das gerações de velhos e jovens na relação com os objetos que os cercam, assim nas mudanças desses pelo contexto rural. A memória dos velhos aviva “Um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos [...]. Momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não os viveu e até humanizar o presente.”¹⁸²

Quando nos primeiros passos da organização dessa pesquisa, por vezes ouvi comentários de pessoas que moram na cidade fazendo referência as pessoas do sítio como “preguiçosas”, “não querem mais trabalhar” ou “tem água e terra perto de casa, mas querem tudo fácil”. Humanizar esse presente passa por fazer valer a memória de quem permitiu outro contexto para o fazer rural ser concebido.

Utilizamos o jogo das complementaridades, objetivando analisar as significações empregadas para rural e urbano através das lembranças, sempre permitindo que o contexto dos moradores do Sítio Estrada fale do período de aglutinações urbanas para a cidade de Iguatu, dentro principalmente da segunda metade do século XX. Objetivos que amadurecem a pesquisa quando também desfazem da conjuntura nacional tais peculiaridades a partir da redução de escala.

Do caminho percorrido podemos parar e indagar: onde chegamos? Situar o espaço rural com tantos elementos que confluem num outro tecido social nos traz a permissão para lidar com a hibridação, pois aqui há capacidade de “interpretar as relações de sentido que se reconstroem nas misturas.”¹⁸³

Falar em hibridação deixa os objetivos a relevância desse estudo não recaírem no reducionismo geográfico do funcionamento espacial, e sim vivificarmos nestes o poder das relações. Ponderamos sobre as *Culturas Híbridas*¹⁸⁴ em Cancline, pois assim “Se falamos de hibridação como um processo a qual é possível ter acesso e que se pode

¹⁸²BOSI, op. Cit., P. 82.

¹⁸³CANCLINE, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade.** Tradução: Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa; Tradução da Introdução: Gênese Andrade. – 4. Ed. 4. reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. – (Ensaio Latino-americanos, 1) p. 24

¹⁸⁴Assim como o autor coloca “Uma das tarefas desse livro é construir a noção de hibridação para designar as misturas interculturais propriamente modernas, entre outras, aquelas geradas pelas integrações dos Estados nacionais, ou populismos políticos e as indústrias culturais” Ibid., 2008. p. 30.

abandonar, do qual podemos ser excluídos ou ao qual nos podem subordinar, entenderemos as posições dos sujeitos a respeito das relações interculturais.”¹⁸⁵

O autor continua destacando que o foco não está na hibridez em si, mas no que o mesmo chama de “processos de hibridação”. Aqui há possibilidades de sua utilidade, para perceber, o que em parte foi modificado e em outro verso, as permanências. Teoria que reconhece seus limites do que não se permite, ou puramente não quer ou então pode ser hibridado, aceitar os movimentos que a rejeita.

Sua utilidade nessa pesquisa está ligada quando problematizamos a arrumação do espaço físico e social rural, dos conteúdos e formas urbanas, em que esses dois elementos não são vistos como num ringue em que só um irá permanecer, já que outro foi à lona, mas que em parte o rural abriu as portas para a entrada do urbano - ainda que tenha selecionado o que entraria, para onde iria, como seria usado e o que não entraria - assim como o urbano estabeleceu meios de infiltrar-se no rural e dele usufruir de mecanismos para seu funcionamento.

É entre os choques e sentimento de complementaridade por parte dos moradores do Sítio Estrada, em ter, por exemplo, uma praça, mesmo que a utilidade ocorra de forma distinta entre a geração de velhos e jovens, mas em ambos, plana o sentido de estar mais perto da cidade. Cidade configurada nos espaços do sítio seja no domínio privado ou público.

Não só da memória de seus ocupantes, mas também fizemos uso da observação de suas práticas, um recurso antropológico¹⁸⁶ a serviço da historiografia.

Andar no ônibus ou qualquer outro carro da linha “Sítio Estrada – Cidade”, que leva como traz as pessoas, quando da realização da pesquisa, permite passear por entre os bancos através da sensibilidade quanto às conversas, vestimentas, o que foi comprado ou não. Mais que fazer uso desses transportes, mas também estar no sítio.

O foco dos mais jovens é estudar e de preferência na escola da Vila Sede do Distrito, Alencar I ou na escola da cidade, e nos finais de semana por mais que o destino

¹⁸⁵ Ibid., 2008, p. 25.

¹⁸⁶ Numa referência aos trabalhos de Bronislaw Malinowski que entre 1915 e 1918 viveu a maior parte do tempo nas ilhas Trobriand, próximo da Nova Guiné, Burk refere-se: Apenas se fosse par as aldeias, para o “campo”, conseguiria o antropólogo “entender o ponto de vista do nativo”. Cf. BURKE, Peter. História e Teoria Social. Tradução: Klauss Brandini, Gerhardt, Roneide Venâncio Majer. – São Paulo: Editora UNESP, 2002. p. 25.

seja o sítio, nada de trabalho na roça, ainda que seja como um simples complemento da alimentação da família.

Os idosos usufruem do poder de compra a partir do acesso que a aposentadoria favorece, comprar e de preferência parcelado. Dentro de casa há a aquisição de instrumentos e objetos, “televisão que eu não tinha, tem três. Tinha quatro, mas eu dei uma [...] lavo as roupas no tanquinho, ali.”¹⁸⁷

Para os adultos, o trabalho assalariado, ou prática autônoma de vendas agilizam o acesso a bens e serviços, relação que pode ser feita à prática de outrora em vender os chapéus de palha de carnaúba, para comprar roupa ou outros bens. A cidade é relacionada a “Facilidade pra gente comprar uma coisa, as vezes aqui tem o dinheiro e num pode comprar, tem que ir duas vezes no mês no Iguatu pra comprar essas coisas. Lá você tendo o dinheiro você vai no supermercado, compra uma fruta e aqui é muito difícil.”¹⁸⁸

Percorrer as rodagens do sítio atualmente é ver que do barro para o tijolo utilizado na construção das casas, foi mais que mudança no material utilizado. Reconhecemos o valor das campanhas vindas das cidades, como fala uma das pessoas, Josefa Irian Araújo de Lavor, que já foi líder da associação de moradores do Sítio Estrada,

Infelizmente tem muitas casas de pessoas aqui, famílias de mais de seis pessoas que moram em três vãos, que é uma pena! Infelizmente a gente ver as casas que vem pelo Pronaf, pelo projeto aí não atingiu a todas as pessoas, atingiu a umas e outras não, tem pessoas morando em casas de taipa ainda.¹⁸⁹

Substituição das casas de taipa para alvenaria. Mas a quase inexistência da casa de taipa em razão da casa de tijolo, soma na paisagem rural com os postes e fios que conduzem a energia elétrica para dentro de casa, rodagens e calçadas iluminadas pela

¹⁸⁷LAVOR, H. A. de. **Helena Andrade de Lavor:** Moradora do Sítio Estrada. Depoimento [mai 2009]. Entrevistadora: Jucilane de Sousa Carlos. 1 fita cassete (60min), pps, estéreo. Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa em razão do Mestrado Acadêmico em História Cultural - MAHIS/UECE. Sítio Estrada – Iguatu -CE, 2009.

¹⁸⁸ANDRADE, M. V. **Maria Vanda Andrade:** Moradora do Sítio Estrada. Depoimento [mai 2009]. Entrevistadora: Jucilane de Sousa Carlos. 1 fita cassete (60min), pps, estéreo. Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa em razão do Mestrado Acadêmico em História Cultural - MAHIS/UECE. Sítio Estrada – Iguatu -CE, 2009.

¹⁸⁹Id. LAVOR, J. I. A. Sítio Estrada – Iguatu -CE, 2009.

luz elétrica, antenas parabólicas que trazem à TV a imagem com maior nitidez, as rodas de conversa nas calçadas que não duram por mais tempo, pois à noite é completada pela novela assistida na televisão. Assim é que o conhecimento das histórias que cercam as família ou o local, também tão bem contadas e cantadas pelos sanfoneiros nas festas juninas ao redor das fogueiras são substituídas pelas cenas de novela, filmes e os jogos de videogame.

Agora vejamos que as mãos e os pés rurais que percorreram caminhos urbanos possibilitaram vivência, formas empregadas na articulação sobre tempo e espaço na cidade, espaços urbanos com maior probabilidade de conflitos. Assim é que no centro da cidade ao longo das duas últimas décadas do século em questão, retiramos de nossa memória quadros projetados desse período, que sob à luz da pesquisa ganham significações além do termo pejorativo de “matuto”, forma reducionista empregada pela cidade ao morador de sítio.

Observação que flui da oportunidade de termos vivido na área urbana em questão. Descrição de observações sobre relações de ruralistas com o espaço urbano.

Andar à pé pelas ruas e calçadas é desafio encarado desde os mais novos aos mais idosos. Lembremos que no sítio a calçada é lugar de sentar e oportunidade de sociabilidade entre os moradores. O andar, deslocamento, é realizado pelas rodagens e sem regras estabelecidas para o que na cidade chamamos de “mão” e “contra mão”.

Os motoristas dos carros de linha, que faziam percurso sítio/cidade, por vezes, ao entrar na área urbana viviam as dificuldades de entender qual a rua que poderia andar, devido ao sentido a ser obedecido. Outra dor de cabeça estava nas ultrapassagens e no momento de estacionar o carro, geravam em parte até xingamentos vindos de pessoas da cidade.

Para quem andava à pé, de qualquer lado seja na calçada ou na rua, poderia fazer seu traslado. Atravessar a rua para o outro lado, com o passar dos anos ficou sendo mais complexo devido o fluxo de veículos e até mesmo a rapidez com que esses trafegam. Entender placas ou outros sinais do trânsito fugia da necessidade.

Em conversa com o vigilante de agência bancária¹⁹⁰, sobre o acesso de pessoas vindas de sítios, havia os que espontaneamente entravam armados com suas facas.

¹⁹⁰SOUZA, G. L. **Gerson Lima de Sousa**. Vigilante de Agência Bancária. Iguatu –CE. Depoimento [jun. 2009]. Entrevistadora: Jucilane de Sousa Carlos. 1 fita cassete (60min), pps, estéreo. Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa em razão do Mestrado Acadêmico em História Cultural - MAHIS/UECE. Iguatu - CE, 2009.

Lembremos que no sítio tal prática é usual e em outro ponto do texto já expomos essas motivações. Quando solicitados para retirar as mesmas, o sentimento que pairava era o mesmo de estar sendo despido em público. O chapéu de palha, a arma compunha mais que uma indumentária para moradores de sítio.

É comum falar alto pelos moradores de sítio, recordemos que a distribuição de suas casas pelo sítio, uma afastada das outras, a necessidade de dirigir a palavra ao vizinho os impulsiona ao “grito”. Cogitamos que este hábito é assimilado para a vida diária como um todo e se infiltra onde seus pés caminham, e na cidade com a proximidade de prédios e pessoas, geralmente caía no desdém.

Como parte da compreensão do processo de hibridação há nos entrevistados relatos que o ritmo de ir a escola muitas vezes fora dividido com os trabalhos na roça, e para alguns nem escola era possível frequentar. A lição limitava-se aprender a “ler e contar”. Quando estes tiveram seus filhos, para alguns é perceptível no modo de falar e gesticular, o prazer em ter mandado os filhos para a escola ao invés da roça. José Nilton Araújo é um exemplo ao referir-se aos filhos desconhecerem o caminho para a roça,

Não, o meu mesmo, da idade que tem Clenilton, tem 30 e tanto anos e não sabe o caminho de uma roça, onde é a roça. Nunca foi deixar nem um almoço. O outro eu sempre desde pequeninim, as vezes ainda ia deixar um almoço aqui pertinho. Hoje tudo trabalha fora. As meninas nunca foram. Hoje pra roça só é eu! Quando eu me casei, só era na roça só eu. Ninguém me ajudou na roça. Até começar a criar eles foi logo butando na escola. Aí eu tinha vontade que eles aprendessem, mesmo! Eles nem sabem nem ode é uma roça.¹⁹¹

Da lição do cabo da enxada no trabalho pesado da roça em uma geração, passando para as lições diariamente da escola e sem conciliar com a roça, para os filhos desta geração, refletimos sobre a probabilidade de um espaço propício para a valorização de práticas necessariamente urbanas.

As narrativas de vidas conseguem parar e com estranhamento reconhecem as relações entre espaço urbano e rural. Aqui, sobre “estranhamento” Carlo Ginzburg, introduz em *Olhos de Madeira: Nove Reflexões sobre a Distância* estudando as diferenças, como estas são percebidas, seu direcionamento por entre força cognitiva e moral, construtivas e destrutivas de estranhamentos e distâncias.

¹⁹¹Id. ARAÚJO, J. N. Sítio Estrada – Iguatu -CE, 2009.

O ponto que trata sobre “*Estranhamento: Pré-história de um procedimento literário*” há especificidades de como o conceito de *estranhamento* é assimilado, uma vez que é preciso “Compreender menos, ser ingênuos, espantar-se, são reações que podem nos levar a enxergar mais, a aprender algo mais profundo, mais próximo da natureza.”¹⁹²

Tradução de concepções olhadas a partir de duas tradições, onde:

No interior dessa tradição, *referência a Tolstoi*, o estranhamento é um meio para superar as aparências e alcançar uma compreensão mais profunda da realidade. O objetivo de Proust parece, em certo sentido, o oposto: proteger o frescor das aparências contra a intrusão das idéias, apresentando as coisas “na ordem da sua percepção”, ainda não contaminadas por explicações causais. [...] Em ambos os casos, temos uma tentativa de apresentar as coisas se vistas pela primeira vez. Mas o resultado é bem diferente: no primeiro caso, uma crítica moral e social; no segundo, uma imediatez impressionista.¹⁹³

Ainda que os moradores do sítio sempre tenham mantido sociabilidade com a área urbana de Iguatu, as percepções estabelecidas sobre urbano são revestidas por doses de estranhamentos e distâncias para uns, enquanto que para outros são encaradas sem nenhuma dessas questões. Ginzburg complementa usando a vida urbana moderna que é “acompanhada de uma intensificação desmedida da nossa vida sensorial, fenômeno que está no centro dos experimentos das vanguardas literárias e figurativas do Novecentos.”¹⁹⁴

Ponderar sobre a abordagem que preenche a escrita de Ginzburg para outro ponto ainda desta mesma obra, “*Distância e Perspectiva: duas metáforas*” incide sobre trabalhos, em que vemos a necessidade de esmiuçar por um breve momento. O autor apresenta discussões a partir de Agostinho a temos um estudante e posteriormente professor de retórica, trajetória que corroborou intensamente para suas elaborações teológicas cristã. Em vias de resposta indireta ao imperador Volusiano, estabelece “noção de adaptação divina”, onde quer

¹⁹²GINZBURG, Carlos. **Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância**. tradução de Eduardo Brandão. – São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

¹⁹³Ibid., p.37 – grifo nosso.

¹⁹⁴Ibid., p.38.

a natureza quanto as atividades humanas “mudam, mas não muda a disposição da Providência de Deus, graças à qual sucede que essas coisas mudem” [...] Agostinho passou ao tempo histórico, descrevendo Deus, “imutável criador e moderador das coisas mutáveis”, como um “músico inefável.”¹⁹⁵

Agostinho tem sua reflexão também inspirada em Cícero, em que este último tira da natureza da arte e da poesia, um caminho para elogiar a beleza do curso dos acontecimentos humanos. Nesse ponto, Agostinho converge para:

uma metáfora que lhe permitia conciliar a imutabilidade divina e a mudança histórica, a verdade dos sacrifícios judaicos em seu tempo, assim como a dos sacramentos cristãos que os haviam superado.¹⁹⁶

Ainda nos estudos teleológicos agostinianos, há influências de historiadores antigos, de Tucídides a Políbio, que mesmo destacando a invariabilidade da natureza humana, tinha-se por compreendido que quer instituições como costumes ambos mudam, une ao conceito hegeliano de *Aufhebung* para assim entendermos “a idéia de que o passado deve ser compreendido seja em seus próprios termos, seja como anel de uma corrente que, em última análise, chega até nós.”¹⁹⁷

Se Agostinho estabelece a partir da beleza do curso dos acontecimentos humanos, uma melodiosa harmonia de sons, Carlos Ginzburg traz das metáforas acústicas agostinianas seu emprego para metáforas visuais focadas na “distância” e “perspectiva” justificando seu feito devido a repercussão da

[...] imprensa tornou imagens e livros infinitamente mais acessíveis, contribuindo para o que foi definido como triunfo da vista ou, mais recentemente, como “regime escópico da modernidade”¹⁹⁸

Da harmonia de sons para os vários traços de imagens, mas em que medida estes podem ser encarados como harmônicos? Há referência em cima da leitura que Descartes

¹⁹⁵Ibid., p.187.

¹⁹⁶Ibid., p. 187.

¹⁹⁷Ibid., p.188.

¹⁹⁸GINZBURG, 2001, p. 189.

e sua discípula, Elisabeth, princesa do Palatino, por volta de 1646, realizaram em *O príncipe* de Maquiavel, conforme acrescenta Ginzburg e que foi motivação de várias correspondências.

Leibniz detinha leitura sobre *O Príncipe* e as referidas cartas, possibilitando amadurecimento sobre Maquiavel onde o trecho de *Monadologia* descreve:

E assim como uma cidade, vista de diferentes lados, parece diferente, e é como que multiplicada em perspectiva, assim também, dada a multiplicidade infinita das substâncias simples, existem como que diferentes universos, os quais, no entanto, não passam de perspectivas de um só, conforme diferentes pontos de vista de cada mônada.¹⁹⁹

Tanto para Leibniz como o próprio Maquiavel a perspectiva incidia em uma metáfora para a construção de um modelo cognitivo fundamentado na pluralidade de pontos de vista. Para Maquiavel o modelo tinha por base o conflito, em Leibniz havia a convivência um tanto em harmonia de infinitas multiplicidades de substâncias.

Em Chladenius, ao invés da harmonização dos acontecimentos, teremos sua insistência na divergência entre os relatos para um mesmo acontecimento histórico. “Uma rebelião será percebida de diferentes formas por um súdito fiel, por um rebelde, por um estrangeiro, por um cortesão, por um habitante da cidade, por um camponês.”²⁰⁰

Os modelos ora apresentados da elaboração de Agostinho no séc. V, por Maquiavel no séc. XVI e por Leibniz no séc. XVII podem configurar de forma simplista, respectivamente, os signos de adaptação, conflito e multiplicidade. É com esse entendimento que Ginzburg extrai para sua análise dos “modelos cognitivos” a perspectiva da longa duração e que as “metáforas ligadas à distância e à perspectiva desempenharam, e ainda desempenham, uma função importante na nossa tradição intelectual.”²⁰¹

Reflexões sob um acontecimento histórico em que seus elementos vazam por entre tempo e espaço, de maneira que sua continuidade não faz uso de um período

¹⁹⁹ LEIBNIZ, 1940 apud GINZBURG, 2001, p. 193.

²⁰⁰ CHLADENIUS, 1996 apud GINZBURG, 2001, p. 194.

²⁰¹ Ibid., p.195.

fechado, não tão pouco de redução espacial. Distância e perspectiva de vários olhares para um mesmo foco.

Os sujeitos envolvidos percebem as mudanças de instituições e valores. Os momentos de lazer, como as festas dançantes que conforme os relatos de José Nilton fizeram os limites entre os sítios serem perdidos, “se juntavam tudo, pra longe ia mesmo. Hoje ninguém vê mais”. Festas dançantes outrora compostas desde os mais jovens aos mais idosos, homens e mulheres que se permitiam trocar de par sem nenhum constrangimento e dentro dos valores para estes, quanto ao respeito a “pessoas de família”.

Hoje, ninguém vê mais, olhe de primeiro você via uma pessoa com 70 anos dançando. Hoje você não vê mais uma pessoa com 50 anos dançando. Só é o povo novo [...] Eu nunca perdia um forró dia de sábado. Trabalhava a semana todinha, mas no sábado era Cabeça de Nego, Malhada Vermelha. Em todo canto ia festa, onde tivesse, nós ia brincar a noite todinha.²⁰²

Hábitos dos relacionamentos familiares são identificados como pouco praticados já pela geração atual de jovens, entre os 14 a 19 anos. Ao acordar pela manhã e ir dormir à noite, o pedir “a bênção” aos pais e outros familiares, estava relacionado de certa forma à dependência que havia entre pais e filhos, dependência que se estende por outros pontos da relação doméstica.

Lá em casa era 10 irmãos, mas era tudo unido, a gente trabalhava tudo num ajunto mais papai, ninguém nunca separou cova de legume, tudo era papai que dominava. Papai bebia uma cachaça danada, mas a gente tinha muita raiva, mas tinha jeito não, ele dominava tudo. No dia que era para ir numa festa, no dia que ele não tivesse o dinheiro para tudo, mas a um bocado ele dava o dinheiro para ir para aquela festa dia de sábado. O que ele tinha no bolso ele partia para tudinho. Ficava sem nenhuma tostão no bolso, mas partia pra tudinho. José Nilton Araújo.²⁰³

Dependência que foi sendo modificada e que os olhos perceberam suas consequências, “É tem muitos aí, muito rapazinho, pessoas assim que ficaram mais, parece que mais adulto, se dominando” - Maria Sinhá Neta. A mesma senhora entrevistada deixa escorregar por sua fala, como possivelmente a dependência entre pais

²⁰²Id. ARAÚJO, J. N. Sítio Estrada – Iguatu -CE, 2009.

²⁰³Id. ARAÚJO, J. N. Sítio Estrada – Iguatu -CE, 2009.

e filhos esteja vinculada ao aspecto financeiro, e que com tal quebra certos hábitos, tomaram a imagem de desnecessários.

É muito diferente. É minha filha, quando de criança, ninguém tinha, não tinha aposentadoria pra assistir os mais velhos, não tinha emprego. Os filhos da gente morava tudo dentro de casa, a gente era quem trabalhava pra criar. E hoje uns trabalha pro canto, outros trabalha pra outro, e vão fazendo a vida deles. E a gente ficando só, só não é só assim, porque quando é fim de semana tá todos aqui, graças a Deus!²⁰⁴

Já diretamente sobre a família, Josefa Irian de Araújo faz um paralelo ligando também ao uso de determinados objetos.

E quanto a essa questão de relacionamento, é muito diferente, hoje os filhos não respeitam os pais, eu sei que muitas vezes a gente, a gente tem que entender que hoje tem mais abertura entre pais e filhos, mas não existe mais aquele respeito. No próprio casamento também, não tem mais assim, toda época existe as coisas, mas hoje a gente tem mais, não sei se, eu culpo muito a televisão. A televisão é quem atrai, é quem traz as informações, apesar de ser um veículo de comunicação muito bom a gente deveria aproveitar para as coisas boas, absorver as coisas boas, mas às vezes só absorve aquilo que o mundo traz de ruim é o que a gente aproveita mais parece.²⁰⁵

Uma outra entrevistada expressa seu ponto de vista sobre esse elemento:

É completamente diferente. Tem o respeito que não tem, o respeito pelos mais velhos. Que de primeiro, eu tia um bocado de tio que eu chamo de tio sem ser nem tio, só porque era primo de meu pai, a gente tia que tomar a bênção. Obedecer, tomar a bênção e chamar de tio. Hoje em dia tem isso!? Não existe. Não respeita nem os próprio pai que tem, imagina os tio de verdade, imagina os primo, num leva em consideração a nada. É completamente diferente.²⁰⁶

Relações que vêm modificações por vários lados,

²⁰⁴Id. NETA, M. S. Sítio Estrada – Iguatu -CE, 2009.

²⁰⁵Id. LAVOR, J. I. A. Sítio Estrada – Iguatu -CE, 2009.

²⁰⁶Id. SILVA, M. R. de L. Sítio Estrada – Iguatu -CE, 2009.

Nesse tempo era diferente bichinha, a vida era diferente das crianças. Nesse tempo um menino com 10 anos, anoitecia ia dormir, e hoje em dia vai dormir? Vai não! A vantagem que tinha era essa. Hoje em dia 10 anos ainda estão no meio da rua e os pais não dão nem notícia!²⁰⁷

O namoro à “luz da lamparina, nos pés da pessoa. Porque num tinha esse negócio de energia não, mas era só até 9 horas. Cada um pra sua casa, só namorava dia de quarta, sábado e domingo. Num era todo dia não” - Maria Vanda Andrade. Já na fala de Maria Sinha Neta vemos que

Hoje não, porque hoje as moças sai, sai mais os rapazes ninguém sabe como foi que foi, nem como foi que veio, mas de primeiro não era assim não. Tiã, *sic.* que ser uma mulher de responsabilidade, casada, pra gente se acompanhar com ela. Não era assim não. Hoje é diferente!²⁰⁸

Os moradores durante as entrevistas retiraram de suas memórias os elementos visuais, que passaram entre as relações dos moradores do sítio dentro da família, vizinhança e no sentimento de pertencimento ao lugar. Uma moradora do sítio, ao ser questionada sobre a possibilidade de ganhar uma casa mobiliada na cidade para morar e deixar o contexto do sítio Estrada, responde:

Não, deixava não! De maneira nenhuma. Pra você ver hoje as pessoas que moram na cidade, as pessoas que têm condição procuram um canto no Sítio, procura sempre comprar uma chácara, comprar uma fazendazinha e fazer um cantinho, pra ter aquele descanso, pra poder ir pra lá! Apesar da gente não ter mais segurança em canto nenhum, mas aqui é muito bem melhor, eu acho. Se fosse tão longe que a gente não pudesse ir, tudo bem. Eu sei que quando a gente vai ficando velho, mas mesmo assim ainda é difícil de você ter o hábito de morar no Sítio, seus costumes e pra você ir depois de velho pra cidade é difícil demais.²⁰⁹

Outros relatos vão entrando em nosso estudo como forma de compreender a perspectiva sobre o lugar de morar para essas pessoas. Entre cidade e sítio, cada um tem o que oferecer, assim como a cidade é associada à facilidade também há o estranhamento.

²⁰⁷Id. ARAÚJO, I. L. de. Sítio Estrada – Iguatu -CE, 2009.

²⁰⁸Id. NETA, M. S. Sítio Estrada – Iguatu -CE, 2009.

²⁰⁹Id. LAVOR, J. I. A. Sítio Estrada – Iguatu -CE, 2009.

Eu não sei porque é que eu não gosto, vou pra Iguatu porque é o jeito, mas eu não gosto nem de Iguatu, nem de Alencar, são dois lugares que eu não gosto. Se for pra dizer assim: tu vai morar no Iguatu. Eu prefiro ir morar na Cachoeira [Sítio pertencente ao Distrito de José de Alencar e que fica próximo do Sítio Estrada] mas eu não vou morar no Iguatu. Eu não gosto do Iguatu. Eu não sei o que é que eu tenho que eu não gosto de lá. Barulho! É aquela coisa, aquelas coisas fedidas, eu sei lá. Eu não gosto daquilo não. É as coisa muito abafada, eu não gosto de lá. [...] O meu salário que eu vou receber e a minha feira que eu vou fazer, que aqui não tem onde eu fazer, aí por isso que eu vou..²¹⁰

A insistência dos filhos que já moram na cidade para trazer os parentes ainda residentes no sítio, é compreendida pelo cuidado de seus idosos ficarem perto do sistema de saúde com maior segurança, mas a cidade não oferece a mesma sociabilidade presente no Sítio Estrada.

Mulher, meus filhos quer que eu vá, mas eu não sei sair de minha casa não, tenho vontade não. As vezes eu penso assim, mas depois eu quero ficar. Nasci e me criei aqui nesse lugar, muitos anos. Não tenho vontade de ir não. Os meninos querem que eu vá, as vezes eu passo três dias, quatro, vou na casa de um vou na casa de outro.[...] Eu não tenho vontade de ir morar lá em Iguatu. [...] No Iguatu tem bom, porque tem meus filhos, uma parte tá lá. E outra que eu sou uma pessoa que não tem saúde, aí eles imagina assim que as vezes eu vou adoecer de noite, é ruim pra ir pro médico [...] meu filho mas eu acho tão bom em casa. [...] Porque é a casa da gente, eu me sento aí e tô vendo todo mundo e você sabe que em Iguatu a gente fica presa lá dentro de casa, o dia todinho. Sai né, porque a gente tem que sair, mas é diferente. Eu me sento aqui no alpendre, chega um, chega outro, tá vendo, tá conversando, tá divertindo mais, dá pra se divertir.²¹¹

Sentimento de liberdade construído na vida diária do sítio. Cidade que entrega “facilidades”, inibi hábitos necessários aos olhos que vem do contexto rural.

Olhe eu acho bom aqui, mas devido a idade a gente vai ficando mais velha, aí tem que ficar mais perto da família que, meus irmãos mora, lá [centro urbano de Iguatu], tem esse sobrinho que já tá lá e ele [O filho de Dona Vanda que mora e estuda no centro de Iguatu] [...] E acho bom porque eu crio galinha, eu vou pra roça, acho bom demais. Liberto! A gente fica até tarde na calçada um pouco. Num tem perigo de tanta coisa porque na rua a gente num pode ficar sentada na calçada e aqui eu posso. É bom a facilidade, melhor. Facilidade pra gente comprar uma coisa, as vezes aqui tem o dinheiro e num pode comprar, tem que ir duas vezes no mês no Iguatu pra comprar essas

²¹⁰Id. SILVA, M. R. de L. Sítio Estrada – Iguatu -CE, 2009.

²¹¹Id. NETA, M. S. Sítio Estrada – Iguatu -CE, 2009.

coisas. Lá você tendo o dinheiro você vai no supermercado, compra uma fruta e aqui é muito difícil.²¹²

A percepção visual sobre a cidade da entrevista expressa a pluralidade de pontos de vista de um mesmo foco para os moradores da zona rural. Olhar de pesquisador que ao morar na cidade e deixar a sensibilidade falar mais alto percebe por onde perpassam as dificuldades de lidar com as chamadas facilidades urbanas.

O olhar da cidade sobre o transitar rural é motivo de perplexidade. Enquanto que a cidade para os moradores de sítio, pode até ter as “facilidades”, mas em parte é rejeitada como possibilidade de morar, e isso pelas pessoas mais idosas. É com o olhar distante que a perspectiva sobre o outro é aflorada.

Se o Sítio Estrada quando da realização da pesquisa conta com oitenta famílias, não é só porque houve redução na natalidade, mas por causa de migrações. Os entrevistados relataram que quando criança os membros da família moravam e trabalhavam todos juntos, porém na fase adulta seus irmãos buscaram na cidade e longe da agricultura provisão de vida. Já quando tiveram seus filhos, há os casos daqueles que moram e trabalham na cidade e todo final de semana estão no sítio, moram no sítio, mas trabalham na cidade, moram e trabalham no sítio e o trabalho está voltado às atividades vindas da cidade, a exemplo a escola.

Morar na cidade necessariamente não significa ser em Iguatu, há os que foram para mais longe, contudo estar fora do sítio não tem por sinônimo que o sítio esteja fora do fazer rural. A entrevista com a sr^a Lucena, conhecida por seus vizinhos de “Jisuis”, mesmo não morando no Sítio Estrada no período em análise, mas manteve vínculo constante com seus irmãos que aqui viveram. A mesma morava em sítio vizinho. Houve um tempo que a cidade foi seu lar, mas no tempo de hoje vive, no Sítio Estrada e consegue interligar sítio e cidade, não pelo tamanho, mas pelo funcionamento de ambos. Vemos com Maria Lucena de Lima – Jesus “*Jisuis*” que

Aqui no Sítio Estrada é como eu estou lhe dizendo eu nunca tinha morado. Ah, minha família, essa festa muito bonita, meus irmãos tudo moravam aqui, esse meu irmão mesmo morava aqui e eu era daqui de dentro dessa festa, desse movimento da Estrada. Toda hora eu tava aqui, mas toda minha família. E aí eu vivi essa temporada no Rio porque eu não tenho a tendência de ficar quieta [...] E por lá eu fiquei na Baixada Fluminense 11 anos e tudo, até mesmo na agricultura eu trabalhava, logo nós tinha um terreno muito

²¹²Id. ANDRADE, M. V. Sítio Estrada – Iguatu -CE, 2009.

grande lá na Baixada Fluminense, esse terreno outro dia me perguntavam aqui, eu plantava de tudo [...]. Lá no Rio eu fazia plantio de verdura, macaxeira que lá ninguém chama macaxeira chama é aipim, eu fazia um plantio de inhame, inda outro dia eu tava dizendo: eu cansei de tirar batata de inhame com 10kg. Pois bem, eu sempre fui assim da roça. Nunca fui aquela pessoa do espírito, cidade!²¹³

A vivência entre nove irmãos para José Nilton Araújo, em que todos da roça tiravam os mantimentos, resta apenas este e um irmão morando atualmente no Sítio Estrada, oito estão em São Paulo. Suas palavras descrevem:

Aqui era mais difícil as coisas pra caçar outro meio melhor. Hoje tão tudo numa boa em São Paulo, distante, mas tá bom! Tudo vive por conta própria. Tudo casado e de casa própria, em São Paulo. Quer dizer que dar par ter um bom recurso, porque só em ter uma casa própria em São Paulo!²¹⁴

As palavras da sr^a Iracema estabelecem paralelo entre viver na cidade ou no sítio, numa referência às suas irmãs. Foram dezesseis irmãos, hoje o número está em dez.

Minha família mora quase toda em Fortaleza. Só mora aqui três irmãs. [...] Ainda hoje eu tenho uma irmã que mora em Fortaleza, ela trabalhava na roça apanhando algodão pra poder comprar o que ela queria. Aí ela dizia assim: eu era feliz e não sabia que era feliz! (risadas). Eu digo: por quê? Ela diz: Porque naquele tempo eu era feliz porque não tinha tanta obrigação, não tinha tanta preocupação, e hoje a gente tem as coisas e não é feliz porque a gente tem muita preocupação na vida da gente.²¹⁵

Palavras que se misturam no uso de produtos do sítio e da cidade, mostrando que a memória está composta pela separação e junção da funcionalidade de cada espaço. Quando perguntamos sobre os medicamentos utilizados no momento que alguém adoecia, a resposta que tivemos fez alusão ao que vem do espaço rural e urbano, como se fossem um espaço apenas.

²¹³LIMA, M. L. de. **Maria Lucena de Lima – Jisuis**. Moradora do Sítio Estrada. Depoimento [mai. 2010]. Entrevistadora: Jucilane de Sousa Carlos. 1 fita cassete (60min), pps, estéreo. Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa em razão do Mestrado Acadêmico em História Cultural - MAHIS/UECE. Sítio Estrada – Iguatu -CE, 2010.

²¹⁴Id. ARAÚJO, J. N. Sítio Estrada – Iguatu -CE, 2009.

²¹⁵Id. ARAÚJO, I. L. de. Sítio Estrada – Iguatu -CE, 2009.

Remédio caseiro, remédio caseiro que a gente fazia e tomava. Tinha um que tinha asma, pegou uma asma, foi curado com bromil. É um remédio que a gente compra na farmácia, se curou-se graças a Deus! Tem malva, mastruz, rumã, quina-quina para febre. Fazia aquele chá de casca de quina-quina e dava, a pessoa de enrolava todinha, quando soava, aí a febre desaparecia. Depende do remédio. Porque às vezes um xarope não serve de nada, você toma um, dois, às vezes um comprimido serve melhor ou uma injeção.²¹⁶

Harmonia e divergência nas impressões que norteiam a cidade, necessitar do urbano e viver o rural. É o urbano usando a cidade. Relatos de um mesmo acontecimento histórico. Elementos aglutinados para chegar ao todo.

Em elementos temos o fazer rural a partir das perspectivas sobre o urbano, se aglutinado por temporalidades de dias, meses a anos, em espaços criados e recriados conforme seus ocupantes.

Memórias que guardaram o viver rural, sentiram os elementos urbanos em suas vivências, constituíram outro contexto rural e se modificaram enquanto relações espaciais, pessoais e materiais. Memória que falou de sua vida diária, pesquisa que tentou retirar das falas dos sujeitos às subjetividades até construir a historicidade de um contexto rural hibridado entre urbano e rural. Vidas que apresentaram as corroborações para adaptação histórica.

²¹⁶Id. ARAÚJO, I. L. de. Sítio Estrada – Iguatu -CE, 2009.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo do espaço rural é defasado na produção acadêmica contemporânea em vista de maior evidência aos estudos sobre urbano na historiografia. Essa é uma cogitação levantada quando buscávamos estabelecer uma discussão teórica para o rural, dentro do contexto temporal que temos por referência. Eis o primeiro desafio à nossa frente.

Entendemos que tal dificuldade diz respeito ao que a cidade viveu nos últimos cinquenta anos do século XX. Seus moradores e aqueles vindos do contexto rural passaram a viver os processos da urbanização, que desencadeada pelo território nacional, regional e local, apresentou-se entre ritmos e características peculiares para cada espaço social.

Espaços rurais foram urbanizados, a estrutura funcional da urbanização entre técnica e mecanização trouxera empatia entre os sujeitos e a arrumação de suas vidas. Um estudo que traz a necessidade de comunicação com outras ciências.

Fomos à busca de estabelecer paralelo com outras discussões, refugio advindo da defesa de Febvre e Bloch para que historiadores aprendessem com as disciplinas mais próximas, sem perder de vista suas diferenças. Cooperação interdisciplinar que Peter Burke, em *História e Teoria Social*, aborda como viabilidade de estudar todas as atividades humanas, permitindo que entre especificidades e abrangências a história esquive de estudos de narrativas de eventos ou análise de “estruturas”.

Ação dentro das Ciências Sociais, oportunizando estudar de forma mais ampla e plural os fenômenos sócio-culturais, mas percebendo na História o papel de situar tais aspectos no tempo e espaço. Movimentos interdisciplinares da História com a Geografia, Antropologia, Sociologia, Economia, Psicologia, por exemplo.

Em nosso trabalho a comunicação com a Geografia foi empregada de forma mais acentuada, porque encontramos nesta área maior foco de estudo sobre os passos constitutivos para o que se convencionou chamar de espaço urbano. Em alguns trabalhos sobre urbano abordamos o rural e desta associação nos foi possibilitado o ingresso nas categorias de cidade, urbano, campo e rural.

A leitura realizada buscou retirar das linhas geográficas o entendimento para as oscilações demográficas em área urbanas e rurais, as interferências da cultura algodoeira

nas formas organizacionais de muitos municípios cearenses e seu paralelo com a linha férrea. O mesmo trem que levava em seus vagões os produtos que saíram das indústrias de beneficiamento era o que trazia não só pessoas para o trabalho na agricultura chegavam hábitos, costumes e objetos que perpassavam pelas relações públicas e privadas.

Na compreensão das quatro categorias mencionadas acima e seus mecanismos relacionais, ficou visível que momentaneamente estão separadas e por vezes são indissociáveis, se tornaram peças chave por sua capacidade de interação.

O recurso propício não traz por sinônimo o telescópio, mas em se tratando de metáfora, a relação é com o microscópio. A Microhistória, também questionada na pesquisa histórica, em vias de serem costumeiramente pesquisados temas macro, nos trouxe outro obstáculo a ser superado.

As peculiaridades do objeto que buscamos esmiuçar estiveram dentro das modificações do contexto rural à luz das relações de seus moradores com a área urbana e consideramos as alterações urbanas que necessitava infiltrar-se em outros espaços. Uma dupla descrita em que ou o urbano se impõe sobre o rural, ou o rural escolheu o que de urbano poderia se achegar em suas vidas. A cogitação que escrevemos propõe as transformações para o rural na sua função, forma e funcionalidade.

As transformações geradas foram sentidas em nível nacional até chegar ao local. Tecido social rural projetado com fios urbanos, apropriados por seus moradores entre espaço rural e urbano, concedendo outros sentidos para o fazer rural.

Espaço rural ou “sítio”, um termo codificado historicamente ao longo de anos através do fazer de seus ocupantes e usuários. O Sítio Estrada como espaço físico para estudo das modificações rurais e o centro urbano do município em que este está inserido, Iguatu, como a área urbana em questão, foram esquematizados em nossos estudos.

Algumas respostas surgiram para acessar o que identificamos por modificações do contexto rural, encontradas nas falas dos moradores desse espaço. Vimos que entrevistar os moradores da área que separamos para análise traria as respostas a alguns questionamentos. As entrevistas deram vazão à memória, que dantes estava reclusa porque viu ao longo de anos apenas a valorização de pessoas que tiveram acesso a formação do conhecimento nas escolas da cidade. Os moradores do Sítio Estrada quando se viram ligados diretamente ao fazer diário dentro da conjuntura da agricultura

de subsistência e esta vivida com espaçoso assessoramento do governo em todas as instâncias, relutaram em aceitar que também detinham conhecimento e que podiam fazer história.

Uma etapa vivida para conseguir desmistificar não só em idosos tal conceito, mas também nos mais jovens, que por um breve momento em nosso trabalho de campo não conseguiam ver suas vidas inseridas num contexto macro da história rural e urbana.

Tal memória, explorada pela história de vida abriu as cortinas da subjetividade para o rural. Permitiu nossa análise, com certa dose de sensibilidade e o entrelaçar das relações pessoais, sociais, materiais e espaciais.

Alguns personagens podem ser aqui notificados como as pessoas que permitiram escarafuncharmos suas vidas e colaboraram com essa pesquisa, moradores do Sítio Estrada.

Josefa Irian Araújo Lavor – conhecida como “Maninha” – 55 anos de idade. Esposa de um criador de gado, Vicente Lavor, não trabalhou diretamente com a criação do gado nem com a venda do leite, mas ao gerenciar seu lar mantém uma horta no quintal de casa que fornece verduras para os outros moradores. Atuou como líder da associação de moradores do Sítio Estrada. Contribuiu para o encanamento de água nas casas e na ampliação da Escola com a construção de mais salas de aula.

Maria Vanda Andrade – conhecida como “Vanda” – 50 anos de idade. Filha de agricultores, o pai já teve um comércio no sítio em que a mesma cuidava. Cresceu junto com seus nove irmãos a partir do trabalho na roça. A iluminação à noite era com a lamparina. Recorda o costume da época de sua mãe, que com dezoito dias de namoro já tinha que casar.

Helena Andrade de Lavor – conhecida como “Dona Helena” – 74 anos de idade. Seu pai foi o doador do terreno da primeira escola, junto com seus quinze irmãos trabalhou com seus pais na roça, as mulheres estudaram e ajudavam nos trabalhos domésticos também, mas aos seus irmãos homens o que cabia era apenas a roça. Rachava o olho da carnaubeira para fazer trança e costurar o chapéu de palha. Dos móveis que tinha em casa houve a troca da cangalha e pote para o tanquinho de lavar roupa e a geladeira, depois que foi instalada a energia elétrica e passou a receber a aposentadoria.

José Nilton Araújo – conhecido como “Zé Nilton” – 64 anos de idade. Nasceu aos cuidados de parteira, sendo ensinado a chamá-la de “mãe velha” e pedir a bênção.

Aprendeu a ler em casa junto com seus nove irmãos, através de uma professora que seu pai pagava. Casou com 27 anos e sua esposa já “velha” com 15 anos de idade. Junto com seu Valdemar, foram os primeiros a transportarem pessoas a carro para o centro urbano de Iguatu. Entre levar e trazer mulheres grávidas, até ao hospital maternidade na cidade, para terem seus filhos, e os moradores do Sítio Estrada junto com o mobiliário comprado na área urbana de Iguatu para suas casas, gaba-se porque em 38 anos de motorista não sofreu nem causou nenhum acidente. Criou seus cinco filhos sem que soubessem o caminho da roça e sim o caminho da escola, atualmente um dos filhos é professor no sítio.

Maria Rodrigues de Lavor Silva – conhecida como “Maria” – 62 anos de idade. Filha de agricultores estudou apenas na infância e no Sítio Estrada mesmo, experimentou o peso da palmatória aplicada pela professora na escola. Quebrou a vasilha de barro que levava a comida para o pai e os irmãos na roça, cabendo aos mesmos retirarem de dentro dos cacos de barro a comida que servia para matar a fome. Seu pai vendia algodão no centro urbano de Iguatu e comprava sapatos e roupa para a família. Cansou de trabalhar na roça mesmo embaixo de chuva.

Maria Sinhá Neta – conhecida como “Madrinha Sinhá” – 79 anos de idade. Sua mãe era costureira de corona, tipo de almofada para colocar no animal que vai ser montado por alguém, e o pai trabalhava na roça e criava gado. Por ser a mais velha foi criada em casa para fazer a comida e cuidar dos irmãos mais novos. O estudo que teve foi no Sítio Estrada. Adulta, passou a ensinar na escola do sítio. Escritora de cartas, os vizinhos a procuravam para escrever as cartas que eram enviadas para São Paulo, para o Crato, para Iguatu, sem precisar que o dono da mesma dissesse a mensagem, as cartas agradavam de tal maneira que a resposta também deveria ser escrita por “Madrinha Sinhá”.

Maria Dolores de Araújo – conhecida por Dolores, moradora do Sítio Estrada há trinta e oito anos. Falou sobre os primeiros moradores dessas terras e das relações familiares, entre modificações e permanências. Ao casar com seu José Nilton Araújo enfrentou junto com seu marido o trabalho na roça, assim ela descreveu sua jornada:

[...] fazia comida para trabalhador, a gente quando casa pega logo é uma batalha na vida da gente. Zé Nilton plantava nas terras dele, alugava terra pra plantar, ele plantava e eu fazia as comidas para os trabalhadores. É a mesma coisa de trabalhar na roça a diferença é só o sol. Trabalhei muito.”

Zildeth Carlos Limeira – 64 anos de idade moradora no Sítio Estrada, durante a lida doméstica relembra dos tempos de outrora a partir da relação com sons da natureza, como: “quando estou catando o arroz e escuto esses bichos [passarinhos cantando] só lembro do tempo de criança com papai lá na Serrada da Donana”. As lembranças puxam pelos laços familiares no reduto de pais e irmãos, uma vida na dureza do trabalho da roça. Sua mãe era costureira de chapéu de palha e seu pai fazia remédio caseiro, conhecido por garrafada, e sela de madeira para montaria de jumento ou cavalo. Atualmente mora com o esposo, Lourival Limeira, dos sete filhos apenas um mora também neste Sítio, os outros moram no centro urbano de Iguatu. Os finais de semana, feriados prolongados e festividades das mais diversas são motivações para reunir a família seja no Sítio ou na cidade.

Lourival Limeira dos Anjos – 65 anos de idade, veio com a família da Serra da Estrela que fica entre os municípios de Jucás e Saboeiro – CE, para morar no Sítio Estrada. Aqui chegando comprou um pedaço de terra para construir a casa para a família, já as terras para cultivo vinham da relação de “meação”, quando findo o período chuvoso trabalhava de “vazante” – cultivo em terras próximas de açudes que possibilitavam a irrigação. Sr. Lourival junto com sua esposa Zildeth criou os sete filhos dentro da lida da roça, o que não quisesse ir “para o trabalho na inchada”, tinha que ajudar nos serviços domésticos. É no alpendre de sua casa que diariamente escuta rádio, ouve e rir com os programas que trazem as notícias da cidade e vizinhança.

A construção das fontes dessa pesquisa a partir dessa entrevistas com essas pessoas, mais que descrição da relação sócio material, econômica e espacial, para urbano e rural, pode nos dá referências do quão sinuoso é a organização da vida.

Ciloni Carlos de Sousa - As lembranças de minha mãe, senhora com 65 anos, sobre sua vivência pelos vários Sítios que morou junto com sua família: Atoleiro, Lagoa Redonda, Barbatana - Alencar; Juá e Bravo – Gadelha; Serra da Donana - entre os municípios de Jucás e Saboeiro - CE; Lagoa Seca - Varjota. Moradora de Sítio, junto com os onze irmãos, pai e mãe. Uma vida rural com a prática da agricultura, ainda quando criança veio morar na cidade junto com uma tia, mas não perdeu os laços com a família. Costumeiramente, ia para casa no sítio e viveu entre cidade e campo, mas foi na cidade que construiu e manteve suas raízes. Iniciou aqui o que me instigou a este estudo, nasci e cresci em um laboratório vivo e eclético entre rural e urbano, que me levou da subjetividade de interpretações sociais pra os moldes atuais da academia.

A História Oral foi o instrumento que moveu as formas da memória lembrar e esquecer. O gravador ligado para registrar e respeitar a essência das falas, ora trazia a inibição e muito cuidado do que poderia ser falado, quando não, até a rejeição total de seu emprego por parte dos entrevistados. Não buscamos por enumerar objetos usualmente rurais, fugimos dessa prática, porém deixamos que os entrevistados aflorassem o sentimento de pertencimento ao espaço e reconhecimento de construção e modificação de práticas e relações.

Fato curioso foi termos vivido a experiência de um entrevistado desmarcar a entrevista quando viu o gravador ligado à sua frente. Enquanto pesquisadora não negamos o desânimo com essa cena, mas entendemos o momento desse senhor. Entrevista conseguida indiretamente, ao nos dispormos assar castanha de caju, junto com esse senhor, no quintal de sua casa, mesmo que de forma bem artesanal.

Mexer com uma vara de pau as castanhas assando numa bandeja de alumínio sob o fogo de um fogão a base de paredes de tijolos montadas no chão com a lenha por entre as duas, fez conhecer até mais do que esperávamos. A infância na roça com os pais e irmãos, a mudança já com a esposa e filhos para o Sítio Estrada, como o Sítio recepciona os novos moradores, aquisição de terras para trabalhar e morar, as viagens à trem iniciadas na Estação em Alencar, e dos sete filhos, dentre eles cinco experimentaram a lida da roça, com o passar do tempo apenas um permaneceu.

Senhor que mesmo aposentado mantém vínculo com a agricultura, como lazer. Sentar para conversar com este e seu filho que também, em parte chuvosa do ano, retira da agricultura o mantimento de seus familiares, é ouvir um paralelo do contexto rural para duas gerações.

A História Oral é envolvente pelas vias de acesso à memória e compreensão do objeto analisado. Objeto restrito até o momento pela análise do contexto rural em suas modificações nas relações de seus moradores com a cidade. A pesquisa amplia mais ainda o olhar, agora para as vivências, estranhamentos e fascínios dessas pessoas pela cidade, percebendo que os hábitos empregados no contexto rural também chegaram aqui e tiveram as devidas reações.

Cidade vivida por moradores de sítio e que daí saíram doses de estranhamentos. Falas que expressaram nas relações com a cidade a perspectiva e estranhamento para os contornos urbanos. Quando na cidade as impressões dessas pessoas afirmaram a certeza

que os afastam da ideia de pertencimento ao urbano, e necessariamente os aproxima mais ainda do rural.

Há o estranhamento de costumes próprios das relações interpessoais ao colocar o olhar fazendo comparação entre gerações, também tem o confronto desse estranhamento com o que as suas próprias mãos trouxeram da cidade ou permitiram entrar, mesmo que diretamente não ocorra o reconhecimento.

Percepção das mudanças do contexto rural visualizadas no emprego de coisas, dentro do que ousamos aplicar a terminologia para a relação social e material. Isso é percebido para quem chega da cidade ao sítio e vê, por exemplo, no boiador o uso da buzina da moto para conduzir o rebanho de gado ao invés do chicote feito de couro ou do cipó de uma planta, encara a cena com doses de estranhamento.

Assim tornou-se acessível trazer as discussões de hibridismo, para que a contemplação desse quadro rural seja por entre contextos sociais envolvidos nos processos históricos. Falamos de rural com o urbano, não é só sítio, como também não é só cidade. Entendemos que tais construções possam também ser reflexos dos desejos de seus moradores para que seu espaço geográfico em breve chegue à cidade. Estariam então os espaços rurais afunilando seu contexto para presença apenas na memória? Seriam talvez, espaços com contextos e relações híbridas?

Fazer essa pesquisa empreendeu desafios, além de historicizar acontecimentos. Algumas vezes em nosso estudo permeou o receio de fomentar em demasiado laços sociológicos, econômicos ou geográficos, e perder a direção da historiografia. Receio gerado possivelmente por certa imaturidade acadêmica. Superação adquirida por acreditar no que reconhecemos como foco da pesquisa.

Mais que deixar um trabalho acadêmico registrando a história rural e a conquista pessoal de um título, acreditamos que essa pesquisa nos deixou o apreço por seu desenvolvimento no contexto rural. Relembrar épocas vividas no sítio, uma maior aproximação com os outros moradores em virtude das entrevistas, quando estes faziam questão de nos apresentar seu jardim, a comida feita de milho, os artesanatos feitos de objetos dantes úteis na lida doméstica, como o pilão, lamparina, pote de barro, peças de motor da máquina de moer arroz, a cuia de catar o arroz dentre outros.

São momentos que ficam na lembrança da pesquisadora, em vista desse ser a primeira a defender seu objeto. Recusar a TV para na calçada ficar sentada com quem

faz questão de balançar-se sobre a brisa do gostoso vento que só chega à noite, e daí elucidar muitas das lembranças do tempo de outrora.

Reconhecer o apego aos laços que pessoas do sítio conseguiram construir por entre anos com tantas dificuldades, as viabilidades empregadas para viver em meio às limitações, as mutualidades entre os moradores, e conseqüentemente o emprego de novos sentidos ao fazer rural diante de suas relações com o urbano.

Pessoas que vivificam espaços, criam hábitos e escrevem sua história. É por tudo isso e muito mais que estudamos o rural e concluimos essa pesquisa, certos que não são finitos os laços dessa gama social.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALBERTI, Alberti sobre **Fontes Orais: Histórias dentro da História**. In: Pinsky, Carla (org.) Fontes Históricas. São Paulo, Contexto, 2005.

ALENCAR, João Vitor Oliveira e AMORA, Zenilde Baima. **Dinâmicas Urbanas não Metropolitanas: Um Estudo de caso em Iguatu, Ceará**. Revista Homem, Espaço e Tempo. março de 2011. Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Centro de Ciências Humanas - CCH. Disponível em: <http://www.uvanet.br/rhet/artigos_marco_2011/dinamicas_nao_metropolitanas.pdf> Acesso em: 10/10/2011.

AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de M. (org.) **Usos & Abusos da História Oral**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

AMORA, Z. B. (Org.) **Cenários Geográficos: reflexões e enfoques**. Fortaleza: EDUECE, 2009.

_____. **O Ceará: enfoques geográficos**. 01. ed. Fortaleza: FUNECE, 1999. 143 p.

_____. ORIÁ, R. ; SOUZA, S. ; CAVALCANTE, T. . **Construindo o Ceará**. 2ed. ed. Fortaleza: Edições Fundações Demócrito Rocha, 1996. v. I. 126 p

_____. **Cidade médias: considerações sobre a discussão conceitual**. In: Nilson Almino de Freitas; Martha Maria Júnior; Virgínia Célia Cavalcante de Holanda. (Org.). Múltiplos olhares sobre a cidade e o urbano: Sobral e Região em Foco.. Sobral: EDUECE, 2010, v. p. 273-288.

_____. **Cidades Médias: considerações sobre a discussão conceitual**. In: JÚNIOR, Martha Maria; FREITAS, Nilson Almino; HOLANDA, Virginia Célia.. (Org.). Múltiplos olhares sobre a cidade e o urbano: Sobral e Região em foco.. Sobral: Edições Universitárias, UVA, 2009.

_____. **Costa . Olhando o mar do sertão: a lógica das cidades médias no Ceará**. In: Maria Encarnação Beltrão Sposito. (Org.). Cidades médias: espaços em transição. 1 ed. São Paulo: Expressão popular, 2007, v. , p. 343-378.

_____. **Indústria e Espaço no Ceará** . In: José Bozarchiello da Silva. (Org.). Ceará: Um Novo Olhar Geográfico. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2005.

_____. **O Processo de urbanização**. In: Denise Elias. (Org.). O novo espaço da produção globalizada. 1 ed. Fortaleza: FUNECE, 2002, v. 1, p. 163-176.

_____. **Espaço urbano Cearense: breves considerações.** In: Zenilde Baima Amora. (Org.). O Ceará: enfoques geográficos. 01 ed. Fortaleza: FUNECE, 1999, v. 01, p. 25-40.

_____. **Aspectos históricos da industrialização do Ceará** - Artigo do Livro (Historia do Ceara).. In: Simone de Souza. (Org.). A INDUSTRIALIZACAO DO CEARA - ARTIGO DO LIVRO (HISTORIA DO CEARA).. 02 ed. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha (Stylus Comunicações), 1989, v. 01, p. 117-124.

ANTHONY, Giddens. **As consequências da modernidade.** Tradução: Raul Fiker. – São Paulo: Editora UNESP, 1991.

APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural.** Tradução de Agatha Bacelar – Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense. (1ª reimpressão 2010)

ARAÚJO, Maria Helena de. **Desigualdade e Pobreza no Ceará: O Caso do Projeto São José.** Fortaleza, 2006 – UFC. p.20. Disponível em: <<http://www.prodema.ufc.br/dissertacoes/069.pdf>> Acesso em: 13 nov.2011.

ARRUDA, Gilmar. **Cidades e Sertões: entre a prática e a memória.** – Bauru, SP: EDUSC, 2000.

BAGLI, Priscila. **Rural e urbano: harmonia e conflito na cadência da contradição.** In SPOSITO, M. Encarnação Beltrão, WHITACKER, Arthur Magon. Cidade e Campo: relações e contradições entre urbano e rural. 1ª Ed. São Paulo. Expressão Popular, 2006.

BARBOSA, Agnaldo de Sousa. **Redescobrimo o Brasil: os desafios da História Local e Regional.** XII Semana de História da UNESP/Franca, em outubro de 1998. Disponível em: <http://www.franca.unesp.br/PROPOSITO_REGIONAL.pdf> Acesso em: 30 out.2011.

_____. **A Propósito de Um Estatuto para a História Local e Regional: Algumas Reflexões.** Disponível em <www.franca.unesp.br/PROPOSITO_REGIONAL.pdf> Acesso em: 04 jul. 2011.

BARBOSA, Ivone Cordeiro. **Sertão: um lugar-incomum: o sertão do Ceará na literatura do século XIX.** Rio de Janeiro: Relume Dumará: Fortaleza, Ce: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado, 2000.

BARROS, José D'Assunção. **O Campo da História: especialidades e abordagens.** – Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BERNARDELLI, Mara Lúcia Falconi da Hora. **Contribuições ao debate sobre o urbano e o rural.** In SPOSITO, M. Encarnação Beltrão, WHITACKER, Arthur Magon.

Cidade e Campo: relações e contradições entre urbano e rural. 1ª Ed. São Paulo. Expressão Popular, 2006.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. – São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

_____. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 12ª edição. São Paulo: Companhia das Letras. 2004.

BRESCIANI, Maria Stella (org.) **Palavras de Cidade**. – Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2011.

BRUM, Argemiro J. **O Desenvolvimento Econômico Brasileiro**. – 20 ed. – Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1999.

BUCAILLE, Richard e PESEZ, Jean-Marie. **Cultura Material** In. Enciclopédia Einaudi, Lisboa, IN-CM, 1989, vol. 16 – *Homo* – Domesticação – *Cultura Material*, p. 11 – 47

BURKE, Peter. **História e Teoria Social** tradução Klauss Brandini Gerhardt, Roneide Venâncio Majer. – São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CANCLINE, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução: Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa; Tradução da Introdução: Gênese Andrade. – 4. Ed. 4. reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. – (Ensaio Latino-americanos, 1)

CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo. (orgs.) **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. – Rio de Janeiro: Elsevier, 1997. – 19ª Reimpressão.

CARVALHO, K. B. ; AMORA, Z. B. **Distritos Industriais: algumas considerações conceituais e aplicabilidade no contexto cearense**. In: Amora, Zenilde Baima. (Org.). Cenários geográficos: reflexões e enfoques. Fortaleza/CE: EDUECE, 2008

CAVALCANTE, T. ; AMORA, Z. B. ; SILVA, J. B. ; SILVA, A. C. . **Construindo o Ceará** (Geografia). 1. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2006. v. 1. 176 p.

CÊPA, João Paulo Derocy. **A microhistória e a “periferia” do poder**. Disponível em: <www.rj.anpuh.org/.../rj> Acesso em: 03 ago 2011.

CERTEAU, Michel de, **A Escrita da História**. Tradução: Maria de Lourdes Menezes; Revisão técnica: Arno Vogel. – 2. Ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

_____. **A Cultura no Plural**. Tradução: Enid Abreu Dobránszky. – Campinas, SP: Papirus, 1995.

COUTO, Francisco de Assis. **Paróquia de Iguatu (sua formação eclesiástica) dos seus primórdios até nossos dias**. Fortaleza – CE. Editora A. Batista Fontenele. 1958.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica 2006.

ENDLICH, Ângela Maria. **Perspectivas sobre o urbano e o rural**. In SPOSITO, M. Encarnação Beltrão, WHITACKER, Arthur Magon. Cidade e Campo: relações e contradições entre urbano e rural. 1ª Ed. São Paulo. Expressão Popular, 2006.

ESPADA LIMA, Henrique. **A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades**. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

FENTRESS, James, WICKHAM, Chris. **Memória Social: novas perspectivas sobre o passado**. tradução: Telma Costa. Lisboa: Editorial Teorema, LDA, 1992.

FILHO, Mozart Lacerda. **Nova história cultural e micro-história: uma breve reflexão de suas origens**. Disponível em: <www.revistamuseu.com.br/artigos/art_.asp?id=5619>. Acesso em: 10 set. 2011.

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral: possibilidades e Procedimentos**. – São Paulo: Humanitas/FFCH/USP. Imprensa Oficial do estado, 2002.

GINZBURG, Carlo. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. **Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância**. tradução de Eduardo Brandão. – São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GONÇALVES, Luiz Antonio Araújo ; AMORA, Z. B. . **O lazer e a Beira-Mar de Fortaleza: Temporalidades e territorialidades**. In: AMORA, Zenilde Baima. (Org.). Cenários geográficos: reflexões e enfoques. Fortaleza/CE: EdUECE, 2008, v. , p. -.

GRAÇA FILHO, Afonso de Alencastro. **História, Região & Globalização**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. – (Coleção História &... Reflexões).

História da Comunidade: Sítio Estrada. Documento Escrito: Pesquisa sobre o Sítio Estrada. Autor Desconhecido.

HOLANDA, Sergio Buarque de. **Raízes do Brasil**. - 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOLANDA, V. C. C. (Org.) ; AMORA, Z. B. (Org.) . **Leituras e Saberes Sobre o Urbano: Cidades do Ceará e Mossoró no Rio Grande do Norte**. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2010. 246 p.

Instituto Brasileiro De Geografia e Estatística – IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática – SIDRA. Censo Demográfico e Contagem da População.** Disponível em: <www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=1288&z=cd&o=3&j=P> Acesso em: 18 ago 2011.

Instituto Brasileiro De Geografia e Estatística – IBGE. Resultado de Amostra do Censo Demográfico 2000 – Malha Municipal Digital do Brasil: situação em 2000. Rio de Janeiro: IBGE, 2004. Ver também IBGE: Ver: Censo Demográfico: 1960, 1970, 1980 e 1991.

LEITÃO, Cláudia. **Memória do Comércio.** Rio de Janeiro, Editora SENAC, 2001. - página 169 – 170.

LEVI, Giovanni. **A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII.** Prefácio: Jacques Revel; Tradução: Cynthia Marques de Oliveira. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LIMA, Átila de Menezes. **A Geografia Histórica de Iguatu - CE: uma análise da cultura algodoeira de 1920 a 1980.** – Fortaleza, 2011. Orientadora: Profª Zenilde Baima Amora. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Geografia) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Ciências e Tecnologia. Área de Concentração: Análise Geoambiental e Ordenação do Território nas Regiões Semi-Áridas e Litorâneas. Disponível em <http://www.uece.br/mag/dmdocuments/atila_dissertacao.pdf> Acesso em: 03 out. 2011.

_____. AMORA, Z. B. . **O algodão e seu papel na produção do espaço: o caso de Iguatu - CE.** In: Virgínia Célia Cavalcante de Holanda; Zenilde Baima Amora. (Org.). **Leituras e Saberes Sobre o Urbano: Cidades do Ceará e Mossoró no Rio Grande do Norte.** Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2010, v. , p. 221-242.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **Memória e Cultura Material: Documentos Pessoais no Espaço Público** vol. 11, nº 21 (1998): Arquivos Pessoais – Artigos: Memória e Cultura Material: documentos pessoais no espaço público. Revista Estudos Históricos. Disponível em: <www.bibliotecadigital.fgv.br/> Acesso em: 04/08/2011.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método.** – 5. ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

_____. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.** – 4. Ed. 5. reimpr – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

_____. **A Urbanização Brasileira.** – 5. ed., 2. reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

MIN, Sérgio Paulo Ribeiro Lyra D. **Nordeste: Antropologia e Missão na Cidade Pequena.** Disponível em:< www.teologiapratica.com.br/.../10-nordeste-sociologia-e-missao-na-c...> Acesso em: 04 ago. 2011.

MONTENEGRO, José Hilton Lima Verde. **A Estrada de Ferro de Iguatu**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2010.

MONTENEGRO, Antonio Torres, **História Oral e Memória: a cultura popular revisitada** – São Paulo: Contexto, 1992. – (Caminhos da história).

NOGUEIRA, Alcântara. **Iguatu: Memória Sócio – Histórico – Econômica**. 2ª ed. Fortaleza- 1985.

PAULO, Eduardo. **Espaço geográfico e território: conceitos-chave para a Geografia**. Atlas da Questão Agrária Brasileira. Disponível em: <http://www4.fct.unesp.br/nera/atlas/espaco_territorio.htm> Acessado em: 28/07/2011.

PEREIRA, Paulo César Xavier. **Cidade: sobre a importância de novos meios de falar e de pensar as cidades**. In BRESCIANI, Maria Stella. Palavras de Cidade. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Revista Brasileira de História**, vol. 27, nº 53. Julho de 2007.

_____. **O Imaginário da Cidade: visões literárias do urbano**. – 2. Ed. – Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

SANTO, Milton, **A Urbanização Brasileira** – 5. Ed., 2. reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

_____. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. – 4. Ed. 5. reimper. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009. – (Coleção Milton Santos; 1)

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão, **A questão Cidade-Campo: perspectivas a partir da cidade**. In. SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão, WHITACKER, Arthur Magon, (organizadores) – 1.ed.—São Paulo: Expressão Popular, 2006.

_____, WHITACKER, Magon. (org.) **Cidade e Campo: relações e contradições entre urbano e rural**. 1. ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2006.

SPÓSITO, Eliseu Savério, SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão, SOBARZO, Oscar. (org.) **Cidades Médias: produção do espaço**. 1. Ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2006.

TELES, G. A. ; AMORA, Z. B. . **Caucaia no processo de metropolização e expansão de Fortaleza**.. In: Catia Antonia da Silva, Désirée Guichard Freire, Floriano José Godinho de Oliveira.. (Org.). MetrÓpole: Governo, Sociedade e TerritÓrio. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, v. 1, p. 425-432.

WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta, VELÔSO, Thelma Maria Grisi (Org.) **Oralidade e Subjetividade: os meandros infinitos da memória.** Campina Grande: EDUEP, 2005.

VELHO, Gilberto. **A Utopia Revisitada: um estudo de antropologia social.** – 6. ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2002.

RESUMOS EXPANDIDOS PUBLICADOS EM ANAIS DE CONGRESSOS

LEMES, Carla da Costa; LEMES, Kátia; MATOS, Patrícia Francisca. **Urbano ou Rural? Uma Análise do Distrito de Ubatã – Orizona (GO).** XI EREGEO – Simpósio Regional de Geografia: A Geografia no Centro-Oeste Brasileiro: Passado, Presente e Futuro. UFG – Campus Jataí - GO – 04 a 07 de setembro de 2009.

LIMA, A. de M. ; AMORA, Z. B. . **O conjunto de tessituras que produziram o espaço de Iguatu: uma perspectiva geohistórica.** In: SEMINÁRIO DINÂMICAS TERRITORIAIS URBANAS, 2009, Fortaleza.

PINHEIRO, L. M. ; AMORA, Z. B. . **Cidades Médias Cearenses, um estudo de caso: Iguatu.** In: SEMINÁRIO DINÂMICAS TERRITORIAIS URBANAS, 2009, Sobral.